



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Raimundo Nonato Gomes de Carvalho

A entronização de Cristo em Apocalipse 4-5:
uma análise exegético-teológica

SÃO PAULO
2025

Raimundo Nonato Gomes de Carvalho

A entronização de Cristo em Apocalipse 4-5:
uma análise exegetico-teológica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Teologia, sob orientação do Prof.
Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo.

SÃO PAULO

2025

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: Raimundo Nonato Gomes de Carvalho

Data: 28 / 10 / 25.

E-mail: nonato.puc@hotmail.com

Ficha

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

C331 Carvalho, Raimundo Nonato Gomes de
A entronização de Cristo em Apocalipse 4-5: uma análise
exegético-teológica. / Raimundo Nonato Gomes de Carvalho. -
São Paulo: [s.n.], 2025.
108p. il. ; 30 cm.

Orientador: Gilvan Leite de Araújo.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração.

1. Apocalipse. 2. Exegese bíblica. 3. Trono de Deus. 4.
Cordeiro. I. Araújo, Gilvan Leite de. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Administração. III. Título.

CDD

RAIMUNDO NONATO GOMES DE CARVALHO

A ENTRONIZAÇÃO DE CRISTO EM APOCALIPSE 4–5:
UMA ANÁLISE EXEGÉTICO-TEOLÓGICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, com concentração na área bíblica, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo.

Aprovado em ____ de setembro de 2025

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo (orientador – PUC-SP)

Prof. Dr. Matthias Grenzer (membro interno – PUC-SP)

Prof. Dr. Claudio Francisco de Oliveira (membro externo - São Pamasco-SP)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada esposa, Christina, companheira fiel de fé e jornada. Sua presença constante, seu apoio discreto e suas palavras de encorajamento foram fundamentais em cada etapa deste caminho. Agradeço por sua paciência nos dias mais exigentes e por sua alegria que sempre trouxe leveza aos momentos difíceis. Este trabalho é também fruto do seu cuidado e da sua compreensão, e registro aqui minha sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

Rendo graças, primeiramente, ao Deus eterno, fonte de toda existência e sabedoria, por ter sustentado minha vida em meio aos desafios desta jornada. Sua presença constante me guiou nos momentos de incerteza, fortaleceu meu ânimo nos períodos de cansaço e renovou em mim o propósito de segui-lo fielmente, atendendo ao chamado para ser pescador de homens. Este trabalho é, acima de tudo, expressão da graça divina atuante em minha vocação e missão.

À minha amada esposa, Christina, companheira fiel em todos os tempos, minha gratidão mais profunda. Seu amor sereno, apoio incondicional e sacrifícios silenciosos foram sustento imprescindível para que eu pudesse dedicar-me a esta pesquisa. Aos meus filhos, Rafael e Rafaella, agradeço pela compreensão, pelas palavras de encorajamento e pelo carinho que tantas vezes foi o alívio necessário nas horas exigentes do estudo e da escrita. Esta conquista também é de vocês.

Sou especialmente grato aos Pastores Erlo Braun e Jailton Borges Margalhes, presidente e tesoureiro da Associação Paulista Central, cuja amizade, confiança e incentivo espiritual foram decisivos para que eu prosseguisse com firmeza. A orientação pastoral e o testemunho de vida de ambos deixaram marcas profundas na minha formação ministerial e acadêmica.

À equipe e aos colegas do Grupo de Pesquisa LIJO, expresso minha gratidão pela acolhida calorosa, pelas discussões instigantes e pelo espírito de colaboração que marcaram nossa convivência. As trocas de saberes, os diálogos francos e a partilha de inquietações acadêmicas enriqueceram profundamente minha perspectiva e contribuíram significativamente para o amadurecimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, meu sincero reconhecimento e estima. Sua escuta atenta, suas sugestões generosas e sua erudição partilhada com humildade foram faróis neste percurso de reflexão teológica e rigor acadêmico. A convivência com o senhor representou não apenas um apoio técnico, mas uma inspiração humana e espiritual.

Diante disso, reconheço que nenhum projeto como este se realiza de forma solitária. Cada pessoa aqui mencionada – e tantas outras que me acompanharam nos bastidores, com orações, conselhos e apoio – foi instrumento de Deus para que esta etapa se concretizasse. A todas elas, minha eterna gratidão.

Homens de capacidade têm dedicado uma existência de estudo e oração à pesquisa das Escrituras, e, todavia, há muitas porções da Bíblia que não têm sido plenamente exploradas. Algumas passagens da Escritura nunca serão perfeitamente compreendidas até que, na vida futura, Cristo as explique. Há mistérios a serem elucidados, declarações que a mente humana não pode harmonizar.

E. G. White, em Exaltai-o.

CARVALHO, R. N. G. de. **A Entronização De Cristo Em Apocalipse 4–5**: uma análise exegetico-teológica. 2025. 108. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

RESUMO

A presente dissertação investiga os capítulos 4 e 5 do livro do Apocalipse. Objetivo: Compreender sua unidade literária e teológica e analisar a entronização de Cristo como Cordeiro redentor dentro da estrutura da visão celestial. Material e métodos: Adota-se uma abordagem exegetico-teológica aliada a uma análise crítica textual e linguística do texto grego, com base na edição UBS5. A pesquisa inicia-se com a delimitação da perícope, demonstrando a coesão temática entre os dois capítulos e sua função introdutória na seção visionária do Apocalipse. Em seguida, realiza-se uma análise detalhada das variantes textuais mais relevantes, observando suas implicações exegeticas e teológicas. Posteriormente, dedica-se um capítulo específico à análise dos paralelismos estruturais, litúrgicos, simbólicos e teológicos que entrelaçam os capítulos 4 e 5, destacando como esses elementos reforçam a unidade literária e intensificam a centralidade cristológica da visão celestial. A estrutura retórico-literária e a segmentação grega dos capítulos são examinadas à luz da liturgia celestial descrita por João, evidenciando quatro movimentos principais: a convocação profética, a adoração ao Criador, a aclamação do Cordeiro e a doxologia cósmica. A análise linguística explora os recursos sintáticos e semânticos que sustentam a mensagem teológica da perícope, destacando o uso reiterado de termos como “trono”, “Cordeiro” e “digno”. Por fim, as reflexões teológicas concentram-se em cinco eixos: a soberania divina, a criação como fundamento da adoração, o livro selado como símbolo do plano divino, o Cordeiro ressuscitado como mediador e a adoração universal como confirmação da divindade de Cristo. Resultado: Verifica-se que Apocalipse 4–5 constitui o coração teológico do livro, no qual convergem os temas do culto, da mediação e da escatologia. Conclui-se que essa unidade literária funciona como pórtico para a revelação escatológica subsequente e como base doutrinária da cristologia apocalíptica, abrindo caminho para investigações futuras sobre a influência do Antigo Testamento na formação da teologia joanina.

Palavras-chave: Apocalipse; exegese bíblica; Cordeiro; Trono de Deus; Cristologia.

CARVALHO, Raimundo Nonato Gomes de. **The Enthronement of Christ in Revelation 4–5: An Exegetical-Theological Analysis.** 2025. 108p. Thesis (Master of Theology) - Program of Postgraduate Studies in Theology, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2025.

ABSTRACT

This dissertation investigates chapters 4 and 5 of the Book of Revelation. Objective: To understand their literary and theological unity and to analyze the enthronement of Christ as the redemptive Lamb within the structure of the heavenly vision. Materials and methods: An exegetical-theological approach is adopted, combined with critical textual and linguistic analysis of the Greek text, based on the UBS5 edition. The research begins with the delimitation of the pericope, demonstrating its thematic cohesion and its introductory function in the visionary section of Revelation. A detailed examination of the most relevant textual variants follows, considering their exegetical and theological implications. Subsequently, a dedicated chapter explores the structural, liturgical, symbolic, and theological parallelisms that interlace chapters 4 and 5, highlighting how these elements reinforce the literary unity and enhance the Christological centrality of the heavenly vision. The rhetorical-literary structure and the Greek segmentation of the chapters are examined in light of the celestial liturgy described by John, revealing four main movements: prophetic summons, worship of the Creator, acclamation of the Lamb, and cosmic doxology. The linguistic analysis explores the syntactic and semantic resources that sustain the theological message of the pericope, with special emphasis on the recurring use of terms such as “throne,” “Lamb,” and “worthy.” Finally, the theological reflections focus on five key themes: divine sovereignty, creation as the foundation of worship, the sealed scroll as a symbol of the divine plan, the risen Lamb as mediator, and universal worship as confirmation of the Lamb’s divinity. Results: It is verified that Revelation 4–5 constitutes the theological heart of the book, where the themes of worship, mediation, and eschatology converge. It is concluded that this literary unit serves as a gateway to the subsequent eschatological revelation and as the doctrinal basis of apocalyptic Christology, opening avenues for future investigations regarding the influence of the Old Testament on Johannine theology.

Keywords: Revelation. Christology. Lamb. Throne of God. Biblical Exegesis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO EXEGÉTICA E DELIMITAÇÃO LITERÁRIA DE APOCALIPSE 4-5 COMO UNIDADE TEOLÓGICA	18
1.1 Definição e delimitação da perícope.....	18
1.1.1 Elementos que apontam para a unidade de Ap 4 e 5	19
1.1.2 Delimitação inicial.....	21
1.1.3 Delimitação final	23
1.2.4 Considerações finais sobre a delimitação	24
1.2 Crítica textual de Apocalipse 4-5	25
1.2.1 Análise das variantes	26
1.2.2 Apocalipse 4,1 - Segmentação.....	26
1.2.3 Apocalipse 4,11 – Quatro variantes.....	28
1.2.4 Apocalipse 5,1 - Segmentação.....	31
1.2.5 Apocalipse 5,6 - Uma variante	33
1.2.6 Apocalipse 5,9 – Três variantes e cinco leituras	36
1.2.7 Apocalipse 5,10 – Duas Variantes e cinco leituras	39
1.2.8 Apocalipse 5,13 – Uma variante e 4 lições	42
2 A ESTRUTURA RETÓRICO-LITERÁRIA E A SEGMENTAÇÃO	45
2.1 Estrutura retórico-literária	45
2.2 Segmentação de Apocalipse 4-5.....	46
2.2.1 Segmentação de Apocalipse 4	47
2.2.2 Segmentação de Apocalipse 5	49
3 ANÁLISE LITERÁRIA DE APOCALIPSE 4-5: O PARALELISMO ENTRE O TRONO E O CORDEIRO.....	53
3.1 Paralelismos estruturais.....	54
3.1.1 O díptico literário: trono e Cordeiro	54
3.1.2 Recapitulação e sobreposição	55
3.1.3 Estrutura quiástica	55
3.2 Paralelismos litúrgicos	57
3.2.1 Progressão dos hinos: de Deus Criador ao Cordeiro Redentor	58
3.2.2 Função coral e narratológica.....	58
3.2.3 Expansão concêntrica da adoração	59

3.3 Paralelismos simbólicos.....	60
3.3.1 O número sete em Ap 4–5	60
3.3.2 O livro selado (Ap 5,1)	61
3.4 Paralelismos temáticos/teológicos	62
3.4.1 O paralelismo entre o trono e o Cordeiro	63
3.4.2 As cenas introdutórias vitoriosas	63
3.4.3 O Cristocentrismo da liturgia	64
3.4.4 O paralelismo Leão/Cordeiro	65
3.4.5 Paralelismos Intertextuais	67
3.5 Considerações Finais	70
4 ANÁLISE LINGUÍSTICA DE APOCALIPSE 4–5: A LINGUAGEM DO TRONO E DO CORDEIRO	72
4.1 Análise literária de Apocalipse 4–5: léxico, gramática e estilo.....	73
4.2 Análise lexicográfica – Apocalipse 4–5	74
4.3 Contagem e classificação gramatical de Apocalipse 4,1–5,14.....	77
4.4 Análise dos verbos em Apocalipse 4,1–5,14.....	78
4.4.1 Análise dos Tempos Verbais e do Aspecto	79
4.5 Análise dos substantivos em Apocalipse 4,1–5,14.....	80
4.5.1 Substantivos e Carga Semântica Simbólica.....	81
4.6 Análise dos pronomes em Apocalipse 4,1–5,14	82
4.7 Análise dos adjetivos em Apocalipse 4,1–5,14.....	83
4.8 Análise dos advérbios em Apocalipse 4,1–5,14	85
4.9 Análise das conjunções em Apocalipse 4,1–5,14	86
4.9.1 Conjunções, Paralelismo e Coesão Textual.....	87
4.10 Irregularidades Morfológicas e Estilo Grego do Apocalipse.....	88
5 REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE APOCALIPSE 4–5.....	89
5.1 A centralidade do trono e a soberania divina (Ap 4,1–3).....	89
5.2 Criação e louvor: implicações de Apocalipse 4,11	91
5.3 O Livro selado: autoridade e mistério (Ap 5,1)	92
5.4 O Cordeiro em pé: Cristo ressuscitado como mediador (Ap 5,6)	94
5.5 A redenção para Deus: interpretações de Apocalipse 5,9	95
5.6 Reino e sacerdócio: vocação dos redimidos (Ap 5,10).....	97
5.7 A Doxologia cósmica e a divindade do Cordeiro (Ap 5,13)	98
5.8 Considerações finais da reflexão teológicas.....	100

CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	104

INTRODUÇÃO

A tradição apocalíptica bíblica representa uma das expressões mais densas da teologia vetero e neotestamentária. No Novo Testamento, o livro do Apocalipse de João se destaca como uma composição singular que combina elementos visionários, simbólicos, litúrgicos e proféticos para anunciar o triunfo final de Deus e do Cordeiro sobre o mal e o caos da história. Dentro da complexa arquitetura do Apocalipse, os capítulos 4 e 5 ocupam uma posição central e estratégica, tanto do ponto de vista estrutural quanto teológico. Trata-se de uma cena visionária que inaugura a seção propriamente apocalíptica do livro, deslocando o foco das exortações às igrejas (caps. 2-3) para o trono celeste, onde Deus é adorado como Criador e o Cordeiro é entronizado como Redentor e Mediador da história. Essa mudança de cenário é fundamental para a compreensão da teologia joanina e da própria lógica da revelação escatológica.

Este trabalho se propõe a analisar exegetica e teologicamente a unidade literária formada por Apocalipse 4-5, com ênfase na figura do Cordeiro entronizado, interpretado como símbolo da mediação redentora de Cristo e de sua autoridade escatológica. A escolha desta perícope se justifica por seu valor hermenêutico como “pórtico da revelação”, na expressão de Beale (1999, p. 313, tradução nossa), pois nela são apresentados os fundamentos litúrgicos e teológicos que sustentam toda a sequência dos selos, trombetas e taças que compõem a narrativa subsequente. A entronização do Cordeiro, portanto, não é apenas um evento celestial, mas uma proclamação cristológica que define o centro da teologia do Apocalipse.

A metodologia adotada neste trabalho articula os procedimentos técnicos da exegese bíblica com uma abordagem teológico-narrativa que busca integrar a análise crítica textual, a gramática do grego do Novo Testamento, a retórica literária e a reflexão doutrinal. A exegese é entendida aqui como uma leitura técnica e sistemática do texto, fundada na crítica textual, na análise morfosintática, na delimitação de perícopes e na interpretação contextualizada dos vocábulos e das estruturas discursivas. A partir dessa base, a pesquisa avança para uma reflexão teológica que considera as imagens, os símbolos e os movimentos litúrgicos como portadores de significado doutrinário e escatológico. A abordagem pragmático-narrativa, por sua vez, permite compreender a função dos atos de fala, das vozes narrativas e da progressão temática da visão como componentes essenciais do impacto retórico e da mensagem do livro.

No que tange à sua estrutura, esta dissertação está organizada em quatro capítulos principais, além desta introdução e da conclusão geral. O primeiro capítulo realiza a delimitação literária da perícopes de Apocalipse 4 e 5 como unidade teológica. Parte-se do

princípio de que a seriedade de uma análise exegética depende da clara definição dos limites textuais e das conexões internas do trecho analisado. Com base em autores como Stefanovic (2009), Thomas (1992) e Doglio (2012) são apresentados os argumentos que sustentam a unidade entre os dois capítulos, tanto em termos literários quanto teológicos: a continuidade da visão, a centralidade do trono, a progressão dos cânticos, a presença dos mesmos personagens celestiais e a articulação entre criação e redenção. Essa análise culmina na proposição de Apocalipse 4-5 como um díptico litúrgico-teológico, no qual a soberania de Deus, como Criador (cap. 4), prepara e fundamenta a entronização do Cordeiro como Redentor (cap. 5). A delimitação da perícope também inclui a diferenciação clara em relação aos capítulos anteriores (Ap 2-3) e posteriores (Ap 6), evidenciando a transição entre as mensagens às igrejas e os eventos escatológicos inaugurados com a abertura dos selos.

O segundo capítulo é dedicado à crítica textual de Apocalipse 4-5, com base na 5ª edição revisada do Greek New Testament da United Bible Societies (UBS5)¹. Diante das particularidades do texto apocalíptico, que frequentemente apresenta variantes significativas em manuscritos antigos, a crítica textual assume papel decisivo na reconstrução do texto mais próximo do original. A análise das variantes mais relevantes nos versículos centrais da perícope (Ap 4,1; 4,11; 5,1; 5,6; 5,9; 5,10; 5,13) permite avaliar como escolhas editoriais impactam interpretações exegéticas e doutrinárias. Entre os exemplos destacados estão a segmentação da expressão “μετὰ ταῦτα” (Ap 4,1), que marca a introdução de uma nova visão; a leitura ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν (Ap 4,11), que expressa tanto a existência quanto a criação pela vontade de Deus; e a variante pronominal ἡμᾶς/αὐτούς, em Ap 5,9–10, que afeta diretamente a identificação dos redimidos e sua função sacerdotal. A análise das variantes não apenas fornece uma base filológica sólida para a exegese, mas também revela a riqueza teológica e litúrgica da perícope, na medida em que cada escolha textual carrega implicações hermenêuticas significativas.

O terceiro capítulo, por sua vez, dedica-se à investigação dos paralelismos presentes em Apocalipse 4–5, entendidos como elementos estruturantes da narrativa e como instrumentos teológicos de revelação. A análise parte do reconhecimento de que o autor do Apocalipse utiliza padrões simétricos, quiásticos e recapitulatórios para articular a unidade entre o trono de Deus e a entronização do Cordeiro. Esses paralelismos não se restringem ao nível formal, mas atravessam os planos literário, simbólico e teológico, conferindo coesão e profundidade à visão celestial. A progressão dos hinos, a correspondência entre criação e

¹ A partir de agora será usada a abreviatura UBS5.

redenção e a alternância entre descrição e adoração revelam uma intencionalidade composicional que une estética e teologia. Assim, o estudo do paralelismo permite compreender como a linguagem e a estrutura literária do texto servem à proclamação da soberania divina compartilhada entre o Criador e o Redentor, constituindo um dos pontos altos da teologia do Apocalipse.

O quarto capítulo desta pesquisa se concentra na análise literária e linguística de Apocalipse 4–5, com especial atenção ao léxico, à gramática, à sintaxe e ao estilo literário. Parte-se do reconhecimento de que a linguagem do Apocalipse é altamente simbólica, poética e teologicamente carregada, de modo que forma e conteúdo se entrelaçam na construção de uma visão de profundo impacto retórico e devocional. A análise léxica identifica os termos mais recorrentes e teologicamente significativos — como *θρόνος* (trono), *καθήμενος* (assentado), *ἀρνίον* (cordeiro), *ἄξιος* (digno), *φωνή* (voz), *βιβλίον* (livro) e *σφραγῖς* (selo) —, cuja frequência e uso revelam a centralidade da adoração, da soberania e da revelação na narrativa. A gramática é explorada a partir da classificação e da função dos verbos, substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e conjunções, com base na gramática grega de Wallace (1996) e nas análises clássicas de Swete (1906) e Beckwith (1979). Os verbos no aoristo e no presente, por exemplo, marcam a alternância entre a narração dos eventos e a descrição contínua do culto celestial, enquanto os participios qualificam os personagens e conferem ritmo à narração. Assim, a investigação demonstra que a linguagem de Apocalipse 4–5 não apenas descreve uma visão, mas realiza um ato teológico e litúrgico, no qual a centralidade do trono e a entronização do Cordeiro se afirmam como o núcleo hermenêutico da mensagem apocalíptica.

O quinto e último capítulo desenvolve a reflexão teológica propriamente dita, com base nos resultados da exegese, da crítica textual e da análise linguística. A abordagem teológica adotada é cristocêntrica, trinitária e escatológica, considerando que Ap 4-5 constitui o centro doutrinário do Apocalipse. Os principais tópicos abordados incluem a centralidade do trono e a soberania divina (Ap 4,1-3); a criação como fundamento do louvor (Ap 4,11); o livro selado como símbolo da vontade divina sobre a história (Ap 5,1); a mediação do Cordeiro ressuscitado (Ap 5,6); a redenção cósmica realizada pelo sangue do Cordeiro (Ap 5,9); a vocação sacerdotal e régia dos redimidos (Ap 5,10); e a doxologia universal que proclama a divindade do Cordeiro (Ap 5,13). Cada uma dessas seções dialoga com a tradição veterotestamentária, com os paralelos litúrgicos do judaísmo do Segundo Templo e com os comentários de autores contemporâneos, como Beale (1999), Osborne (2014), Stefanovic (2009), Prigent (2020) e Aune (1997). A teologia de Ap 4-5 é apresentada como uma síntese de criação e redenção, de

adoração e soberania, de mediação e missão. O Cordeiro imolado e ressuscitado ocupa o centro da narrativa não apenas como figura simbólica, mas como revelação da identidade divina de Cristo e da continuidade entre Deus e o Cordeiro na economia escatológica da salvação.

A conclusão geral retoma os principais achados desta pesquisa, reafirmando que Apocalipse 4–5 constitui uma unidade literária, litúrgica e teológica essencial para a compreensão do livro como um todo. Ao apresentar o trono de Deus, o livro selado e a entronização do Cordeiro, a perícope estabelece os fundamentos da soberania escatológica divina, legitima a autoridade do Cordeiro para abrir os selos e desencadear os juízos, e antecipa a restauração cósmica que se desdobra nos capítulos subsequentes. Trata-se, portanto, do centro hermenêutico do Apocalipse, onde criação e redenção convergem sob a mesma soberania, e onde a liturgia celeste interpreta a história humana à luz da vitória de Cristo.

O estudo também confirma que a cristologia joanina está profundamente enraizada na tradição veterotestamentária, especialmente nas teofanias de Isaías, Ezequiel e Daniel, nos salmos régios e na teologia do culto e do templo. Essa constatação abre novas perspectivas para investigações futuras, em particular o exame sistemático da influência do Antigo Testamento na construção teológica e narrativa de Ap 4–5 — sobretudo nas categorias de trono, templo e mediação. A pesquisa, assim, converge para uma questão maior: qual é a verdadeira extensão e a natureza da presença do Antigo Testamento na teologia apocalíptica joanina?

A relevância deste trabalho no contexto da pesquisa bíblica contemporânea se justifica por três razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque contribui para o aprofundamento da compreensão teológica do Apocalipse, não apenas como livro de visões escatológicas, mas como expressão cristológica e litúrgica da fé da Igreja em meio ao sofrimento e à perseguição. Em segundo lugar, porque propõe uma leitura crítica e equilibrada, que une rigor exegético e sensibilidade hermenêutica, preservando o caráter simbólico e teológico do texto sem recorrer a alegorias infundadas. Por fim, porque lança bases consistentes para uma pesquisa de continuidade em nível de doutorado, voltada à análise intertextual entre Apocalipse 4–5 e os grandes blocos literários do Antigo Testamento — em especial os profetas maiores, os salmos e a literatura apocalíptica judaica.

Reconhece-se, entretanto, que o presente estudo não pretende oferecer uma leitura exaustiva da teologia do Apocalipse, mas sim uma contribuição introdutória, delimitada e metodologicamente orientada. Seu mérito reside na precisão exegética, na coerência metodológica e na sensibilidade teológica com que articula forma e conteúdo, texto e contexto, exegese e fé. A entronização do Cordeiro, como ápice da visão de João, revela o coração da

esperança cristã: o Cristo ressuscitado reina no trono e governa a história com justiça e misericórdia. Diante dessa revelação, a Igreja é convidada não apenas a compreender o mistério da salvação, mas a unir-se ao louvor cósmico que ressoa eternamente no céu: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5,12).

Assim, o Apocalipse de João se encerra — e esta pesquisa também — com o mesmo gesto litúrgico que inaugura o fim: o reconhecimento de que toda a criação encontra seu sentido no trono e no Cordeiro, onde a história humana é finalmente transfigurada em adoração eterna.

1 FUNDAMENTAÇÃO EXEGÉTICA E DELIMITAÇÃO LITERÁRIA DE APOCALIPSE 4-5 COMO UNIDADE TEOLÓGICA

A exegese bíblica, enquanto disciplina técnico-científica, implica um conjunto sistemático de procedimentos que visam compreender o texto em sua forma original, estrutura interna e função dentro do todo literário e teológico. Tal tarefa pressupõe o reconhecimento preciso da perícopes a ser analisada, a identificação de seus limites textuais, a descrição de sua organização formal e a avaliação de suas conexões internas e externas. No caso de Apocalipse 4-5, esse processo exige atenção redobrada, dado o elevado grau de simbolismo, o ritmo litúrgico e a complexidade narrativa que caracterizam essa seção. A exegese, portanto, não se limita à tradução e interpretação isolada de versículos, mas busca reconstruir o sentido do texto em sua totalidade, conforme sua intenção original e seu lugar na macroestrutura do livro.

A análise de Apocalipse 4-5 requer, inicialmente, a definição clara do que se entende por texto nesse contexto: uma unidade coerente, delimitada por marcadores formais, temáticos e discursivos que constituem uma cena única no interior da narrativa apocalíptica. Tal identificação é fundamental para que se possa aplicar corretamente os instrumentos da crítica textual, da análise morfossintática e da investigação teológico-literária. A escolha dessa seção específica se deve à sua importância como eixo articulador da cristologia do Cordeiro, mediador entre Deus e a criação, bem como à sua função introdutória à série dos sete selos. A partir dessa delimitação, torna-se possível empreender uma leitura exegética rigorosa, que leve em conta tanto os aspectos filológicos quanto os teológicos do texto, em consonância com os princípios da crítica científica.

A partir desta etapa, serão apresentados os procedimentos exegéticos aplicados ao texto de Apocalipse 4-5, incluindo a delimitação da perícopes, a crítica textual, a segmentação morfossintática, a análise gramatical e a estruturação teológico-literária. Esses elementos metodológicos visam fundamentar uma leitura precisa e contextualizada da unidade em questão.

1.1 Definição e delimitação da perícopes

A “[...] primeira marca da seriedade de um estudo exegético é a delimitação da(s) perícopes(s) analisada(s): os critérios devem ser sólidos e aplicados de modo coerente [...]” (Silva, 2022, pp. 56-57). Nesse contexto, é fundamental determinar os limites de início e término da perícopes, bem como os elementos que garantem sua coerência e coesão. Este estudo

adota essa abordagem ao examinar os capítulos 4 e 5 do Apocalipse, compreendidos como uma unidade coesa. Como destaca Stefanovic (2009, p. 185, tradução nossa): “Apocalipse 4 e 5 constituem uma unidade literária e temática. O capítulo 4 é a primeira parte da visão do pergaminho selado; como tal, ele prepara o cenário para a cena de Apocalipse 5 [...]”. Com base nessa premissa, a metodologia aqui adotada propõe uma inversão na ordem tradicional de delimitação.

Em vez de inicialmente estabelecer os limites individuais de cada capítulo, opta-se primeiro por demonstrar que Apocalipse 4 e 5 formam um bloco único que deve ser analisado em conjunto. Somente depois disso serão apresentados os elementos que distinguem Ap. 4 dos capítulos precedentes (Ap 2-3), além dos que distinguem Ap. 5 do capítulo seguinte (Ap 6). Essa abordagem permite destacar, primeiramente, a coesão interna da seção estudada, ressaltando sua unidade temática e literária dentro da estrutura do Apocalipse.

1.1.1 Elementos que apontam para a unidade de Ap 4 e 5

Em Apocalipse 4-5, são encontrados alguns elementos que permitem identificar uma unidade própria. Trata-se de elementos que demonstram a sua função e propósito², além das ênfases na criação e na redenção como obras de Deus-Cristo, conforme declarado por Thomas.

Na primeira visão apocalíptica de João, o pergaminho com sete selos surge em um cenário celestial que é dominado por um trono, mais especificamente por aquele que nele está sentado. O capítulo 4 foca em Deus, o Criador, que entrega o pergaminho com sete selos; e o capítulo 5, em Deus (isto é, Cristo), o Redentor, o único considerado digno de pegá-lo e abrir os selos (Thomas, 1992, p. 332, tradução nossa).

De forma resumida, apresentam-se abaixo cinco elementos de coesão entre os capítulos 4 e 5 de Apocalipse. Esses elementos não apenas justificam a leitura desses capítulos como uma unidade literária, mas também ressaltam sua harmonia, conferindo-lhes uma beleza conjunta, sem perder de vista suas nuances particulares.

² “No plano da história, a igreja parece incapaz de resistir ao poder dos poderes mundanos hostis, mas o curso da história não é determinado pelo poder político, mas por Deus entronizado e ativo. Em seu tempo designado, o pergaminho do destino deve ser entregue ao Cordeiro, que ele mesmo abrirá os selos, encerrará a história e inaugurará o estado eterno. A grande visão da sala do trono dos capítulos 4 e 5 serve para lembrar aos crentes que vivem na sombra da perseguição iminente que um Deus onipotente e onisciente ainda está no controle. Essa visão, deve ser enfatizada, deve ser entendida como em estreita relação com as cartas anteriores às igrejas, oferecendo encorajamento para sua luta presente e futura com o Império, mas também lembrando-as de que elas também estão sob sua soberania” (Mounce, 1997, p. 116, tradução nossa).

O quadro a seguir resume os principais elementos de coesão entre os capítulos 4 e 5, destacando sua unidade literária e teológica.

Quadro 1 – Elementos que demonstram a unidade de Apocalipse 4-5

Elementos de Coesão	Capítulos do Ap	Evidência
A centralidade do Trono de Deus	Ap 4	Ap 4,2–3: Deus é descrito como sentado no trono, rodeado por seres celestiais.
	Ap 5	Ap 5,1: O trono continua sendo o ponto focal, agora com destaque para o livro selado que está na mão direita de Deus.
A presença e a função de seres celestiais	A ocorrência dos mesmos personagens em Ap 4–5	Os 24 anciãos e os quatro seres viventes aparecem nos dois capítulos (Ap 4,4.6–9; 5,6.8.11.14), sempre em postura de adoração.
	As ações destes seres em Ap 4–5	A ação de cair em adoração ocorre em ambos os capítulos (Ap 4,10–11 e 5,8.14).
A sequência lógica da visão	Ap 4	Capítulo 4: Deus é exaltado como Criador (ênfase na soberania cósmica).
	Ap 5	Capítulo 5: Jesus (o Cordeiro) é exaltado como Redentor, dando continuidade à revelação.
Ênfase litúrgica	Ap 4	Ap 4,8–11: Hinos dirigidos a Deus Criador – “Santo, Santo, Santo” (καὶ ἅγιος, ἅγιος, ἅγιος).
	Ap 5	Ap 5,9–14: Cânticos ao Cordeiro, reconhecendo sua dignidade para abrir o livro.
O livro selado como elemento de ligação	Ap 4	O livro selado (βιβλίον) de Ap 5,1 é introduzido na mesma cena de Ap 4.
	Ap 5	A busca por alguém digno de abrir o livro (Ap 5,2–4) pressupõe a majestade divina apresentada no capítulo 4.

Fonte: Elaboração própria, conforme dados do texto bíblico (Ap 4–5).

Com isso, fica claro que a cena do trono (Ap 4) e a cena do Cordeiro (Ap 5) não podem ser interpretadas isoladamente, mas como partes de uma mesma liturgia celestial.

A unidade de Ap 4–5 é garantida pela continuidade da visão do trono, pela estrutura dos cânticos, pela presença dos mesmos personagens e pela progressão teológica da soberania de Deus-Criador para a obra redentora do Cordeiro. Esse bloco funciona como um prelúdio para os eventos que se seguem, estabelecendo a autoridade do Cordeiro para abrir os selos e iniciar os julgamentos divinos.

Para concluir esta seção, um comentário de Doglio (2012), que expressa bem essa unidade:

Os dois capítulos introdutórios constituem uma unidade literária homogênea e bem construída, uma autêntica abertura que anuncia e prepara os temas principais. Os motivos anunciados vêm na forma de símbolos; existem três fundamentais: um trono, um livro e um cordeiro. A imagem geral lembra uma cena da corte celeste, na qual o vidente é milagrosamente acolhido, para ser espectador de um acontecimento extraordinário que deverá comunicar os seus destinatários, segundo um esquema narrativo comum aos profetas e apocalípticos. A descrição dos diferentes elementos e o desenvolvimento da ação determinam claramente duas cenas distintas e conectadas: uma espécie de díptico dominado por um lado, pelo trono (4,2-11) e, por

outro, pelo Cordeiro. No centro dessas duas estruturas principais aparece, como motivo fundamental de conexão, o livro (5,1-5). A única ação, de fato, consiste em entregar esse livro d'Aquele que está sentado no trono ao Cordeiro. Através dos elementos simbólicos, o primeiro Painel do díptico apresenta como motivo teológico a criação e realeza de Deus sobre ela; o cântico de louvor (4,11) que conclui a apresentação torna isso explícito. O segundo, por outro lado, caracterizado pela presença do Cordeiro, celebra o evento decisivo da Redenção; também neste caso é o cântico de louvor, estruturalmente semelhante ao anterior, que esclarece o motivo dominante (5,9). O livro com os 7 selos une as duas estruturas: inserido entre a criação e a redenção, O grande símbolo resume admiravelmente todo o plano divino de salvação (Doglio, 2012, p. 66, tradução nossa).

Em síntese, o que Doglio observa confirma a leitura proposta neste trabalho: Apocalipse 4 e 5 funcionam como um díptico literário e teológico, em que criação e redenção se articulam como fundamentos da soberania divina. O trono, o livro e o Cordeiro não apenas organizam a cena visionária, mas também estruturam a mensagem cristológica e escatológica do Apocalipse. Assim, a unidade dos dois capítulos não é apenas formal, mas teológica, pois apresenta em conjunto a autoridade do Deus Criador e a dignidade redentora do Cordeiro, preparando o leitor para os desdobramentos da revelação nos capítulos seguintes.

1.1.2 Delimitação inicial

Tendo estabelecido a unidade literária de Apocalipse 4 e 5, volta-se agora à análise dos elementos que os distinguem dos capítulos precedentes, delimitando, assim, de forma inicial, essa estrutura literária. Os capítulos 4 e 5 de Apocalipse marcam uma transição significativa em relação aos capítulos 2 e 3, deslocando o foco das mensagens dirigidas às sete igrejas da Ásia Menor para uma grandiosa visão celestial. Enquanto Apocalipse 2 e 3 apresentam um tom pastoral e exortativo, com advertências e promessas voltadas à realidade concreta das comunidades cristãs, Apocalipse 4 e 5 transportam o leitor para o trono de Deus, onde a adoração cósmica e a entronização do Cordeiro estabelecem o fundamento para os eventos escatológicos que seguem.

O quadro a seguir apresenta os contrastes entre Ap 2-3 e Ap 4-5, ressaltando a mudança de cenário e de foco temático.

Quadro 2 – Elementos de início da perícópe

Elementos	Apocalipse 2–3	Apocalipse 4–5
Temporal	Eventos ligados às sete Igrejas de Ap 2–3.	“Depois destas coisas”.
Espacial-Geográfico	Terra – o cenário é terreno, com Jesus se dirigindo às sete igrejas da Ásia Menor.	Céu – o cenário muda drasticamente para o trono celestial (Ap 4,1: “Suba aqui”).
Foco da visão	O foco está na exortação pastoral e no chamado ao arrependimento e perseverança.	O foco está na adoração e exaltação de Deus e do Cordeiro.
Estrutura literária	Sete cartas às igrejas, cada uma com uma estrutura fixa: • Identificação de Cristo. • Elogios e/ou repreensões. • Chamado ao arrependimento. • Promessa ao vencedor.	Narrativa visionária e litúrgica, organizada em hinos de louvor e revelação progressiva do Cordeiro.
Temática	Chamado à santidade e fidelidade diante da perseguição e das tentações mundanas.	Exaltação da soberania de Deus e da autoridade do Cordeiro.
Ênfase	Ênfase no arrependimento, na perseverança e na recompensa aos vencedores.	Transição do chamado à fidelidade das igrejas na terra para a revelação da soberania divina no céu, onde o Cordeiro recebe autoridade para conduzir os desdobramentos da história redentora.

Fonte: Autoria própria.

Os personagens e o cenário de Apocalipse 2–3 e Apocalipse 4–5 são tão distintos que merecem um quadro específico para demonstrar essa diferença:

Para melhor evidenciar a transição literária, o quadro seguinte compara os personagens e o cenário das cartas às igrejas com os da visão celestial.

Quadro 3 – Personagens e cenário de Apocalipse 2-3 comparados a Apocalipse 4-5

Personagens	Apocalipse 2-3 (Cartas às Igrejas – Cenário Terreno)	Apocalipse 4-5 (Visão celestial – Trono de Deus)
Jesus Cristo	Aparece como o exaltado que conhece e julga as igrejas, identificado com diferentes títulos (Ex.: “o Primeiro e o Último”, “o que tem a espada afiada de dois gumes”, “o Filho de Deus” – Ap 2,8.12.18).	Aparece como o Cordeiro imolado, digno de abrir o livro selado (Ap 5,6-10).
Igrejas	Sete igrejas da Ásia Menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia (Ap 2-3).	Não há menção direta às igrejas; o foco está no trono celestial e na adoração cósmica.
Anjo das Igrejas	Cada carta é dirigida ao “anjo” da respectiva igreja (Ap 2,1.8.12, etc.).	Não aparece na visão celestial.
Fiéis/Vencedores	Os que permanecem fiéis recebem promessas específicas, como a coroa da vida e um novo nome (Ap 2,7.10.17, etc.).	Os redimidos são representados por “um reino e sacerdotes” que reinarão sobre a terra (Ap 5,9-10).
Grupos Opositores	Nicolaítas (Ap 2,6.15), sinagoga de Satanás (Ap 2,9; 3,9), Jezabel e seus seguidores (Ap 2,20-23), mornos de Laodiceia (Ap 3,16).	Não há inimigos mencionados; o foco está na soberania de Deus e no Cordeiro.
24 Anciãos	Não aparecem.	Sentados ao redor do trono, adoram a Deus e lançam suas coroas diante d’Ele (Ap 4,4.10; 5,8-10).
Quatro Seres Viventes	Não aparecem.	Criaturas celestiais ao redor do trono, louvando a Deus e ao Cordeiro (Ap 4,6-8; 5,6.14).
Hostes Celestiais	Não mencionadas.	Milhões de anjos e seres adorando o Cordeiro (Ap 5,11-12).

Fonte: Autoria própria.

Tal comparação reforça que a cena de Ap 4-5 não é mera continuidade, mas inauguração de uma dimensão cültica e cósmica inédita no livro. Esse contraste confirma que Ap 4-5 inaugura uma nova seção, deslocando a atenção das igrejas terrestres para a realidade do trono celestial.

Apocalipse 2-3 e 4-5 pertencem a seções e ênfases diferentes do livro. Enquanto os capítulos 2 e 3 têm um tom pastoral e exortativo, voltado às necessidades das igrejas, os capítulos 4 e 5 introduzem uma visão celestial que coloca a soberania de Deus e a dignidade do Cordeiro como centro da narrativa apocalíptica, tudo isso em um enquadramento litúrgico.

Portanto, a delimitação inicial de Ap 4-5 evidencia que esta perícopa representa uma transição fundamental entre a realidade pastoral das igrejas e a revelação do trono celestial, situando-se como introdução necessária para os eventos escatológicos que seguem.

1.1.3 Delimitação final

Enquanto Apocalipse 4 e 5 apresentam a exaltação e entronização de Cristo no céu, estabelecendo sua autoridade sobre a história, Apocalipse 6 mostra as consequências dessa autoridade no curso dos eventos terrenos. Dessa forma, há uma continuidade entre as seções, mas também uma distinção fundamental entre o ato de investidura de Cristo e os efeitos dessa investidura no cenário terrestre (cf. Stefanovic, 2009).

O quadro a seguir contrasta os elementos de Ap 4–5 com Ap 6, mostrando a transição da adoração celestial para os efeitos históricos da abertura dos selos.

Quadro 4 – Elementos de término da perícope

Elementos	Apocalipse 4–5	Apocalipse 6
Cenário e foco	Cena no trono celestial, com adoração a Deus e ao Cordeiro.	Cena na terra, com os efeitos da abertura dos selos.
Estrutura literária	Baseada em hinos e aclamações celestiais.	Baseada na progressiva abertura dos selos e suas consequências.
Função dos personagens	Deus entronizado, adorado pelos 24 anciãos e 4 seres viventes. O Cordeiro recebe o livro e é digno de abri-lo.	O Cordeiro abre os selos, desencadeando eventos na terra. Surgem novos personagens, como os 4 cavaleiros, os mártires sob o altar e os habitantes aterrorizados.
Temática e propósito	Exaltação e investidura do Cordeiro. Deus e o Cordeiro recebem adoração. O Cordeiro é declarado digno de governar e julgar.	Abertura dos selos inicia calamidades apocalípticas. Transição do louvor celestial para os desdobramentos históricos.

Fonte: Autoria própria.

Os capítulos 4–5 estabelecem a autoridade do Cordeiro para governar e julgar a história, enquanto o capítulo 6 mostra as consequências dessa autoridade na terra, por meio da progressiva abertura dos selos. Dessa forma, Ap 6 não apenas continua Ap 4–5, mas representa o desencadeamento da era histórica que antecede a consumação escatológica.

Dessa forma, a delimitação final reforça que Ap 4–5 deve ser lido como bloco coeso, cuja função é apresentar a entronização do Cordeiro e preparar a narrativa da abertura dos selos em Ap 6.

1.2.4 Considerações finais sobre a delimitação

Assim, a definição e delimitação da perícope de Apocalipse 4–5, com base em critérios literários, teológicos e estruturais, evidenciam sua unidade coesa e estratégica dentro da arquitetura do livro. A análise dos elementos de coesão interna, bem como das transições que marcam seus limites com os capítulos precedentes e subsequentes, demonstra que essa seção constitui um díptico litúrgico-teológico que articula a soberania criadora de Deus e a dignidade redentora do Cordeiro. Apocalipse 4 e 5 não apenas preparam o leitor para a abertura dos selos

no capítulo 6, mas fundamentam teologicamente a autoridade de Cristo sobre a história e a escatologia que se desenrola a partir de então. Portanto, a delimitação dessa perícopes oferece o alicerce hermenêutico necessário para a leitura da sequência apocalíptica, revelando seu papel introdutório, programático e profundamente teológico no contexto maior da revelação joanina.

1.2 Crítica textual de Apocalipse 4-5

A crítica textual se ocupa em restabelecer o texto original, no sentido de chegar o mais próximo possível aos escritos originais. Epp (1993, p. 47) afirma: “a crítica textual é a guardiã da exegese, pois dela depende toda interpretação responsável do Novo Testamento”. A crítica textual do Novo Testamento busca estabelecer o texto mais próximo possível do original, considerando as variantes textuais encontradas nos manuscritos antigos. Trata-se de uma ciência indispensável para o estudo dos textos bíblicos, uma vez que existem milhares de testemunhas. Segundo Paroschi (1999, pp. 15-16), essa disciplina se justifica pela ausência dos autógrafos e pela presença de divergências entre as cópias manuscritas.

A restauração do texto original, além de um esforço filológico, constitui uma base fundamental para a exegese bíblica, garantindo que a interpretação se aproxime ao máximo do que os autores apostólicos realmente escreveram. O objetivo da crítica textual não é colecionar variantes, mas determinar, entre elas, qual representa mais fielmente o texto original” (Metzger, 1994, p. 15). Ainda conforme Paroschi (1999, p.17), compreende-se que a crítica textual do Novo Testamento consiste em realizar uma análise criteriosa da tradição manuscrita, com o objetivo de identificar divergências, avaliar as probabilidades e reconstruir o texto que mais se aproxima do original ou da forma primitiva do autógrafo.

É enfatizado por Ehrman (1993) que as variantes são janelas para a história da recepção e transmissão do texto sagrado. Assim, identificar com precisão a formulação que mais provavelmente corresponde ao texto original é um desafio significativo na crítica textual. Isso se deve ao fato de que uma mesma palavra ou frase pode apresentar grandes divergências entre os manuscritos. Nesse contexto, conforme Silva (2022):

Identificar com certa segurança a formulação que mais provavelmente equivale à redação original não é tarefa simples, pois para a mesma palavra ou frase pode haver grande divergência entre os manuscritos. Por isso, é necessário avaliar cada uma das variantes (chamadas de 'leituras' ou 'lições'), principalmente nos casos mais intrincados, para os quais nenhum dos manuscritos conhecidos oferece uma opção segura (Silva, 2022, p. 93).

Finalmente, é lembrado por Black (1994, p. 28) que a crítica textual não é inimiga da fé, mas seu alicerce, pois assegura que lemos a Palavra o mais próximo possível de sua forma original., não se limita à restauração do texto, mas também busca resgatar o sentido original pretendido pelo autor bíblico, considerando as alterações ocorridas nos manuscritos ao longo do tempo, que podem impactar a compreensão exegética da mensagem transmitida.

1.2.1 Análise das variantes

Este trabalho adota a edição crítica, 5ª edição revisada da United Bible Societies Greek New Testament, por sua ênfase nas variantes textuais mais relevantes à exegese, apresentadas de forma clara e acessível. O aparato inclui comentários explicativos breves e uma classificação do grau de certeza (A–D) para a decisão editorial, o que contribui para escolhas interpretativas mais fundamentadas. Dada a natureza teológica e intertextual da análise de Apocalipse 4–5, uma perícopes longa, visando a objetividade, a UBS5 oferece um equilíbrio entre precisão textual e aplicabilidade exegética. Os comentários de Roger Omanson e Metzger (2006), na edição da UBS5, contribuem significativamente para a validação das escolhas textuais, oferecendo explicações fundamentadas que facilitam a compreensão das decisões críticas.

1.2.2 Apocalipse 4,1 - Segmentação

Μετὰ ταῦτα εἶδον, καὶ ἰδοὺ θύρα ἡνεωγμένη ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἡ φωνὴ ἡ πρώτη ἣν ἤκουσα ὡς σάλπιγγος λαλούσης μετ’ ἐμοῦ λέγων, Ἀνάβα ὧδε, καὶ δεῖξω σοι ἃ δεῖ γενέσθαι αὐτὰ. b.

Tipo de Variante

Segmentação sintática (pontuação)

Não há variantes textuais lexicais ou morfológicas relevantes em Ap 4.1. A única questão crítica é a divisão da sentença final (segmentação) — ou seja, se a expressão μετὰ ταῦτα deve ser ligada ao que vem antes (v.1) ou ao que vem depois (v.2). Segmentação:

Variantes

Embora não haja variantes lexicais, há duas possibilidades de segmentação:

Leitura 1 – Segmentação após μετὰ ταῦτα (leitura adotada):

"E mostrar-te-ei o que deve acontecer depois destas coisas."

Esta leitura isola com clareza a promessa do que será revelado.

Leitura 2 – Segmentação antes de μετὰ ταῦτα (alternativa):

"Depois destas coisas, fui imediatamente arrebatado no Espírito..."

Essa leitura liga μετὰ ταῦτα à experiência visionária que segue no versículo 2.

Evidências Externas

Não há divergência significativa nos manuscritos gregos quanto ao conteúdo do versículo. A segmentação é uma questão de pontuação editorial moderna (os manuscritos antigos não tinham pontuação). Traduções modernas confiáveis, como NRSV, NA28, Bíblia de Jerusalém, RA e ARA, seguem a segmentação do UBS5.

Grau de Certeza: {A} – Grau máximo de certeza atribuído pelo comitê editorial do UBS5. A leitura adotada ("mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas") tem apoio interno e estilístico muito forte e é praticamente unânime nos manuscritos gregos.

Evidências internas

Coerência com o estilo do Apocalipse: A fórmula ἃ δεῖ γενέσθαι μετὰ ταῦτα aparece também em Ap 1.19 e 22.6, sempre relacionada à revelação escatológica e não ao estado do profeta. Marcadores narrativos: A conjunção εὐθέως no v.2 serve como indicador de nova etapa narrativa e favorece a separação com o v.1. Unidade temática: A voz que convida João a subir e promete mostrar "o que deve acontecer" abre a seção celestial (Ap 4–5), o que reforça a leitura como fechamento do v.1.

A primeira nota observada na UBS5 está em "μετὰ ταῦτα^b" final e tem a ver com a segmentação, indicando, por meio da letra C:³, a existência de uma cesura entre orações ou

³ C: NAmg WH || NO C: NAmg WH3 - A notação "C: NAmg WH / NO C: NAmg WH" indica, segundo o manual da UBS5, que há uma cesura (C) reconhecida por edições como a margem da New American Bible (NAmg) e a edição crítica de Westcott & Hort (WH), ou seja, uma pausa ou divisão sintática no versículo. Já "NO C" indica que essas mesmas edições, em outro ponto, não reconhecem essa cesura.

palavras nas edições ou traduções citadas. Tais diferenças na segmentação resultam no agrupamento de palavras e orações diferentes com uma mudança de significado em relação ao texto.

De acordo com Omanson e Metzger (2006), a segmentação de Apocalipse 4,1 apresenta duas possibilidades interpretativas dependendo da colocação da pausa. Se a pausa ocorrer após a expressão grega *μετὰ ταῦτα* (depois dessas coisas), o sentido será: "eu mostrarei a você o que deve acontecer depois disso" (NRSV). No entanto, se a pausa for feita antes da expressão, o significado muda para: "depois disso eu estava imediatamente no espírito" (Omanson, 2010).

Beale (1999, pp. 316-317) observa que a expressão *Μετὰ ταῦτα* ("depois dessas coisas") não deve ser entendida como uma indicação de sequência histórica entre os eventos descritos em Apocalipse 4–5 e os capítulos anteriores, mas apenas como uma transição literária que introduz uma nova visão recebida por João, conforme o padrão repetido em outras seções do livro, como em 7,1, 7,9, 15,5, 18,1 e 19,1.

A decisão editorial da UBS5 de segmentar "*μετὰ ταῦτα*" como parte do início da nova visão é coerente com o estilo de transição entre ciclos apocalípticos no livro. A expressão marca o início da nova cena visionária do trono celeste, que corresponde à segunda parte de Ap 1,19: "as coisas que hão de acontecer depois destas", reforçando sua função temporal e profética

1.2.3 Apocalipse 4,11 - Quatro variantes

ἄξιος εἶ, ὁ κύριος καὶ ὁ θεὸς ἡμῶν,
λαβεῖν τὴν δόξαν καὶ τὴν τιμὴν καὶ τὴν δύναμιν,
ὅτι σὺ ἔκτισας τὰ πάντα,
καὶ διὰ τὸ θέλημά σου ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν.

Tipo de Variante

Variação de ordem verbal e omissão/adição de verbos.

Trata-se de uma marcação do aparelho de segmentação discursiva, que mostra onde o texto pode ser dividido para melhor entendimento do fluxo da narrativa.

A questão textual principal está na expressão final, ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν, cuja ordem parece, à primeira vista, teologicamente estranha: “existiam e foram criadas”.

Variante Principal

Unidade de variação: ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν (existiram e foram criadas)

Classificação UBS5: {A} – alto grau de certeza quanto à leitura adotada.⁴

Variantes textuais

Leitura 1 - ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν (“existiram e foram criadas”) é a leitura base adotada pela UBS5. Verifica-se um verbal denso e teologicamente profundo, ao expressar tanto a criação quanto a preservação da existência. Por ser uma construção mais difícil de interpretar, é considerada autêntica, segundo o princípio da *lectio difficilior*⁵.

Leitura 2 - εἰσιν (“são, estão”)

Constitui uma leitura de harmonização, que evita o contraste entre os dois verbos e oferece uma formulação atemporal da existência. Provavelmente surge para suavizar a tensão exegética do texto base⁶.

Leitura 3 - ἐγένοντο (“tornaram-se”)

É uma substituição lógica, que ajusta a construção para indicar claramente a origem dos seres criados, sem sugerir preexistência. É menos difundida e aparece em tradição armênia⁷.

Leitura 4 - οὐκ ἦσαν (“não existiam”)

⁴ Tratamento editorial da UBS5: apesar de listar mais de uma forma de leitura, o aparato crítico classifica essas variações sob um mesmo número (1) e atribui a elas o mesmo grau de certeza editorial {A}, o que reforça a ideia de que todas pertencem a uma única unidade de variação (*variation unit*).

⁵ Conta com amplo apoio de manuscritos gregos antigos, versões latinas e autores patrísticos - Unciais: $\aleph$ (*Codex Sinaiticus*, séc. IV); A (*Codex Alexandrinus*, séc. V).; Minúsculos: 205, 209, 1006, 1611, 1841, 2053, 2351 (sécs. X–XIV); Versões: Byz (Texto Bizantino, sécs. IX–XIV); itar, itgig, itt (Latim Antigo, sécs. IV–VI); vg (Vulgata, séc. IV); Pais da Igreja: Aprígio (séc. VI), Beato de Liébana (séc. VIII).

⁶ Ocorre em manuscritos e versões orientais, além de autores eclesiásticos, representando uma alternativa mais harmoniosa à leitura tradicional - Minúsculos: P (*Codex Porphyrianus*, séc. IX), 1854, 2050, 2344 (sécs. X–XIII). Versões: cospa (*Copta Saídica*, séc. III/IV), Etíope (sécs. IV–VII). Autor: André de Cesaréia (séc. VI/VII).

⁷ Aparece em poucos testemunhos e reflete uma tentativa de tornar o texto mais lógico do ponto de vista existencial - Minúsculo: 2329 (séc. XIII). Versão: Armênia (arm, sécs. V–VII).

Reflete uma correção teológica isolada, provavelmente elaborada para afirmar com ênfase que os seres criados não existiam antes da criação. Representa uma tentativa de evitar ambiguidade doutrinária⁸.

Leitura 5 - [Omissão de ἦσαν καὶ]

É uma subvariante simplificadora, presente em testemunhos patrísticos latinos. Elimina a duplicidade verbal e concentra a ênfase apenas na ação criadora⁹.

Grau de Certeza

{A} – Grau alto de certeza (UBS5), embora com comentário explicativo.

A leitura ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν é adotada como original, apesar das dificuldades teológicas e estilísticas que levaram copistas a alterá-la.

Evidências Externas

A ordem ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν está presente nos principais manuscritos gregos, incluindo Aleph (Ⲱ), A, C e outros.

As variantes alternativas (como οὐκ ἦσαν ou omissão de ἦσαν) aparecem em testemunhos secundários e versões, sugerindo correção posterior.

As alterações são provavelmente tentativas de harmonizar o versículo com a teologia criacional clássica (ex nihilo).

A leitura ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν possui amplo e antigo respaldo: manuscritos unciais (Ⲱ, A), minúsculos, versões latinas e Pais da Igreja. Essa combinação diversificada e geograficamente dispersa fortalece a autenticidade da leitura. As variantes εἰσιν, ἐγένοντο e οὐκ ἦσαν são minoritárias e geograficamente localizadas. A omissão de ἦσαν καὶ, em testemunhos latinos, indica uma tentativa de resolver uma dificuldade percebida na sequência verbal.

Evidências Internas

⁸ É uma leitura isolada de um códice bizantino tardio, com provável intenção de corrigir teologicamente a ambiguidade do texto base - Uncial: códice 046 (séc. X, tradição bizantina).

⁹ É encontrada em autores latinos e constitui uma subvariante simplificadora da construção verbal dupla - Pais latinos: Varimado (séc. V), Fulgêncio de Ruspe (séc. VI), Primásio de Hadrumeto (séc. VI).

Omanson e Metzger (2006) explicam que a leitura ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν pode gerar dificuldade interpretativa, tendo em vista que parece indicar que as coisas existiam antes de serem criadas, o que inverte a lógica usual de criação seguida de existência.

Beale (1999) interpreta os dois verbos da fórmula ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν como expressões complementares de uma mesma realidade. O primeiro faz referência à criação inicial e o segundo à preservação contínua pela vontade divina. Segundo o autor, variantes como εἰσιν buscam suavizar a tensão do texto, mas acabam enfraquecendo o paralelismo e o impacto da doxologia, enquanto formas como ἐγένοντο e οὐκ ἦσαν são melhor compreendidas como tentativas de correção estilística ou teológica.

Assim, é possível afirmar que a dificuldade do texto (cujas sequência esperada seria ἐκτίσθησαν καὶ ἦσαν) foi aliviada em várias testemunhas, seja pela leitura de οὐκ ἦσαν ou pela omissão de ἦσαν καί. Em vez de enfraquecer o texto, essa aparente dificuldade literária contribui para sua autenticidade, sendo valorizada conforme o princípio de que a leitura mais difícil, *lectio difficilior*. Nesse mesmo sentido, Aland e Aland (2014, pp. 283-294) reforçam que os princípios clássicos da disciplina, *lectio difficilior potior* e *lectio brevior potior*, “permanecem critérios indispensáveis”. Assim, a análise das variantes não apenas ilumina o processo de transmissão, mas também fornece critérios para uma reconstrução confiável do texto original. Nesse sentido, A escolha da UBS5 se mostra bem fundamentada e sensível às nuances do texto.

1.2.4 Apocalipse 5,1 - Segmentação

Καὶ εἶδον ἐπὶ τὴν δεξιὰν τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου βιβλίον γεγραμμένον ἔσωθεν α καὶ ὀπισθεν β κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτά.

Apocalipse 5,1 não apresenta variantes léxicas ou morfossintáticas registradas no aparato crítico da edição UBS5¹⁰. O texto é estável nos principais manuscritos gregos

¹⁰ A sigla “C.”, utilizada no aparato crítico da edição UBS5, indica um caso de divergência editorial ou de segmentação entre traduções modernas, sem envolvimento de variantes textuais nos manuscritos gregos. A indicação “NRSVmg” refere-se à nota marginal (mg = marginal note) da versão New Revised Standard Version, que oferece uma segmentação alternativa da frase grega. As demais siglas — (AD) TR WH GNB NIV NRSV REB EU LB BJ NBS TOB BTI DHH — correspondem a traduções ou edições críticas que adotam a leitura principal da UBS5 ou que igualmente reconhecem a diferença editorial. Entre elas estão: Textus Receptus (TR), Westcott-Hort (WH), Good News Bible (GNB), New International Version (NIV), Revised English Bible (REB), Einheitsübersetzung (EU), Living Bible (LB), Bible de Jérusalem (BJ), Nouvelle Bible Segond (NBS), Traduction œcuménique de la Bible (TOB), Bíblia Tradução Interconfessional (BTI) e Dios Habla Hoy (DHH) (Aland et al. (2014).

disponíveis, sem omissões ou substituições de palavras. A única questão crítica relevante refere-se à segmentação do texto, o que configura uma variação interpretativa, não textual.

A discussão está centrada na estrutura da expressão γεγραμμένον ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν, κατεσφραγισμένον, que pode ser segmentada de duas formas distintas, acarretando implicações na compreensão da construção semântica e na tradução.

Segmentações textuais

Leitura 1 – Segmentação alternativa (não adotada).

- Grego: γεγραμμένον ἔσωθεν, καὶ ὀπισθεν κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτὰ
- Tradução: “escrito por dentro; e no verso selado com sete selos.”

Essa segmentação aparece como nota marginal na New Revised Standard Version (NRSV, 1989). A leitura propõe uma distinção funcional entre o conteúdo (escrito por dentro) e o selo (no verso). No entanto, trata-se de uma reconstrução editorial moderna e não de uma variação documentada em manuscritos antigos, razão pela qual é considerada de baixa probabilidade, segundo os critérios da crítica textual.

Leitura 2 – Segmentação tradicional (adotada pela UBS5)

- Grego: γεγραμμένον ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν, κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτὰ
- Tradução: “escrito por dentro e por fora, selado com sete selos.”

Essa segmentação é adotada pelas principais edições críticas do Novo Testamento, como UBS5, Westcott-Hort (WH) e Textus Receptus (TR), bem como por versões modernas, como NIV, REB, BJ, TOB e DHH. A estrutura sugere que o livro está inteiramente escrito em ambos os lados, o que remete a Ezequiel 2,9–10; trecho em que um rolo semelhante aparece escrito “por dentro e por fora”, representando plenitude e juízo.

Evidência externa

A evidência externa é confirmada por importantes manuscritos gregos antigos, incluindo os papiros P18 (c. 200 d.C.) e P24 (c. 250 d.C.). Também corroboram essa leitura o Codex Sinaiticus (S) (século IV, c. 350 d.C.), o Codex Alexandrinus (A) (século V, c. 450 d.C.) e o Codex Ephraemi Rescriptus (C) (século V, c. 450–460 d.C.). Esses testemunhos preservam de forma unânime a leitura tradicional de Apocalipse 5,1; sem variações na ordem das palavras ou omissões, reforçando sua estabilidade textual.

Grau de Certeza

{A} – Grau máximo de certeza (UBS5)

Apesar da existência de pequenas variantes, o comitê está confiante em relação à leitura adotada, com base em ampla evidência manuscrita e coesão interna.

Evidência interna

A evidência interna, isto é, os fatores contextuais e estilísticos do próprio texto, também favorece a segmentação tradicional. Segundo Roger Omanson: “Se a quebra for feita depois de ἔσωθεν e não depois de ὀπισθεν, o sentido é: ‘um rolo escrito no interior e selado no verso com sete selos’. Mas se a quebra for feita após ὀπισθεν, o sentido é: ‘um rolo escrito por dentro e por fora, selado com sete selos’ [...]” (Omanson; Metzger, 2006, p. 530).

Beale (1999) afirma que essa construção remete a práticas jurídico-administrativas do mundo romano, em que testamentos e documentos oficiais eram escritos em ambos os lados e selados diversas vezes, sugerindo autoridade, sigilo e progressividade na revelação: “Os sete selos indicam que o rolo não pode ser lido até que todos sejam abertos, o que implica uma abertura sequencial. Trata-se de um documento fechado, contendo uma mensagem total de Deus, refletindo padrões legais do mundo romano [...]” (Beale, 1999, pp. 342-348, tradução nossa).

Assim, tanto o estilo literário do autor do Apocalipse quanto o pano de fundo cultural favorecem a compreensão de um livro inteiramente escrito e completamente selado, o que está coerente com a leitura tradicional.

Fica entendido, portanto, que não há variantes textuais léxicas ou morfológicas em Apocalipse 5,1. A única questão existente diz respeito à segmentação editorial, cuja evidência externa e interna favorece claramente a leitura adotada pelo UBS5: “escrito por dentro e por fora, selado com sete selos”. A interpretação tradicional é sólida, coerente com o contexto bíblico (cf. Ez 2,9–10) e com práticas documentais antigas. A proposta alternativa, embora possível, é menos natural e carece de respaldo documental.

1.2.5 Apocalipse 5,6 - Uma variante

Καὶ εἶδον ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν τεσσάρων ζώων καὶ ἐν μέσῳ τῶν πρεσβυτέρων ἄρνιον ἑστηκὸς ὡς ἐσφαγμένον ἔχων κέρατα ἑπτὰ καὶ ὀφθαλμοὺς ἑπτὰ οἳ εἰσιν τὰ [ἑπτὰ]1 πνεύματα τοῦ θεοῦ ἀπεσταλμένοι εἰς πᾶσαν τὴν γῆν.

A UBS5 apresenta uma única variação significativa nesse versículo¹¹. A dúvida consiste em saber se a palavra ἑπτὰ ("sete") estava originalmente presente ou não. O foco da análise está na expressão: τὰ [ἑπτὰ] πνεύματα τοῦ θεοῦ

Variantes textuais

A principal variante presente em Apocalipse 5,6 envolve a expressão final da sentença: τὰ [ἑπτὰ] πνεύματα τοῦ θεοῦ (“os [sete] espíritos de Deus”), com duas possibilidades de leitura:

Leitura 1 - τὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ – sem o número “sete”;¹² A Variante A reforça a conexão com outros textos do Apocalipse que mencionam os sete espíritos de Deus (Ap 1,4; 3,1; 4,5).

Leitura 2 - τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ – com o número “sete”, leitura esta colocada entre colchetes na UBS5, indicando incerteza editorial.¹³

Evidência externa

A evidência manuscrita é equilibrada entre as duas leituras. A omissão do número “sete” é sustentada por testemunhos mais antigos e diversificados, incluindo o papiro ̡24

¹¹ 1. {C} τὰ ἑπτὰ ̡24 2329 2053 1854 ̡ (2344 omit τὰ) 2351 Byz [046] itgig vgcl syrph, h copsa, bo arm Irenaeuslat Clementvid Hippolytus; Cyprian Maternus Tyconius Gregory-Elvira Fulgentius Primasius Beatus // τὰ A Pvid 205 209 1006 1611 1841 2050 itar vgww, st Irenaeusarm Andrew; Apringius. A UBS5 dá à leitura com “ἑπτὰ” o grau {C}, indicando que os editores estavam incertos quanto à autenticidade dessa palavra. Ela pode ter sido omitida acidentalmente, por semelhança com outras ocorrências na mesma linha, ou adicionada para harmonizar com Ap 1:4; 3:1; 4:5.

¹² A variante sem o numeral "ἑπτὰ" é atestada pelos manuscritos gregos ̡24 (século III), ̡ - Codex Sinaiticus (século IV), 1854 (século XII), 2053 (século XI), 2329 (século XI), 2344 (século XI, omitindo inclusive o artigo “τὰ”) e 2351 (século XII). Além disso, essa leitura é confirmada em diversas versões antigas, como o itálico antigo (Itg), a Vulgata (vg^{cl}), as versões siríacas (syr^{ph,h}), as coptas (cop^{sa,bo}), a armênia (arm) e também por Pais da Igreja, como Irineu (Irenaeus^{lat}), Clemente (Clement^{vid}), Hipólito, Cipriano e Primásio.

¹³ A variante com o numeral "ἑπτὰ" encontra respaldo nos códices A - Codex Alexandrinus (século V), P (século IX), 205 (século X), 209 (século X), 1006 (século XI), 1611 (século X), 1841 (século X) e 2050 (século XI), além de versões latinas e armênicas posteriores que buscam harmonizar com outras menções aos “sete espíritos” em Apocalipse 1:4, 3:1 e 4:5.

(século III) e o códice κ (século IV), além de amplo apoio nas versões antigas e nos Pais da Igreja. Por outro lado, a leitura que inclui “ἐπτὰ” aparece em testemunhos relevantes como o códice A (século V) e outros manuscritos bizantinos.

Grau de Certeza

Esse equilíbrio entre os grupos de manuscritos levou os editores da UBS5 a atribuírem a essa variante o nível de certeza {C}, o que indica substancial incerteza quanto à forma original do texto. A incerteza decorre da distribuição equilibrada dos manuscritos a favor e contra a inclusão de ἐπτὰ, e da possibilidade de inserção ou omissão accidental.

Evidências internas

A construção do versículo em Apocalipse 5,6 favorece a presença do número “sete” (ἐπτὰ), uma vez que ele aparece anteriormente com os termos “chifres” e “olhos”, formando uma tríade simbólica coesa. Os “olhos”, explicitamente numerados como sete, são identificados como os “[sete] espíritos de Deus”, o que torna natural a inclusão do numeral também nesse terceiro elemento.

Além disso, o livro já apresentou os “sete espíritos de Deus” em passagens anteriores (1,4; 3,1; 4,5), o que reforça a continuidade temática e simbólica. Nesse cenário, a ausência do número pode parecer uma quebra de padrão literário. Por outro lado, essa mesma expectativa simbólica pode ter motivado a adição posterior de “ἐπτὰ” por copistas. Por isso, os editores da UBS5 optaram por colocá-lo entre colchetes e atribuir grau de certeza {C}, reconhecendo tanto a força do contexto quanto a possibilidade de harmonização editorial.

Segundo Metzger (2006), ainda que a ausência do numeral nos manuscritos tenha importância textual, o fluxo narrativo e a coerência interna da obra favorecem a leitura de que os “espíritos” correspondem aos sete espíritos previamente introduzidos, reforçando a consistência simbólica do Apocalipse. De acordo com o autor, “o significado permanece inalterado mesmo que ‘sete’ seja omitido, pois ‘os espíritos’ são claramente identificados com os ‘sete espíritos’ nos caps. 1, 3 e 4 [...]” (Omanson; Metzger, 2006, p. 531)¹⁴.

¹⁴ A inclusão do numeral ἐπτὰ (“sete”) em Ap 5,6 é incerta. Segundo Omanson e Metzger (2006, p. 531), sua omissão pode ter ocorrido por confusão visual, mas sua inserção posterior também pode ser explicada por harmonização com outras passagens. O aparato da UBS5 classifica a variante como {C}, indicando incerteza editorial.

Diante disso, a opção dos editores de colocar o termo entre colchetes no texto grego da UBS5 representa adequadamente a incerteza editorial, sem prejudicar a compreensão exegética da cena, cujo pano de fundo é claramente o simbolismo de Zacarias 4,10: “os sete olhos do Senhor que percorrem toda a terra”.

As variantes de Apocalipse 5,6 refletem duas tradições textuais legítimas e influenciadas por diferentes princípios de transmissão. A ausência de “ἐπτά” possui apoio documental mais antigo e diversificado, mas a inclusão pode ter base em uma intenção hermenêutica. Ambas são coerentes com a teologia simbólica do Apocalipse. O uso dos colchetes representa, assim, a melhor decisão editorial para transmitir a complexidade do texto à luz da crítica textual.

1.2.6 Apocalipse 5,9 - Três variantes e cinco leituras

Καὶ ἄδουσιν ᾠδὴν καινὴν λέγοντες· Ἄξιός ἐστι λαβεῖν τὸ βιβλίον καὶ ἀνοῖξαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ, ὅτι ἐσφάγης καὶ ἡγόρασας τῷ θεῷ ἐν τῷ αἵματί σου ἐκ πάσης φυλῆς καὶ γλώσσης καὶ λαοῦ καὶ ἔθνους.

Aland et al. (2014) afirmam que “O aparato crítico da UBS5 registra apenas uma variante textual em Apocalipse 5,9¹⁵ evidenciando sua metodologia seletiva voltada para questões tradutórias relevantes, conforme os critérios estabelecidos pela Deutsche Bibelgesellschaft”.

Variantes textuais

Leitura 1- τῷ θεῷ (“para Deus”)

É a leitura adotada no texto da UBS5, com grau de certeza {A}¹⁶. Essa é a leitura mais curta e mais difícil (*lectio brevior et difficilior*), por isso, considerada a original pelos editores da UBS5. A ausência de um objeto explícito (como “nos”) força o leitor a inferir quem foi

¹⁵ 2 {A} τῷ θεῷ A eth // ἡμῶς 1 vgms // τῷ θεῷ ἡμῶς 2351 2329 2053 1841 1611 1006 209 & Byz [046] copbo Andrew // ἡμῶς τῷ θεῷ 2050 2344 itar, gig vg syrph, h arm Hippolytus; Cyprian Maternus Augustine Varimadum Fulgentius Primasius Beatus // τῷ θεῷ ἡμῶν (see 5,10) 205 (copsa)

¹⁶ O aparato UBS5 utiliza letras de A a D para indicar o grau de certeza na escolha da leitura original. A sinaliza alta certeza; B indica segurança, alguma dúvida; C reflete considerável incerteza; D aponta decisão altamente duvidosa. Esse sistema orienta tradutores sobre a confiança na leitura adotada.

comprado — algo comum no estilo litúrgico do Apocalipse. Sua concisão também evita harmonização com versículos vizinhos, como Ap 5,10.17.

Leitura 2 - ἡμᾶς (“nos”)

Leitura secundária. Não é adotada no texto principal. Essa leitura aparece isoladamente, provavelmente como tentativa de deixar mais explícito o objeto da ação (“compraste a nós”). Essa variante substitui a referência a Deus pelo pronome pessoal “nos”, tornando explícito quem foi comprado por meio do sangue do Cordeiro. Representa uma tentativa de clareza teológica ou de ênfase pastoral, mas rompe com a sintaxe litúrgica típica do Apocalipse.¹⁸

Leitura 3 - τῷ θεῷ ἡμᾶς ("para Deus, nos")

Essa leitura combina as duas anteriores, o que sugere uma expansão posterior, uma tentativa de manter a referência teológica (“para Deus”) e, ao mesmo tempo, incluir o sujeito direto (“a nós”) de forma explícita. Esse tipo de combinação é comum em tradições manuscritas mais tardias, especialmente bizantinas¹⁹. Trata-se de uma leitura amplamente testemunhada, mas editorialmente considerada secundária.

Leitura 4 - ἡμᾶς τῷ θεῷ ("a nós para Deus")

Outra combinação dos mesmos dois elementos, invertendo-se apenas a ordem. Mostra forte circulação nas versões e tradição patrística. Inversão da leitura anterior, com o pronome “a nós” antes de “para Deus”. A alteração de ordem sugere transmissão oral ou cópia por memorização, típica em manuscritos e versões. Essa variante aparece sobretudo nas versões

¹⁷ É apoiada pelos Manuscritos gregos: A (Códice Alexandrinus, séc. V) e a Versão antiga: eth (etíope antiga)

¹⁸ É sustentada por manuscritos da Vulgata em suas variantes (vgms, século IV–V) e pelo manuscrito latino 1 (provavelmente século V–VI). Essa leitura é considerada secundária, surgida com o propósito de clarificar o texto.

¹⁹ A leitura combinada τῷ θεῷ ἡμᾶς, que junta a referência teológica e o objeto direto, é amplamente testemunhada por manuscritos gregos, como o códice Ɑ (Sinaiticus, século IV), os minúsculos 209, 1006, 1611, 1841, 2053, 2329, 2351 (séculos IX a XII), além do texto bizantino majoritário (Byz), o uncial 046 (século X), a versão copta boárica (copbo, século III–IV) e o comentário de André de Cesaréia (século VI–VII).

latinas, siríacas e armênias, o que revela sua ampla circulação nas igrejas orientais e ocidentais, ainda que como leitura secundária.²⁰

Leitura 5 - τῷ θεῷ ἡμῶν ("para o nosso Deus")

Leitura tardiamente influenciada e pouco atestada. Possivelmente uma harmonização com Apocalipse 5,10, em que aparece a expressão τῷ θεῷ ἡμῶν ("para o nosso Deus"). Parece ser uma tentativa teológica e litúrgica de unificar os dois versículos. Trata-se de uma leitura isolada, provavelmente marginal.²¹

Evidências externas

ἡμῶς aparece nos importantes manuscritos A, 046, 1854, 2344, entre outros, além de várias versões antigas (latina, etiópica, copta).

αὐτούς é a leitura de Ɣ, C, P, e da maioria bizantina.

A variante sem pronome está em manuscritos menores e deve ser vista como secundária.

Grau de certeza

{C} – Grau baixo de certeza textual, segundo o UBS5. O comitê reconhece grande incerteza, pois há divergência substancial entre manuscritos antigos sobre o objeto da redenção (nós? eles?) e a estrutura teológica da frase.

Evidências internas

A UBS5 escolhe a leitura "τῷ θεῷ" como original, atribuindo-lhe o grau de certeza {A}, o mais alto na escala editorial. Essa decisão se justifica por três critérios principais: (1)

²⁰ A inversão ἡμῶς τῷ θεῷ é também bem atestada, ocorrendo nos minúsculos 2050 e 2344 (séculos X–XI), nas versões latinas antigas (itar, gig, vg), siríacas (syrrh, syrph) e armênia (arm, século V). Essa leitura aparece ainda nos escritos de Hippolytus (século III), Cyprian (século III), Maternus, Augustine (século IV–V), Varimadum, Fulgentius (século V–VI), Primasius (século VI) e Beatus (século VIII), revelando uma ampla tradição patrística.

²¹ A forma τῷ θεῷ ἡμῶν, provavelmente influenciada por Apocalipse 5,10, encontra-se no minúsculo 205 (século X) e na versão copta saídica (copsa, século III–IV). Trata-se de uma leitura isolada e tardia, com sinais claros de harmonização litúrgica.

trata-se de uma leitura mais difícil, pois omite o objeto direto “nós”, exigindo inferência do leitor; (2) é a forma mais curta, o que a torna menos suscetível a expansões explicativas; e (3) é apoiada por testemunhos antigos e independentes, como o Códice Alexandrinus (séc. V) e a versão etíope (séc. IV–V). Já as variantes com o pronome “ἡμᾶς”, isolado ou combinado com “τῷ θεῷ”, são consideradas adaptações posteriores motivadas por intenção teológica, litúrgica ou exegetica.

1.2.7 Apocalipse 5,10 - Duas Variantes e cinco leituras

καὶ ἐποίησας αὐτοὺς τῷ θεῷ ἡμῶν βασιλεῖς καὶ ἱερεῖς, καὶ βασιλεύσουσιν ἐπὶ τῆς γῆς.

Apocalipse 5,10 apresenta duas variações principais no aparato crítico da UBS5, envolvendo dois locais do versículo, o que afeta diretamente o sujeito e o tempo verbal da ação: o pronome pessoal αὐτούς / ἡμᾶς (“eles” / “nós”) e a forma verbal βασιλεύσουσιν / βασιλεύουσιν / βασιλεύσομεν (“reinarão” / “reinarão” / “reinaremos”).

Variação Pronominal: αὐτούς (“eles”) vs. ἡμᾶς (“nós”)

Leitura 1- αὐτούς (“eles”) – {A}

αὐτούς – Leitura da maioria dos manuscritos gregos e versões antigas: ²²

Leitura 2 - ἡμᾶς (“nós”)

²² A leitura αὐτούς (“eles”) de Apocalipse 5,10 é sustentada por uma ampla e antiga tradição textual que abrange diferentes regiões geográficas e famílias textuais. Entre os manuscritos gregos, destaca-se o P²⁴ (séc. III), papiro que preserva partes do Apocalipse; o Codex Sinaiticus (Σ) (séc. IV); e o Codex Alexandrinus (A) (séc. V). Essa leitura também está presente em diversos manuscritos minúsculos, como os códices 205, 209, 1006, 1611, 1841, 2050, 2053, 2344 e 2351 (sécs. IX–XIII), além do uncial 046 (séc. X) e da tradição bizantina (Byz). Entre as versões antigas, αὐτούς é atestado na Vulgata Latina (vg_{ww}, st_{sub}, sécs. IV–V), nas versões siríacas peshitta e harcliana (syr_{ph,h}, sécs. IV–VI), bem como nas versões coptas boárica e saídica (cop_{bo}, sa_{sub}, sécs. III–IV), na armênia (arm, séc. V) e na etíope (eth, séc. VI). Essa leitura também encontra respaldo nos escritos patrísticos de Cipriano (séc. III), André de Cesaréia (séc. VI), Fulgêncio (séc. VI) e Beato de Liébana (séc. VIII), evidenciando uma aceitação ampla e precoce da forma αὐτούς como representação provável do texto original.

Essa leitura é considerada uma variante secundária, surgida possivelmente por influência litúrgica ou devocional, atestada em algumas versões antigas e testemunhos patrísticos.²³

A variante αὐτούς é considerada a leitura original por apresentar melhor apoio externo e maior coerência interna com o versículo anterior (5,9), que menciona que Cristo comprou pessoas de toda tribo e língua, sem usar o pronome “nós”. A leitura ἡμᾶς parece ter surgido por harmonização com 5,9, em que alguns manuscritos interpolam o “nós” (ἡμᾶς τῷ θεῷ), influenciando copistas a uniformizar a perspectiva da adoração.

Varição Verbal - βασιλεύσουσιν (“reinarão”) vs. βασιλεύουσιν (“reinar”) vs. βασιλεύσομεν (“reinaremos”).

Leitura 3 - βασιλεύσουσιν (“reinarão”) – tempo futuro, 3ª pessoa plural – {A}.

Essa leitura é amplamente considerada a mais provável pelos editores do UBS5 e por diversos estudiosos contemporâneos. Tal forma verbal é sustentada por uma tradição textual diversificada e antiga, com manuscritos e versões que datam desde o século III.²⁴ Essa sólida base documental – que combina antiguidade, diversidade geográfica e textual – confirma a autenticidade dessa forma verbal no contexto escatológico do Apocalipse, reforçando o caráter futuro do reinado prometido aos redimidos.

Leitura 4 - βασιλεύουσιν (“eles reinam”), tempo presente do indicativo, é atestada por uma tradição textual significativa, embora secundária. Apesar do número expressivo de testemunhos, trata-se de uma variante interpretativa que suaviza a expectativa escatológica,

²³ Dentre os manuscritos e versões que apresentam essa leitura, destacam-se os códices latinos itar e gig (ambos datados do século IV), além de manuscritos da Vulgata Clássica (vg_{cl}, séculos V–VI) e da versão copta saídica (cop_{sa}, século III). No campo patrístico, essa leitura aparece em autores como Hipólito de Roma (início do século III), Varimado (século V) e Beato de Liébana (século VIII), refletindo uma tradição interpretativa que favorecia a inclusão dos próprios fiéis na ação celebrada, possivelmente como tentativa de adaptação pastoral ou eclesiológica ao uso litúrgico da passagem.

²⁴ Entre os principais testemunhos gregos, destacam-se: ℘²⁴ (séc. III), Ɑ – Codex Sinaiticus (séc. IV), P – Codex Porphyrianus (séc. IX), 205, 209, 2050, 2053, 2344, 2351 (sécs. IX–XIII), além de versões latinas como it_{gig} (latim antigo, séc. IV), vg_{ww, st} (Vulgata ocidental e Estugardiana, sécs. IV–V) e coptas cop_{sa, bo} (séc. III–IV). A leitura também é sustentada por Pais da Igreja como Hipólito de Roma (c. 170–235), André de Cesaréia (séc. VI), Cipriano de Cartago (c. 200–258) e Fulgêncio de Ruspe (c. 467–527).

apresentando o reinado como realidade presente, provavelmente como tentativa de aplicação litúrgica ou pastoral do texto.²⁵

Leitura 5 - βασιλεύσομεν (“reinaremos”), embora atestada, é considerada uma leitura secundária, surgida provavelmente por influência da variante pronominal ἡμᾶς no versículo anterior (Ap 5,9), com o objetivo de incluir os fiéis no canto celestial de modo mais direto. A escassez de apoio em testemunhos gregos antigos, somada à evidência de motivações teológicas ou litúrgicas para a alteração, confirma seu caráter posterior e editorial.²⁶

A forma βασιλεύσουσιν (“reinarão”) é preferida, pelos seguintes motivos: (I) coerência escatológica – está de acordo com o caráter futuro da promessa messiânica, tendo em vista que o reinado dos redimidos ainda está por se concretizar plenamente (cf. Ap 20,6; 22,5); (II) critério de dificuldade – o tempo futuro foi suavizado por copistas que optaram pelo presente (“reinem”) ou o tornaram mais inclusivo com o “nós reinaremos”; (III) desenvolvimento secundário de βασιλεύσομεν – essa forma surge claramente como uma correção teológica e eclesiológica, influenciada pela variante ἡμᾶς, e não é sustentada por testemunhos gregos antigos.

Evidências externas

αὐτούς: amplamente atestado em Ⲙ, A, C, P, 046, 1611, etc.;

βασιλεύουσιν (presente): presente em A, C, 046, 1854, entre outros;

βασιλεύσουσιν (futuro): encontrado em Ⲙ, minúsculos e versões bizantinas;

βασιλεύσομεν: leitura do Textus Receptus, sem apoio nos melhores manuscritos gregos.

Grau de certeza

²⁵ Entre os principais manuscritos que a sustentam está o Codex Alexandrinus (A), datado do século V, reconhecido por conter uma mescla de leituras bizantinas nos Evangelhos e alexandrinhas nas Epístolas. Além dele, constam os minúsculos 1006 (século XI), 1611 (século X), 1841 (século X) e 2329 (século XIII), todos representantes da tradição posterior bizantina. Também sustentam essa leitura o manuscrito uncial 046 (século X) e a tradição bizantina majoritária (Byz), predominante a partir do século IX. A leitura também aparece em versões latinas antigas, como o itar (Itala antiga, séculos IV–V), o que indica certa difusão ocidental da forma verbal no presente.

²⁶ Essa forma verbal está presente em poucos e relativamente tardios testemunhos, como o manuscrito minúsculo 2432 (século XIII), na Vulgata Clássica (vg_{cl}), com datações que variam entre os séculos VI e IX, dependendo do manuscrito específico) e também em autores patrísticos, como Primásio de Hadrumeto (ativo no século VI) e Beato de Liébana (monge espanhol do século VIII).

Para αὐτούς: {A} – leitura firmemente atestada;

Para βασιλεύουσιν: {A} – com explicação editorial sobre as variantes.

Evidências internas

A leitura αὐτούς (eles) é preferida por ser mais difícil do ponto de vista litúrgico, além de criar uma distinção entre os cantores celestes e os redimidos.

A escolha de βασιλεύουσιν (tempo presente) é mais difícil, pois indica que os redimidos já reinam, o que parece contradizer o caráter ainda futuro da vitória em outras partes do Apocalipse.

No entanto, o uso do presente pode ser interpretado como presente profético ou escatológico realizado, uma antecipação da realidade futura já instaurada no céu.

Segundo Omanson e Metzger (2006, p. 532), “βασιλεύσομεν é um desenvolvimento secundário, surgido da tentativa de ajustar o sujeito do verbo à leitura ἡμᾶς do verso anterior”. Já Osborne (2002) afirma que a escolha pelo futuro indica melhor o plano divino ainda por se cumprir, como em Apocalipse 20,6, em que o mesmo verbo também aparece no futuro para indicar o reinado dos santos.

A UBS5 adota αὐτούς... βασιλεύσουσιν por ter melhor apoio manuscrito e refletir com precisão o tema escatológico de Apocalipse. As variantes com “nós” e “reinaremos” são posteriores e surgiram em decorrência da harmonização com o versículo 9.

1.2.8 Apocalipse 5,13 - Uma variante e 4 lições

-

καὶ πᾶν κτίσμα ὃ ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα ἤκουσα λέγοντας, Τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ καὶ τῷ ἁρνίῳ ἡ εὐλογία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. ²⁷

-

O aparato crítico do UBS5 registra 1 variante textual nesse versículo, envolvendo o trecho καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτοῖς. No entanto, essa variante apresenta 4 lições distintas, refletindo acréscimos de verbos para clarificação estilística.

Leitura 1 - καὶ

²⁷ Ap 5,13, conforme Aland. et al. (2014).

Esta é a lição adotada pelo Comitê Editorial da UBS5, considerada a leitura original por seu caráter mais curto e mais difícil (*lectio brevior et difficilior*), exigindo maior esforço interpretativo.²⁸

Leitura 2 - καὶ ἐστὶν – (e é) acréscimo do verbo “é”, para tornar a construção mais fluente²⁹, parece ter surgido como tentativa de esclarecer a estrutura sintática abrupta da leitura mais curta, inserindo um verbo explícito para melhorar a fluidez da frase.

Leitura 3 - καὶ ἃ ἐστὶν (e as coisas que estão [neles]): καὶ = “e” · ἃ = “as coisas que” · ἐστὶν = “são / estão”). Essa lição apresenta uma tentativa de clarificação do texto grego por meio da inserção de um pronome relativo (ἃ), seguido do verbo de ligação ἐστὶν, conferindo uma construção mais fluida e gramaticalmente explícita³⁰. Essas evidências indicam uma tradição textual ocidental preocupada com a inteligibilidade do texto, possivelmente influenciada pela prática de tradução e liturgia.

Leitura 4 - καὶ ὅσα ἐστὶν – “e todas as coisas que são”. Forma plural enfática e explicativa, intensificando a totalidade das coisas criadas.

Leitura 5 - καὶ ὅσα ἐστὶν (“e todas as coisas que são”). Representa uma forma plural enfática e mais explicativa, que busca tornar o texto mais claro ao leitor.³¹

Evidências externas

A leitura curta (4 termos) é atestada por ⲭ, A, C, P, 046, 1854, versões copta, etíope e siríaca. A leitura expandida aparece em manuscritos bizantinos tardios e em versões litúrgicas (*Textus Receptus*). Não há apoio patristico forte para a versão longa até o séc. IV ou posterior.

Grau de certeza

²⁸ É amplamente atestada por importantes testemunhas textuais, incluindo os códices ⲭ (Codex Sinaiticus, séc. IV), A (Codex Alexandrinus, séc. V), C (Codex Ephraemi Rescriptus, séc. V), bem como pelos minúsculos 1006 (séc. X), 1611 (séc. X), 1841 (séc. XI), 2053 (séc. XII) e 2351 (séc. XIII), além da tradição bizantina consolidada (Byz).

²⁹ É sustentada por alguns manuscritos minúsculos, como 2050 (séc. XIII), 2329 (séc. XIII) e 2344 (séc. XI), além de versões antigas, como a copta bohairica (copbo, Egito, séc. III–IV), a siríaca (syrph, syrh, séc. III–V) e a armênia (arm, séc. V).

³⁰ Essa leitura é sustentada por dois importantes testemunhos de versões antigas: itar, correspondente à Itala, uma versão latina antiga datada do século IV–V; e vgcl, a Vulgata Clementina, expressão da tradição textual da Vulgata Latina consolidada no século VIII–IX, embora baseada em manuscritos anteriores que remontam ao século IV.

³¹ Essa variante é atestada especificamente no manuscrito 046 (séc. X), conhecido como Codex Fragmentário Grego.

{A} – Grau alto de certeza textual, segundo o comitê do UBS5. A leitura breve é considerada original, e a expansão é vista como interpolação litúrgica posterior.

Evidências Internas

Trata-se de uma tentativa de estilizar e completar a sintaxe com uma construção mais fluente e interpretável, embora não seja preferida pelo Comitê do UBS5, que opta pela leitura mais curta καὶ. Essa escolha reflete o princípio da *lectio difficilior*, segundo o qual a leitura mais difícil e abrupta, quando bem atestada, é geralmente mais próxima do original.

A leitura καὶ foi escolhida pelo Comitê da UBS5 por ser mais difícil (*difficilior*), mais breve (*brevior*) e melhor atestada externamente por manuscritos antigos e representativos. As variantes mais longas refletem claras tentativas de clarificação estilística, não evidenciando prioridade histórica.

Com a definição da perícope de Apocalipse 4–5, bem como a análise crítica de suas variantes textuais mais relevantes, foi possível estabelecer uma base sólida para a leitura exegética desta unidade literária. A investigação demonstrou que os dois capítulos formam um bloco coeso e teologicamente central, cuja integridade textual é sustentada por evidências manuscritas confiáveis e por critérios filológicos consistentes. Superada, portanto, a etapa da delimitação e da reconstrução do texto, torna-se necessário avançar na compreensão de sua organização interna. A atenção agora se volta à estrutura retórico-literária da visão celestial, buscando identificar os elementos composicionais que orientam a progressão narrativa e intensificam a mensagem teológica do trono, do livro e do Cordeiro. Este novo passo visa compreender como os recursos literários empregados por João articulam forma e conteúdo, revelando a função simbólica e cültica dessa seção dentro do conjunto do Apocalipse.

2 A ESTRUTURA RETÓRICO-LITERÁRIA E A SEGMENTAÇÃO

A análise linguística de Apocalipse 4–5 propõe-se a investigar de que modo a linguagem empregada pelo autor contribui para a construção teológica da perícope. Partindo do texto grego, conforme a edição crítica da UBS5, esta etapa examina aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos que se revelam fundamentais para a compreensão da cena celestial e da entronização do Cordeiro. A escolha de termos, a organização gramatical e o estilo repetitivo e cúltico não são acidentais: eles desempenham papel estruturante na teologia do trono e do Cordeiro, refletindo intencionalmente as categorias de soberania, sacrifício e adoração. Assim, esta análise técnica, nesta seção, não apenas complementa os paralelismos literários previamente identificados, mas também aprofunda a exegese, revelando nuances do texto que fundamentam sua mensagem cristológica e escatológica.

2.1 Estrutura retórico-literária

A unidade literária de Apocalipse 4–5 revela uma composição cuidadosamente articulada, estruturada por meio de movimentos retóricos que não apenas organizam a cena visionária, mas também sua função teológica. Em vez de uma análise morfossintática minuciosa, propõe-se aqui a identificação de estruturas literárias que reforçam a progressão cúltica e simbólica do texto, conforme sugerem Beale (1999, p. 319-410), Doglio (2012, p. 65-66) e Fee (2011, p. 84-90).

A perícope pode ser compreendida como uma liturgia celestial em quatro grandes movimentos:

O quadro abaixo organiza a visão em quatro grandes movimentos litúrgico-teológicos, que estruturam a narrativa de Ap 4–5.

Quadro 5 – Movimentos litúrgico-teológicos de Apocalipse 4–5

Movimento	Descrição
Convocação profética à visão celestial	Marcada pelo chamado “Sobe aqui” (ἀνάβα ὧδε), inicia a transição entre a realidade terrestre (Ap 2–3) e o espaço divino do trono.
Exaltação do Deus-Criador	Expressa em linguagem simbólica e hinos de adoração, destaca a soberania de Deus sobre toda a criação (Ap 4,3–11).
Apresentação e aclamação do Cordeiro	O único digno de abrir o livro selado, introduz a mediação redentora de Cristo (Ap 5,1–10).
Consumação litúrgica universal	Com a participação de todas as criaturas, culmina em uma doxologia cósmica (Ap 5,11–14).

Fonte: Autoria própria.

Esses movimentos demonstram que a liturgia celestial progride da convocação à doxologia cósmica, revelando uma intencionalidade teológica clara.

Tais movimentos são organizados retoricamente, por meio de paralelismos estruturais, uso reiterativo de fórmulas como ἄξιός (digno) e cadeias de aclamações com sete elementos (Ap 5,12–13), que indicam plenitude. A repetição de expressões e o uso de conjunções coordenativas (καὶ) criam um ritmo cútico cumulativo, típico da literatura apocalíptica (cf. Doglio, 2012, p. 65-66).

Além disso, a estrutura exibe traços de inclusio literária (Ap 4,1 e 5,14), crescendo temático e simetria entre os atos de adoração ao Deus entronizado (cap. 4) e ao Cordeiro (cap. 5). Esse arranjo retórico reforça a ideia de continuidade entre criação e redenção, conferindo à entronização do Cordeiro uma centralidade teológica no Apocalipse.

A organização literária, portanto, não apenas embeleza o texto, mas serve como instrumento teológico: a forma é uma expressão da mensagem. A análise retórico-literária contribui para reconhecer a função de Apocalipse 4–5 como um díptico inaugural, que estabelece o fundamento cútico para os eventos subsequentes do livro.

2.2 Segmentação de Apocalipse 4-5

A exegese bíblica exige, como etapa inicial, a delimitação e segmentação do texto a ser analisado. Esse procedimento permite identificar as unidades literárias que compõem a narrativa e compreender sua progressão temática. Nesse sentido, Silva (2022, p. 63) afirma: “uma vez delimitada a unidade, deve-se verificar sua coerência interna e o modo como se articula com o contexto imediato e com o conjunto da obra”. A segmentação, portanto, não é apenas uma prática técnica, mas constitui um passo fundamental na leitura hermenêutica.

No caso do Apocalipse, essa tarefa é especialmente importante. Os capítulos 4 e 5 formam uma seção central do livro, na qual se articulam a visão do trono de Deus e a entronização do Cordeiro. A compreensão dessa unidade literária depende de uma segmentação cuidadosa, capaz de mostrar como o texto progride de uma cena cútica voltada ao Criador (cap. 4) para a exaltação do Redentor (cap. 5).

Para que a segmentação seja precisa, é necessário trabalhar a partir de um texto grego seguro e criticamente estabelecido. Nesse sentido, Paroschi (1993, p. 17) observa que “sem um texto grego fidedigno, tão mais próximo do original o quanto possível, não há como se fazer confiável crítica histórica ou literária, exegese, teologia, nem mesmo sermão, para não falar

em tradução”. Assim, toda análise literária do Apocalipse deve apoiar-se em uma base textual crítica, como a edição da UBS5, que será utilizada neste trabalho.

Dessa forma, neste capítulo será apresentada a segmentação de Apocalipse 4 e 5, realizada cláusula a cláusula sobre o texto grego, acompanhada de tradução e notas explicativas. O objetivo é oferecer uma leitura estruturada que destaque os elementos retóricos, cúlticos e teológicos da perícopé, preparando o terreno para sua análise exegetico-teológica.

Em seguida serão apresentados, quadros com a segmentação de Apocalipse 4 e 5, baseados no texto grego da UBS5, divididos por temas, tópicos narrativos e litúrgicos, com notas explicativas ao final de cada tabela; estão em formato interlinear e cláusula por cláusula, com tradução direta e didática. Essa organização visa destacar a estrutura literária da perícopé, com atenção especial às vozes celestiais e movimentos litúrgicos, essenciais para a compreensão teológica do capítulo.

2.2.1 Segmentação de Apocalipse 4

O quadro a seguir apresenta a segmentação de Apocalipse 4 com base no texto grego da UBS5, com divisão cláusula a cláusula, acompanhada de tradução direta. Essa segmentação busca evidenciar a progressão litúrgico-teológica do capítulo e facilitar sua análise exegetica e retórica.

Quadro 6 - Convocação profética e início da visão (Ap 4.1–2)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
Μετὰ ταῦτα εἶδον	4.1a	Depois destas coisas, vi
καὶ ἰδοὺ θύρα ἡνεωγμένη ἐν τῷ οὐρανῷ,	4.1b	E eis uma porta aberta no céu
καὶ ἡ φωνὴ ἡ πρώτη ἣν ἤκουσα ὡς σάλπιγγος λαλούσης μετ’ ἐμοῦ,	4.1c	E a primeira voz que ouvi, como de trombeta, falando comigo,
λέγουσα· ἀνάβα ὧδε,	4.1d	Dizendo: “Sobe aqui,
καὶ δείξω σοι ἃ δεῖ γενέσθαι μετὰ ταῦτα.”	4.1e	E te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.”
εὐθέως ἐγενόμην ἐν πνεύματι·	4.2a	Imediatamente, fui arrebatado em espírito,
καὶ ἰδοὺ θρόνος ἔκειτο ἐν τῷ οὐρανῷ,	4.2b	E eis que havia um trono no céu,
καὶ ἐπὶ τὸν θρόνον καθήμενος·	4.2c	E sobre o trono, alguém estava sentado.

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

Esta seção destaca o chamado profético, com uso de linguagem visionária e transição narrativa. O uso de “μετὰ ταῦτα” e “ἀνάβα ὧδε” marcam o início formal de uma nova visão apocalíptica.

Quadro 7 - Descrição do trono e da corte celestial (Ap 4.3–6a)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
καὶ ὁ καθήμενος ὅμοιος ὁράσει λίθῳ ἰάσπιδι καὶ σαρδίῳ·	4.3a	O que estava sentado era semelhante, em aparência, à pedra de jaspe e sardônio
καὶ ἶρις κυκλόθεν τοῦ θρόνου ὅμοιος ὁράσει σμαραγδίνῳ.	4,3b	E ao redor do trono havia um arco-íris semelhante à esmeralda
Καὶ κυκλόθεν τοῦ θρόνου θρόνους εἴκοσι τέσσαρας·	4,4a	E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos
καὶ ἐπὶ τοὺς θρόνους εἶδον τοὺς πρεσβυτέρους καθήμενους,	4,4b	E sobre os tronos vi sentados vinte e quatro anciãos
περιβεβλημένους ἐν ἱματίοις λευκοῖς,	4,4c	Vestidos com roupas brancas
καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν στεφάνους χρυσοῦς.	4,4d	E com coroas de ouro sobre suas cabeças
Καὶ ἐκ τοῦ θρόνου ἐκπορεύονται ἀστραπαὶ καὶ φωναὶ καὶ βρονταί·	4,5a	Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões
καὶ ἑπτὰ λαμπάδες πυρὸς καιόμεναι ἐνώπιον τοῦ θρόνου,	4,5b	E sete lâmpadas de fogo ardiam diante do trono
αἱ εἰσὶν τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ·	4,5c	Que são os sete Espíritos de Deus
καὶ ἐνώπιον τοῦ θρόνου ὡς θάλασσα ὑαλινὴ ὁμοία κρυστάλλῳ.	4,6a	E diante do trono havia como um mar de vidro, semelhante ao cristal

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023)

A segmentação evidencia o crescendo litúrgico e visual: trono → personagem → tronos auxiliares → manifestações divinas. A clareza descritiva sugere camadas de santidade e autoridade ao redor do trono divino.

Quadro 8 - Os quatro seres viventes e a adoração incessante (Ap 4.6b–8)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
καὶ ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ κύκλῳ τοῦ θρόνου τέσσαρα ζῷα	4.6b	E no meio e ao redor do trono, quatro seres viventes
γέμοντα ὀφθαλμῶν ἐμπροσθεν καὶ ὀπισθεν·	4.6c	Cheios de olhos por diante e por detrás
τὸ ζῷον τὸ πρῶτον ὅμοιον λέοντι,	4.7a	O primeiro era semelhante a leão
τὸ δεῦτερον ζῷον ὅμοιον μόσχῳ,	4.7b	O segundo, semelhante a novilho
τὸ τρίτον ζῷον ἔχων τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου,	4.7c	O terceiro tinha o rosto como de homem
τὸ τέταρτον ζῷον ὅμοιον ἀετῷ πετομένῳ.	4.7d	E o quarto era semelhante à águia voando
καὶ τὰ τέσσαρα ζῷα, ἐν καθ' ἐν αὐτῶν, ἔχων ἀνὰ πτέρυγας ἑξ,	4.8a	E os quatro seres viventes, cada um com seis asas
κύκλῳ καὶ ἔσωθεν γέμουσιν ὀφθαλμῶν·	4.8b	Estavam cheios de olhos ao redor e por dentro
καὶ ἀνάπαυσιν οὐκ ἔχουσιν ἡμέρας καὶ νυκτός	4.8c	E não têm descanso, dia e noite
λέγοντες· Ἅγιος, Ἅγιος, Ἅγιος κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ,	4.8d1	Dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso
ὁ ἦν καὶ ὁ ὢν καὶ ὁ ἐρχόμενος.	4.8d2	Aquele que era, que é e que há de vir

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

Essa seção marca o início da liturgia celestial contínua. A divisão por criaturas viventes e os dois versos do cântico trinitário acentuam a reverência e o caráter eterno da adoração.

Quadro 9 - Prostração dos anciãos e doxologia final (Ap 4.9–11)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
Καὶ ὅταν δώσουσιν τὰ ζῶα	4.9a	E sempre que os seres vivos derem
δόξαν καὶ τιμὴν καὶ εὐχαριστίαν	4.9b	Glória, honra e ações de graças
τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ	4.9c	Ao que está sentado sobre o trono
τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων,	4.9d	Ao que vive pelos séculos dos séculos
πεσοῦνται οἱ εἴκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι ἐνώπιον τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου	4.10a	Os vinte e quatro anciãos se prostrarão diante do que está sentado sobre o trono
καὶ προσκυνήσουσιν τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων	4.10b	E adorarão ao que vive pelos séculos dos séculos
καὶ βαλουσιν τοὺς στεφάνους αὐτῶν ἐνώπιον τοῦ θρόνου	4.10c	E lançarão as suas coroas diante do trono
λέγοντες· Ἄξιός ἐστι, ὁ κύριος καὶ ὁ θεὸς ἡμῶν, λαβεῖν τὴν δόξαν καὶ τὴν τιμὴν καὶ τὴν δύναμιν,	4.11a	Dizendo: Digno és, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder
ὅτι σὺ ἔκτισας τὰ πάντα	4.11b	Pois tu criaste todas as coisas
καὶ διὰ τὸ θέλημά σου ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν.	4.11c	E, pela tua vontade, existiram e foram criadas

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

O ciclo da adoração se fecha com a resposta dos anciãos, marcada por ações cúlticas e uma doxologia criacional. A segmentação por linhas de louvor reforça a progressão retórica: dignidade → criação → soberania.

A segmentação de Apocalipse 4 evidencia o caráter progressivo da visão, estruturada por expressões de transição (“depois destas coisas”, “imediatamente”), pela centralidade do trono e pelos hinos de adoração que culminam no versículo 11. Trata-se de uma liturgia organizada em torno da soberania do Deus Criador. Dando continuidade, a análise de Apocalipse 5 segue a mesma metodologia, agora com foco no Cordeiro, cuja dignidade se revela progressivamente a partir da introdução do livro selado.

2.2.2 Segmentação de Apocalipse 5

A segmentação de Apocalipse 5 evidencia a continuidade do enredo de Apocalipse 4, mostrando a transição da adoração ao Criador para a exaltação do Cordeiro imolado. Estruturado em quatro movimentos — crise do livro selado, anúncio do Cordeiro, cântico novo e louvor universal — o capítulo revela a progressão narrativa e litúrgica que intensifica a tensão e culmina na aclamação universal, preparando o terreno para o estudo dos paralelismos internos.

Quadro 10 - Cena do livro selado e da crise no céu (Ap 5.1–5.4)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
Καὶ εἶδον	5.1a	E eu vi,
ἐπὶ τὴν δεξιὰν τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου	5.1b	Na destra daquele que estava sentado sobre o trono,
βιβλίον	5.1c	Um livro
γεγραμμένον ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν	5.1d	Escrito por dentro e por fora
κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτὰ.	5.1e	Selado com sete selos.
Καὶ εἶδον ἄγγελον ἰσχυρὸν κηρύσσοντα ἐν φωνῇ μεγάλῃ·	5.2a	Vi um anjo forte, proclamando com grande voz:
Τίς ἄξιος ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον καὶ λῦσαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ;	5.2b	“Quem é digno de abrir o livro e desatar os seus selos?”
καὶ οὐδεὶς ἐδύνατο ἐν τῷ οὐρανῷ οὐδὲ ἐπὶ τῆς γῆς οὐδὲ ὑποκάτω τῆς γῆς	5.3a	E ninguém podia, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra,
ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον	5.3b	Abrir o livro
οὔτε βλέπειν αὐτό.	5.3c	Nem olhar para ele.
καὶ ἐγὼ ἔκλαιον πολύ,	5.4a	E eu chorava muito,
ὅτι οὐδεὶς ἄξιος εὑρέθη	5.4b	Porque ninguém foi achado digno
ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον	5.4c	De abrir o livro
οὔτε βλέπειν αὐτό.	5.4d	Nem de olhar para ele.

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

A repetição das cláusulas sobre abrir e olhar o livro (vv. 3–4) acentua a gravidade escatológica da crise. A segmentação destaca a estrutura simétrica e a tensão crescente da cena.

Quadro 11 - O anúncio do Cordeiro vitorioso (Ap 5.5–5.7)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
Καὶ εἷς ἐκ τῶν πρεσβυτέρων λέγει μοι·	5.5a	E um dos anciãos me disse:
Μὴ κλαῖε·	5.5b	Não chores;
ἰδοὺ ἐνίκησεν ὁ λέων ὁ ἐκ τῆς φυλῆς Ἰούδα,	5.5c	Eis que venceu o Leão da tribo de Judá,
ἡ ρίζα Δαβὶδ,	5.5d	A Raiz de Davi,
ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον καὶ τὰς ἑπτὰ σφραγίδας αὐτοῦ.	5.5e	Para abrir o livro e os seus sete selos.
Καὶ εἶδον ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν τεσσάρων ζώων καὶ ἐν μέσῳ τῶν πρεσβυτέρων ἄρνιον ἐστηκὸς ὡς ἐσφαγμένον,	5.6a	E vi, no meio do trono, dos quatro seres viventes e no meio dos anciãos, um Cordeiro em pé, como morto,
ἔχων κέρατα ἑπτὰ καὶ ὀφθαλμοὺς ἑπτὰ,	5.6b	Tendo sete chifres e sete olhos,
οἱ εἰσὶν τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ	5.6c	Que são os sete Espíritos de Deus,
ἀπεσταλμένοι εἰς πᾶσαν τὴν γῆν.	5.6d	Enviados a toda a terra.
καὶ ἦλθεν	5.7a	E veio
καὶ εἴληφεν ἐκ τῆς δεξιᾶς τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου τὸ βιβλίον.	5.7b	E tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado sobre o trono.

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

Essa seção contém títulos messiânicos fundamentais (Leão de Judá, Raiz de Davi) e a visão do Cordeiro — a segmentação valoriza o contraste literário entre o anúncio glorioso e a imagem humilde (Cordeiro como imolado).

Quadro 12 - A adoração ao Cordeiro e o cântico novo (Ap 5.8–5.10)

Grego	Subdivisão	Tradução
καὶ ὅτε ἔλαβεν τὸ βιβλίον,	5.8a	E quando tomou o livro,
τὰ τέσσαρα ζῶα καὶ οἱ εἴκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι ἔπεσαν ἐνώπιον τοῦ Ἀρνίου,	5.8b	Os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos se prostraram diante do Cordeiro,
ἔχοντες ἕκαστος κιθάραν	5.8c	Tendo cada um deles uma harpa,
καὶ φιάλας χρυσᾶς γεμούσας θυμιαμάτων,	5.8d	E taças de ouro cheias de incenso,
αἷ εἰσιν αἱ προσευχαὶ τῶν ἁγίων·	5.8e	Que são as orações dos santos.
καὶ ᾄδουσιν ᾠδὴν καινὴν λέγοντες·	5.9a	E entoavam um novo cântico, dizendo:
Ἄξιός ἐστι λαβεῖν τὸ βιβλίον καὶ ἀνοῖξαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ,	5.9b	Digno és de receber o livro e de abrir os seus selos,
ὅτι ἐσθάγης καὶ ἡγόρασας τῷ θεῷ ἐν τῷ αἵματί σου	5.9c	Porque foste morto e compraste para Deus, com o teu sangue,
ἐκ πάσης φυλῆς καὶ γλώσσης καὶ λαοῦ καὶ ἔθνους,	5.9d	Os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação.
καὶ ἐποίησας αὐτοὺς τῷ θεῷ ἡμῶν	5.10a	E fizeste deles, para o nosso Deus,
βασιλείαν καὶ ἱερεῖς,	5.10b	Um reino e sacerdotes;
καὶ βασιλεύουσιν ἐπὶ τῆς γῆς.	5.10c	E eles reinarão sobre a terra.

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

Essa divisão destaca a **estrutura litúrgica do cântico novo**, com progressão: mérito → redenção → universalidade → mediação → reino. O uso de **negrito** ajuda a identificar o cântico formal.

Quadro 13 - Louvor universal ao Cordeiro (Ap 5.11–14)

Grego (UBS5)	Subdivisão	Tradução
Καὶ εἶδον, καὶ ἤκουσα φωνὴν ἀγγέλων πολλῶν κύκλῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν ζώων καὶ τῶν πρεσβυτέρων·	5.11a	Vi e ouvi a voz de muitos anjos,
	5.11b	Ao redor do trono, dos seres vivos e dos anciãos,
καὶ ἦν ὁ ἀριθμὸς αὐτῶν μυριάδες μυριάδων καὶ χιλιάδες χιλιάδων,	5.11c	Cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares,
λέγοντες φωνῇ μεγάλῃ·	5.12a	Proclamando em grande voz:
Ἄξιόν ἐστιν τὸ ἄρνιον τὸ ἐσφαγμένον	5.12b	Digno é o Cordeiro que foi imolado
λαβεῖν τὴν δύναμιν	5.12c.1	De receber o poder,
καὶ πλοῦτον	5.12c.2	E a riqueza,
καὶ σοφίαν	5.12c.3	E a sabedoria,
καὶ ἰσχὺν	5.12c.4	E a força,
καὶ τιμὴν	5.12c.5	E a honra,
καὶ δόξαν	5.12c.6	E a glória,
καὶ εὐλογίαν.	5.12c.7	E o louvor.
καὶ πᾶν κτίσμα ὃ ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης	5.13a–b	E toda criatura que há no céu, sobre a terra, debaixo da terra e no mar,
καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα,	5.13c	E tudo o que neles há,
ἤκουσα λέγοντας·	5.13d	Ouvi dizendo:
Τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ καὶ τῷ ἁρνίῳ	5.13e	Ao que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro,
εὐλογία καὶ τιμὴ καὶ δόξα καὶ κράτος	5.13f	Sejam a bênção, e a honra, e a glória, e o domínio
εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.	5.13g	Pelos séculos dos séculos.
καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα ἔλεγον· Ἀμήν·	5.14a	E os quatro seres vivos disseram: Amém,
καὶ οἱ πρεσβύτεροι ἔπεσαν καὶ προσεκύνησαν.	5.14b	E os anciãos se prostraram e adoraram.

Fonte: Autoria própria a partir do texto grego da UBS5 (2023).

O versículo 5.12 lista sete atributos — um heptálogo de louvor ao Cordeiro — e segue a estrutura apocalíptica de plenitude. A segmentação cláusula a cláusula reforça esse padrão, essencial para a compreensão litúrgico-teológica da cena. O v. 13 amplia o louvor a toda a criação, encerrando a cena com aclamações corais.

A segmentação de Apocalipse 5 confirma a continuidade do enredo iniciado no capítulo anterior, agora deslocando o foco da adoração ao Criador para a aclamação do Cordeiro como Redentor. O rolo selado, o lamento de João, a intervenção do ancião e a aparição do Cordeiro em pé estruturam a progressão narrativa que culmina na adoração universal. Dessa forma, a justaposição das segmentações de Apocalipse 4 e 5 demonstra que os dois capítulos compõem uma liturgia unificada em duas partes: no primeiro, o trono de Deus estabelece o fundamento da soberania cósmica; no segundo, o Cordeiro imolado é entronizado como mediador e destinatário do mesmo louvor.

A análise da estrutura retórico-literária e a segmentação do texto de Apocalipse 4–5 forneceu o arcabouço necessário para compreender a progressão interna da cena visionária. Essa delimitação não apenas evidenciou os principais movimentos narrativos e cultuais do texto, mas também destacou como os elementos se organizam em torno da figura central do trono e do Cordeiro. A partir dessa base, torna-se possível aprofundar o exame das relações de paralelismo presentes no relato, recurso literário característico da tradição bíblica e amplamente explorado pelo autor do Apocalipse. O próximo capítulo, portanto, se dedica a identificar e analisar tais paralelismos, mostrando de que modo eles reforçam a coesão literária, intensificam o impacto teológico da visão e contribuem para a leitura unificada dos capítulos 4 e 5.

3 ANÁLISE LITERÁRIA DE APOCALIPSE 4-5: O PARALELISMO ENTRE O TRONO E O CORDEIRO

A leitura de Apocalipse 4-5 revela uma composição literária e teológica de alta densidade. Esses capítulos constituem a ponte entre as mensagens às sete igrejas (2-3) e a abertura dos selos (6-8,1), formando um díptico em que a visão do trono de Deus (Ap 4) e a entronização do Cordeiro (Ap 5) se correspondem e se interpretam mutuamente. Essa continuidade emerge por meio de paralelismos, que moldam a cena e aprofundam seu sentido.³²

Tais paralelismos, conceito amplamente conhecido desde o estudo da poesia hebraica,³³ reaparecem em Ap 4-5 em múltiplos níveis. No plano estrutural, a narrativa recorre a simetrias, quiasmos e à própria recapitulação para conferir coesão ao conjunto.³⁴ No plano litúrgico, a sequência de hinos funciona como expansão cumulativa da adoração, envolvendo seres viventes, anciãos, miríades de anjos e, por fim, toda a criação. No plano simbólico, destacam-se o uso reiterado do sete como princípio de plenitude e a centralidade do livro selado, que concentra a expectativa da revelação e a exclusividade do Cordeiro para desvendá-la. Por fim, no plano teológico, sobressaem o paralelismo entre trono e Cordeiro, a moldura das cenas introdutórias vitoriosas, o cristocentrismo do culto e a tensão Leão/Cordeiro, que integram criação e redenção sob a mesma soberania divina.

Assim, o estudo dos paralelismos em Ap 4-5 não é mero exercício estilístico, mas instrumento hermenêutico decisivo para compreender como o autor organiza a visão a fim de

³² Vitorino de Pettau (c. 250-304) foi o autor do primeiro comentário completo sobre o Apocalipse que chegou até nós. Sua leitura destacou a estrutura recapitulativa do livro, segundo a qual as visões se repetem e se expandem progressivamente — princípio que a exegese posterior reconheceu como característico do gênero apocalíptico. Cf. **Weinrich** (2011, p. 12); **Victorine Poetovionensis**, *Explanatio in Apocalypsin una cum Recensione Hieronymi*, ed. Roger Gryson (Turnhout, Bélgica: Brepols, 2017).

³³ O paralelismo poético hebraico foi analisado pela primeira vez por Robert Lowth em *De sacra poesi Hebraeorum* (1753). Essa estrutura não se restringe aos livros bíblicos, mas também aparece em outras literaturas do Antigo Oriente Próximo. Costuma ser classificada em três tipos principais: (1) sinônimo, quando o segundo membro repete com outras palavras o pensamento do primeiro (Sl 61,1); (2) antitético, quando o segundo membro contrasta com o primeiro (Pv 17,22); e (3) sintético, quando o segundo membro desenvolve ou completa a ideia do primeiro (Sl 2,2). Há ainda formas menos evidentes, como o paralelismo climático, introvertido, escalonado e emblemático. Para aprofundamento, ver Mowinkel (1962, p. 159-175); Alter (1985, p. 3-26); Muilenburg (1972, cols. 671-681); Berlin (1992, p. 155-162); Cross; Livingstone (2005, p. 1227).

³⁴ A ideia de recapitulação foi reconhecida já por Vitorino e retomada pela crítica moderna como característica literária do Apocalipse, especialmente por intérpretes que observam repetições e sobreposições entre as visões principais do livro.

transmitir sua mensagem central: a soberania de Deus, confirmada e partilhada pelo Cordeiro, garante a história e fundamenta a esperança cristã.

3.1 Paralelismos estruturais

A composição dos capítulos 4 e 5 do Apocalipse apresenta correspondências internas que evidenciam sua função de ponte literária entre as cartas às igrejas (Ap 2–3) e a abertura dos selos (Ap 6ss). Essa unidade narrativa é construída sobre um intrincado sistema de paralelismos estruturais — como o díptico, a recapitulação e o quiasmo — que não apenas configuram a forma do texto, mas também expressam e intensificam seu conteúdo teológico central. Tais recursos literários revelam que a organização do texto não é meramente estética, mas serve ao propósito teológico de articular a transição entre a soberania do Criador e a ação redentora do Cordeiro.

3.1.1 O díptico literário: trono e Cordeiro

O díptico literário é uma estrutura que se manifesta em duas partes distintas que se articulam para formar uma unidade temática, narrativa ou estética. Sua característica fundamental é a interdependência e a complementaridade entre os segmentos, de modo que o significado total da obra emerge da relação dinâmica entre eles (Moisés, 2004).

A análise de Ekkehardt Müller sobre Apocalipse 4 e 5 exemplifica precisamente essa forma composicional ao delinear uma unidade literária e teológica composta por duas partes interdependentes. O autor identifica que a primeira cena (cap. 4) apresenta o trono de Deus como o centro da adoração cósmica, enquanto a segunda (cap. 5) introduz o Cordeiro como figura central da redenção. A ligação entre ambas se evidencia por repetições lexicais, paralelismos verbais e continuidade narrativa, de modo que “a visão do trono (Ap 4) prepara o terreno para a visão do livro e do Cordeiro (Ap 5), de modo que ambos formam uma única moldura literária” (Müller, 1994, pp. 93–95).

Partindo dessa leitura, Laszlo Gallusz explicita o conceito de uma “dupla cena” (double scene), paralela e complementar, desenvolvendo a intuição presente na obra de Müller (Microstructural Analysis of Revelation 4–11, 1996). O autor observa: “Embora esses dois capítulos estejam claramente ligados a uma passagem mais ampla, ao mesmo tempo eles formam duas unidades em si mesmas. Müller denomina adequadamente esse fenômeno literário de ‘dupla cena’...” (Gallusz, 2012, p. 32).

Esse paralelismo, contudo, não é apenas formal. Ele reflete a interdependência entre a soberania do Deus Criador (Ap 4) e a mediação redentora do Cordeiro (Ap 5). O conjunto forma uma unidade literária e teológica, na qual criação e redenção se apresentam como dois atos complementares do mesmo drama divino que culmina na entronização do Cordeiro junto ao trono de Deus.

3.1.2 Recapitulação e sobreposição

Vitorino de Pettau, no século IV, produziu o mais antigo comentário completo do Apocalipse, estabelecendo as bases do princípio da recapitulação e oferecendo a primeira leitura unificada do livro (Weinrich, 2011, p. 12). Esse conceito, entendido como a repetição progressiva de uma mesma sequência de eventos sob novas perspectivas, ressurgiu com vigor no início do século XX nos comentários de H. B. Swete e E. B. Allo. Desde então, diversas propostas hermenêuticas foram formuladas, destacando-se sobretudo dois modelos interpretativos: (1) o modelo septenário, que organiza o livro em séries de sete (selos, trombetas e taças), e (2) o modelo quiasmático, que interpreta a obra como uma estrutura concêntrica (Swete, 1906; Allo, 1921).

O princípio da recapitulação, aplicado de modo particular a Ap 4–11, é defendido por Ekkehardt Müller, que argumenta que as seções do Apocalipse não seguem uma sequência linear única, mas reapresentam o mesmo enredo sob ângulos complementares. No caso específico de Ap 4–5, a visão do trono é retomada e expandida na cena do Cordeiro e do livro selado, configurando uma verdadeira sobreposição literária (MÜLLER, 2000, p. 260–262).

Essa estrutura recapitulatória assegura uma leitura coesa e cumulativa: o autor conduz o leitor repetidamente ao clímax da história, acrescentando a cada retomada novos elementos de juízo e de esperança (Müller, 2000, p. 261). Nessa perspectiva, a tradição veterotestamentária do trono é reinterpretada cristologicamente em Ap 4–5, de modo que “Ap 5 não é apenas uma continuação de Ap 4, mas uma releitura que amplia e completa a revelação iniciada” (Morton, 2007, p. 117).

3.1.3 Estrutura quiástica

Entre os recursos estruturais identificáveis em Apocalipse 4–5, destaca-se o quiasmo³⁵, amplamente empregado na literatura bíblica para evidenciar a unidade de um texto e realçar o seu centro teológico. No contexto apocalíptico, o quiasmo não apenas organiza o material narrativo, mas revela a intencionalidade teológica subjacente à composição.³⁶ O paralelismo invertido entre as cenas, temas e personagens desses capítulos indica que João constrói sua visão de modo simétrico, conduzindo o leitor de um movimento centrípeto (do trono à adoração) a um movimento centrífugo (da adoração à missão e à redenção). O padrão quiástico de Ap 4–5 pode ser representado da seguinte forma:

- **A** — O trono de Deus e sua descrição majestosa (4.1–3);
 - **B** — Os vinte e quatro anciãos e os seres viventes em adoração (4.4–11);
 - **C** — O livro selado, símbolo do mistério divino (5.1–4);
 - **D** — O Cordeiro no centro do trono (5.5–7);
 - **C'** — A abertura e o cântico do livro (5.8–10);
 - **B'** — O louvor universal dos seres celestes (5.11–13);
- **A'** — A reafirmação da soberania divina (5.13–14).

Fonte: Autoria própria

Fizemos essa ilustração para efeito didático, baseada nos princípios defendido por Ranko Stefanovic, que sugere uma disposição literária com paralelismos estruturais. Ele destaca, por exemplo, a correspondência entre a adoração dos seres viventes e anciãos ao Criador (Ap 4,8–11) e a adoração universal ao Cordeiro (Ap 5,13–14), com a cena central ocupada pela introdução do livro selado e a manifestação do Cordeiro (Ap 5,1–7), o que se

³⁵ O termo quiasmo deriva da letra grega χ (chi), cujo formato em cruz sugere a disposição espelhada de ideias ou eventos. Segundo Nils W. Lund, o quiasmo é um princípio de composição que organiza o texto de modo simétrico, em correspondências invertidas do tipo A–B–C–B'–A' (Lund, 1992, p. 40–44). Craig L. Blomberg (1989, p. 5) complementa que o propósito do quiasmo não é apenas estético, mas teológico: ele serve para acentuar o elemento central da estrutura, onde se concentra o clímax narrativo ou a verdade principal da passagem.

³⁶ A proposta de uma **estrutura** quiástica para o **Apocalipse** teve sua primeira formulação com Nils Lund (1992, p. 321–411). Décadas depois, Elisabeth Schüssler Fiorenza (1991, p. 35–36) ampliou significativamente essa discussão ao sugerir um paralelismo de alcance mais abrangente. Em sua análise, três aspectos se destacam: (1) a relevância do **número sete** na organização do livro; (2) a presença de duas visões que envolvem os pergaminhos — um fechado (Ap 5,1–2) e outro aberto (Ap 10:2); e (3) o chamado **princípio de intercalação**, técnica literária que encadeia diferentes visões em um padrão ABA', recurso próximo ao “método sanduíche” identificado nos evangelhos. Essa perspectiva encontra ressonância em outros intérpretes, como Mounce (1977, p. 46–47, 151, 163) e Loenertz (1947, p. xiii).

alinha com as características formais de uma estrutura quiástica (Stefanovic, 2009, p. 201–215).

Esse recurso literário reforça a progressão dramática: começa-se com a adoração a Deus, alcança-se o ponto alto na dignidade do Cordeiro e retorna-se ao louvor universal que une ambos. Trata-se de uma moldura retórica que sustenta a teologia do texto: Deus e o Cordeiro compartilham o mesmo trono, a mesma glória e a mesma adoração.

A análise das três formas de estruturação literária apresentada por hora, nesta seção — o díptico, a recapitulação e o quiasmo — permite compreender que a composição de Apocalipse 4–5 transcende a mera estética literária, constituindo um veículo de teologia narrativa. Cada forma estrutural revela um aspecto da intencionalidade do autor: o díptico destaca a complementaridade entre a soberania do Criador e a mediação redentora do Cordeiro; a recapitulação assegura a continuidade temática e teológica da revelação, reforçando a coesão do texto; e o quiasmo concentra toda a visão no eixo cristológico, evidenciando o Cordeiro como o centro da história e do culto universal.

Em conjunto, essas estruturas literárias revelam que João constrói sua visão celeste de modo intencionalmente simétrico e teologicamente progressivo. Forma e conteúdo se interpenetram, de modo que a própria arquitetura do texto proclama a mensagem que ele comunica: o Deus que reina é o mesmo que redime, e o Cordeiro entronizado participa plenamente da soberania divina. Essa integração entre estrutura e teologia prepara o terreno para o próximo nível de análise — o dos paralelismos litúrgicos —, nos quais a progressão dos hinos e atos de adoração explícita, em linguagem cultual, a mesma verdade teológica expressa pela estrutura narrativa: a centralidade do trono e do Cordeiro no governo de toda a criação.

do universo.

3.2 Paralelismos litúrgicos

Além dos paralelismos estruturais que conferem coesão formal à unidade de Apocalipse 4–5, a perícope é também marcada por um intrincado sistema de paralelismos litúrgicos. Os cânticos que se sucedem ao longo da visão não se limitam a descrever atos de adoração, mas constituem parte essencial da arquitetura teológica do texto. Cada hino introduzido amplia o círculo de louvor e acrescenta novos atributos àquele que é adorado, de modo que a liturgia celestial se torna progressivamente mais inclusiva e abrangente. Essa progressão não apenas reforça a unidade temática entre os capítulos, mas também intensifica a revelação: o louvor que inicialmente se dirige ao Criador se expande até alcançar o Cordeiro,

o Redentor. . Nesta seção, será examinada a função desses paralelismos litúrgicos na construção da teologia da adoração no Apocalipse, bem como sua contribuição para a compreensão da unidade literária e teológica de Ap 4–5.

3.2.1 Progressão dos hinos: de Deus Criador ao Cordeiro Redentor

O primeiro exemplo de paralelismo litúrgico observável em Apocalipse 4–5 manifesta-se na forma de um paralelismo progressivo, no qual o movimento dos cânticos revela uma clara expansão do louvor e do reconhecimento teológico. Essa progressão foi identificada por Marcus Mareano (2020, pp. 89–91), que percebeu nos hinos de Ap 4,8–11 e 5,9–14 não apenas uma correspondência temática, mas uma verdadeira ascensão mistagógica. Segundo o autor, “eles propõem ao leitor um itinerário mistagógico desde o reconhecimento de Deus (4,8–11) e do Cordeiro (5,9–14), passando pelos seus atributos [...], culminando com o Aleluia final (19,1–8)” (Mareano, 2020, pp. 89–91).

No primeiro cântico (4,8–11), o foco da adoração recai sobre Deus como Criador, cuja santidade e poder cósmico fundamentam a existência de todas as coisas. O louvor aqui é teocêntrico, exaltando o Senhor entronizado como origem e sustento da criação. Já no segundo cântico (5,9–14), a adoração se desloca para o Cordeiro, cuja dignidade decorre do ato redentor que o torna digno de abrir o livro selado. A transição entre os dois hinos indica não uma ruptura, mas uma integração teológica: o mesmo Deus que cria é aquele que redime, e o ato criador encontra sua plenitude no ato redentor.

Dessa forma, a liturgia celestial em Ap 4–5 organiza-se em etapas progressivas que correspondem ao desenvolvimento da própria narrativa: o Deus Criador é o fundamento da existência, mas é o Cordeiro Redentor quem revela o sentido e o destino da história. O louvor se torna, assim, uma dinâmica revelacional que conduz o leitor da contemplação da majestade criadora à experiência da redenção, expressando uma teologia da adoração em movimento, na qual a criação e a redenção se unem sob o mesmo trono.

3.2.2 Função coral e narratológica

Segundo J. A. Du Rand (1991, p. 34), os hinos do Apocalipse desempenham uma função análoga à do coro nas tragédias gregas, comentando a ação e guiando o leitor na interpretação do drama celeste. “Do ponto de vista narrativo, os hinos não apenas refletem um comentário significativo sobre as visões, mas também produzem o envolvimento do leitor no

mundo narrado” (Du Rand, 1991, p. 34). Essa observação ilumina o caráter performativo da liturgia apocalíptica: o louvor não se limita a descrever a glória divina, mas constrói uma experiência de participação, em que o leitor é gradualmente inserido no movimento de adoração.

Nessa perspectiva, o paralelismo entre os hinos de Ap 4–5 não apenas reforça o conteúdo teológico, mas cria uma liturgia dramatizada, em que a sucessão dos cânticos corresponde a atos de uma peça sagrada. O louvor dos seres vivos, dos anciãos e, finalmente, de toda a criação, representa uma ampliação progressiva do círculo de adoração que transcende o espaço do texto, alcançando o leitor como participante desse drama cósmico.

Desse modo, o paralelismo litúrgico cumpre uma dupla função: narrativa e teológica. Narrativamente, ele estrutura o ritmo da revelação, alternando visão e resposta, silêncio e cântico. Teologicamente, transforma a leitura em ato de culto, convidando o intérprete a reconhecer no drama litúrgico do Apocalipse o reflexo da adoração eterna diante do trono. Assim, o texto não apenas descreve a adoração celeste, mas faz o leitor adorá-la, inserindo-o no fluxo simbólico da revelação e tornando-o parte do coro que proclama a dignidade do Criador e do Cordeiro.

3.2.3 Expansão concêntrica da adoração

Um terceiro exemplo de paralelismo litúrgico em Apocalipse 4–5 diz respeito ao movimento de expansão concêntrica que caracteriza a sequência dos cânticos. Segundo Rafał Grajczyk (2023, pp. 246–248), a liturgia celestial descrita pelo autor apresenta uma progressão que parte do núcleo mais próximo do trono e se expande gradualmente até envolver toda a criação. Assim, a adoração inicia-se com os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos (Ap 4,8–11), estende-se às miríades de anjos que circundam o trono (Ap 5,11–12) e culmina com o louvor de toda criatura no céu, na terra, debaixo da terra e no mar (Ap 5,13).

Esse movimento concêntrico confere à liturgia apocalíptica uma dimensão dinâmica e inclusiva, na qual o louvor não é estático nem restrito, mas progressivamente expansivo. A adoração parte do centro do universo — o trono de Deus e do Cordeiro — e se irradia até os confins da criação, simbolizando a totalidade da ordem criada que responde à soberania divina. Tal estrutura reforça a ideia de que a liturgia no Apocalipse não é mero adorno literário, mas teologia em forma de cântico, em que a própria forma musical e coral expressa o conteúdo teológico da revelação.

Nesse sentido, o paralelismo litúrgico traduz a unidade entre cosmologia e soteriologia: o Deus Criador é também o Cordeiro Redentor, e toda a criação é convocada a unir-se em louvor àquele que criou e redimiu. A expansão concêntrica da adoração, portanto, reflete o alcance universal da redenção e a restauração cósmica que resulta da vitória do Cordeiro. A liturgia torna-se, assim, o espaço simbólico onde a criação reencontra seu propósito original — existir para adorar.

3.3 Paralelismos simbólicos

Além dos paralelismos estruturais e litúrgicos, Apocalipse 4–5 também se apoia em símbolos recorrentes que estabelecem correspondências internas e ampliam o alcance teológico da visão. Esses símbolos não são meros elementos decorativos, mas chaves de leitura que organizam a narrativa e revelam sua profundidade espiritual. Entre eles, destacam-se dois em particular: o número sete, que permeia a cena como sinal de plenitude e princípio organizador, e o livro selado, cujo conteúdo e significado concentram a expectativa de toda a criação. A análise desses dois símbolos permite compreender como o autor utiliza imagens carregadas de tradição bíblica para reforçar a unidade entre o trono e o Cordeiro

3.3.1 O número sete em Ap 4–5

A simbologia do sete atua como princípio compositivo e teológico dentro de Apocalipse 4–5. Araújo e Souza (2023, p. 551) destacam que o sete é o número de maior recorrência bíblica e, na maioria dos casos, possui valor simbólico de plenitude e perfeição, em conexão com o hebraico sheva e com a santidade do sábado. No Apocalipse, o número aparece como eixo de organização do enredo em septenários (selos, trombetas, taças).

Adela Yarbro Collins argumenta que o número sete tem a função de marcar e identificar as principais seções do Apocalipse. A relação entre essas seções se dá por recapitulação, a qual exclui a série das sete igrejas e se manifesta nos paralelos entre os sete selos, as sete trombetas, as sete pragas e outras duas séries de visões sétuplas não numeradas (Ap 12,1–15,14; 20:4–22:5). Essa repetição de temas seria a ferramenta utilizada para retomar, ampliar e enfatizar assuntos já apresentados (Collins, 1976, p. 15).

Além disso, os autores observam que esses conjuntos exibem um padrão interno **4 + 3**, de feição “menorá-numérica”, que cria um ponto focal e sustenta paralelismos internos (Araújo; Souza, 2023, p. 552). Essa disposição mostra que o número sete não é apenas

recorrente, mas estruturante, organizando o plano literário do Apocalipse (Araújo; Souza, 2023, pp. 552-553).

Em Ap 4–5, o simbolismo do sete conecta os elementos das duas cenas: sete lâmpadas diante do trono (4,5) e, em 5,6, o Cordeiro que tem sete chifres e sete olhos. Stefanovic (2009, p. 212) interpreta os chifres como símbolo da onipotência e os olhos como expressão da onisciência do Cordeiro, ambos relacionados à sua dignidade de abrir o livro selado com sete selos. Dessa forma, a perfeição do poder e do conhecimento messiânico explica sua exclusividade para revelar o futuro da história.

3.3.2 O livro selado (Ap 5,1)

O segundo símbolo central é o livro selado. Para Prigent (2020, p. 245), a questão fundamental da cena não é se os eventos podem ou não se desdobrar, mas se existe alguém digno de abrir o livro. Reconhecida a dignidade do Cordeiro, “o Antigo Testamento revela sua verdadeira intenção” — anunciar a vitória de Cristo. Nesse contexto, o livro encontra paralelo com a Torá, celebrada liturgicamente no judaísmo como documento de totalidade (Prigent, 2020, p. 245).

Em perspectiva patrística, Androsova (2013, p. 85) sistematiza três interpretações principais para o livro selado: (1) as Escrituras, cujo sentido é esclarecido em Cristo; (2) o destino do mundo, transmitido ao Filho como executor do plano divino; e (3) o testamento de Deus, herdado por Cristo mediante sua morte. Apesar das diferenças, todas convergem ao reconhecer a singularidade do Cordeiro em abri-lo.

O próprio texto reforça o paralelismo simbólico entre o livro e o número sete: “vi um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos” (Ap 5,1). Poucos versículos depois, o Cordeiro aparece com sete chifres e sete olhos, identificados como os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra (Ap 5,6). Prigent (2020, pp. 239-240) observa que esse acúmulo de setes conecta o poder do Cordeiro à plenitude divina, explicitando sua autoridade única.

Por fim, quanto à origem do costume de selar com sete, alguns intérpretes sugerem um paralelo com testamentos romanos, selados por sete testemunhas, ou com imagens veterotestamentárias (Is 8,16-22). Contudo, Araújo e Souza (2023, p. 554) ressaltam que, mais do que tradição jurídica ou textual, o uso do número deve ser entendido no quadro da predileção simbólica do autor pelo sete como princípio organizador.

Nos dois capítulos, o sete aparece como símbolo de plenitude, estruturando a narrativa da adoração (cap. 4) e qualificando a dignidade do Cordeiro (cap. 5). O livro selado, por sua

vez, representa a economia da revelação, entendida seja como Escritura, como destino da história ou como testamento divino, cuja abertura só é possível em Cristo. Assim, número e objeto (sete e livro) funcionam como paralelos simbólicos que articulam a relação entre criação, culto e redenção em torno do eixo Trono–Cordeiro.

3.4 Paralelismos temáticos/teológicos

Além dos paralelismos estruturais, litúrgicos e simbólicos, a unidade entre os capítulos 4 e 5 de Apocalipse se aprofunda por meio de paralelismos temáticos e teológicos, que revelam a arquitetura conceitual subjacente à narrativa. John J. Collins (2010, pp. 19–25) demonstrou que a literatura apocalíptica, em geral, organiza sua teologia por meio de polaridades complementares — céu e terra, presente e futuro, juízo e salvação —, construindo uma visão de mundo em que as tensões cósmicas são resolvidas pela intervenção divina. Essa estrutura de contrastes e correspondências fornece o pano de fundo para a compreensão dos paralelismos teológicos presentes na visão do trono.

No caso específico de Apocalipse 4–5, Dean Davis (1992, pp. 118–143) foi pioneiro ao propor uma leitura teológica sistemática dos capítulos, identificando cinco grandes temas que moldam o tribunal celestial: templo, unidade cósmica, juízo, aliança e realeza divina. Essas categorias permitem reconhecer que a cena não se limita a uma representação estática do culto celestial, mas expressa uma teologia dinâmica, na qual criação, redenção e governo divino se entrelaçam em torno do Trono e do Cordeiro.

Com base nessa perspectiva, o presente estudo destaca quatro paralelismos teológicos e temáticos que emergem da relação entre os dois capítulos e que sintetizam sua mensagem central: (1) o paralelismo entre o Trono e o Cordeiro, como expressão da unidade entre criação e redenção; (2) a função das cenas introdutórias vitoriosas, que moldam a expectativa escatológica e inauguram o drama da revelação; (3) o cristocentrismo da liturgia, que desloca o eixo da adoração do Criador ao Redentor sem romper a continuidade teológica; e, por fim, (3) a imagem veterotestamentária do Leão/Cordeiro, que reúne força e fragilidade, juízo e misericórdia, em um único símbolo cristológico.

Esses paralelismos temáticos e teológicos, analisados em conjunto, não apenas reforçam a coesão entre os capítulos 4 e 5, mas também expressam o coração da teologia joanina do Apocalipse: a revelação do governo soberano de Deus realizado por meio do Cordeiro, cuja vitória redentora manifesta a unidade entre o trono, o templo e a história.

3.4.1 O paralelismo entre o trono e o Cordeiro

O “trono constitui um dos eixos estruturantes de todo o Apocalipse e encontra nos capítulos 4–5 sua expressão mais elevada. Conforme demonstra Laszlo Gallusz (2012, pp. 30–33), o trono funciona como centro gravitacional da narrativa, a partir do qual se organiza tanto o espaço simbólico quanto a teologia do livro. Em Ap 4, o trono é o foco absoluto da visão: tudo se dispõe ao seu redor — os relâmpagos, as vozes, os seres vivos e os anciãos — compondo uma cena de majestade e transcendência. O capítulo apresenta, assim, uma teologia do Deus Criador e Soberano, cuja glória fundamenta toda a ordem cósmica.

No entanto, essa centralidade sofre uma transformação decisiva em Ap 5, quando o Cordeiro é introduzido como digno de abrir o livro e, conseqüentemente, de participar da mesma esfera de autoridade divina. O trono, antes símbolo exclusivo da soberania do Criador, é agora compartilhado com o Redentor, revelando uma profunda unidade entre ambos. Gallusz observa que esse deslocamento não diminui a glória de Deus, mas a expande cristologicamente: o Cordeiro não substitui o que está no trono, mas participa de sua autoridade e recebe a mesma adoração (Gallusz, 2012, p. 32).

Esse paralelismo entre o Trono e o Cordeiro constitui o ápice da cristologia elevada do Apocalipse. Cristo não é apresentado apenas como mediador ou mensageiro, mas como co-participante da soberania divina, inserido no próprio centro da adoração celeste. O louvor dirigido “àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro” (Ap 5,13) não distingue duas divindades, mas proclama a unidade teológica da realeza divina — o trono de Deus é também o trono do Cordeiro (Ap 22,1–3).

Dessa forma, o paralelismo entre o Trono e o Cordeiro revela o núcleo teológico dos capítulos 4–5: o governo do universo é compartilhado entre o Criador e o Redentor, e a história da salvação é a manifestação dessa comunhão eterna. O Cordeiro exaltado não apenas desvela o sentido da revelação, mas assume o centro do cosmos e do culto, convertendo o trono em símbolo da reconciliação entre criação e redenção.

3.4.2 As cenas introdutórias vitoriosas

Os capítulos 4 e 5 de Apocalipse funcionam como cenas introdutórias vitoriosas, categoria proposta por Kenneth Strand (1987, pp. 267–270) para designar os prólogos litúrgico-teológicos que antecedem cada grande bloco do livro. Segundo o autor, essas seções sempre apresentam uma vitória divina prévia — de Deus ou do Cordeiro — antes que as ações

históricas ou escatológicas sejam descritas. O paralelismo que as une é, portanto, funcional: cada introdução proclama uma vitória celestial que serve como moldura interpretativa para os eventos subsequentes, preparando o leitor para compreender a história sob o signo da vitória já conquistada.

Em Ap 4, a visão do trono estabelece o fundamento dessa soberania. O louvor dos quatro seres vivos e dos vinte e quatro anciãos exalta o Deus Criador como origem e fim de toda a existência: “Porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4,11). A liturgia celeste celebra a perfeição do cosmos como expressão da vontade divina, configurando a vitória da criação sobre o caos. O trono é, portanto, símbolo da estabilidade cósmica e do domínio absoluto de Deus.

Em Ap 5, o foco da adoração desloca-se do trono para o Cordeiro, cuja entronização marca a vitória da redenção. Aquele que é digno de abrir o livro selado revela-se como o mediador da história e o executor do plano divino. Sua vitória, obtida pelo sacrifício, manifesta o cumprimento do propósito redentor de Deus e inaugura o desenrolar dos juízos. Assim, os dois capítulos formam um díptico teológico: Ap 4 celebra a vitória da criação, enquanto Ap 5 proclama a vitória da redenção — ambas integradas pela mesma liturgia celestial.

Essas cenas introdutórias cumprem, portanto, um papel teológico e narrativo essencial no Apocalipse. Elas não apenas antecipam as visões dos selos, trombetas e taças, mas também moldam a percepção do leitor, assegurando que toda a história — com seus conflitos e juízos — seja lida sob o paradigma da vitória divina já consumada. Antes que o drama da terra se desenrole, o autor eleva o leitor ao céu para testemunhar o domínio absoluto do Trono e do Cordeiro.

Dessa forma, Ap 4–5 formam o portal triunfal do Apocalipse, no qual a adoração inaugura a narrativa e a vitória antecede a luta. O enredo histórico que se seguirá não nasce do caos, mas da liturgia da vitória, em que o trono e o Cordeiro estabelecem o eixo interpretativo de toda a revelação: a história humana se desdobra sob o signo da soberania e do triunfo de Deus.

3.4.3 O cristocentrismo da liturgia

Pierre Prigent (2020, pp. 223-240) e Beate Kowalski (2016, pp. 89-92) ressaltam que a liturgia de Ap 4–5 articula um paralelismo teológico entre Deus Criador e Cristo Redentor. O louvor dirigido ao trono em Ap 4 (pela criação) encontra seu paralelo no louvor ao Cordeiro em Ap 5 (pela redenção). A liturgia cristã primitiva, refletida na cena, mostra que a identidade

de Cristo é inseparável da identidade do próprio Deus no culto, garantindo assim a unidade do culto e da história.

3.4.4 O paralelismo Leão/Cordeiro

A culminação cristológica de Apocalipse 4–5 ocorre na apresentação do Cordeiro, cuja identidade é introduzida de modo paradoxal: ele é simultaneamente Leão e Cordeiro (Ap 5,5–6). Essa dupla designação concentra, em uma só figura, dois polos teológicos fundamentais da tradição bíblica — força e fragilidade, juízo e redenção, poder e sacrifício. O paralelismo entre o Leão e o Cordeiro não constitui uma justaposição, mas uma fusão simbólica que redefine a natureza do messianismo e o modo como o poder divino se manifesta na história.

O ancião anuncia a João que “o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os seus sete selos” (Ap 5,5), evocando as promessas messiânicas veterotestamentárias. O título “Leão da tribo de Judá” remete à bênção de Gênesis 49,9–10, na qual o leão simboliza a realeza davídica e a vitória militar; já a expressão “Raiz de Davi” deriva de Isaías 11,1–10, associando o renovo davídico ao Espírito do Senhor e à restauração escatológica. Ambas as imagens convergem na expectativa de um Messias poderoso, vitorioso e guerreiro.

Contudo, o desenrolar da visão rompe com essa expectativa. Ao erguer os olhos, João não vê o Leão anunciado, mas “um Cordeiro como que imolado” (Ap 5,6). Como observa Baranek (2020, pp. 3–5), o autor joanino constrói um contraste paradoxal: aquilo que o ancião anuncia — o Leão vitorioso — é substituído pela visão do Cordeiro sacrificado. O paralelismo entre ambos subverte as expectativas messiânicas tradicionais, revelando uma teologia singular em que a vitória se realiza por meio da entrega e do sacrifício, não pela força militar ou política. Esse deslocamento simbólico redefine o conceito de poder messiânico, apresentando a redenção como triunfo da vulnerabilidade.

A imagem do Cordeiro imolado está profundamente enraizada na tradição cultural do Antigo Testamento — sobretudo no cordeiro pascal de Êxodo 12 e na figura do servo sofredor de Isaías 53,7 —, sendo retomada aqui como síntese teológica da vitória redentora. O Cordeiro, que traz em si as marcas da morte, é o mesmo que está de pé, indicando que sua morte é também sua exaltação.

Esse paralelismo simbólico entre o Leão e o Cordeiro constitui, portanto, o ponto culminante da teologia de Ap 4–5. Ele unifica os temas do trono, do culto e da revelação, mostrando que a soberania de Deus se manifesta plenamente no amor sacrificial do Redentor.

O trono é compartilhado com aquele que venceu não pela espada, mas pelo sangue (Ap 5,9), e a liturgia celeste transforma a morte em triunfo. Assim, o Apocalipse subverte o imaginário bélico do messianismo judaico e apresenta uma teologia radicalmente nova do poder: o Cristo reina porque se entregou; ele é o Leão que triunfa como Cordeiro.

A análise dos paralelismos temáticos e teológicos de Apocalipse 4–5 evidencia que esses capítulos formam o coração teológico do livro, onde a revelação se expressa por meio da adoração e a teologia se traduz em liturgia. O paralelismo entre o Trono e o Cordeiro revela a comunhão de autoridade e glória entre o Criador e o Redentor, afirmando uma cristologia de soberania compartilhada. As cenas introdutórias vitoriosas, conforme observou Strand (1987, pp. 267–270), moldam o enredo apocalíptico, estabelecendo a vitória divina como ponto de partida da história. O cristocentrismo da liturgia manifesta-se no deslocamento do louvor teocêntrico para o Cordeiro, cuja dignidade de redimir confere plenitude ao culto e unifica criação e redenção num mesmo ato de adoração. Por fim, a imagem paradoxal do Leão/Cordeiro, analisada por Baranek (2020, pp. 3–5), sintetiza a teologia do poder que se manifesta na fraqueza: o Messias vence não pela força, mas pela entrega sacrificial.

Em conjunto, esses paralelismos revelam que Ap 4–5 não são apenas prólogo das visões subsequentes, mas o centro interpretativo de toda a obra, onde se define a natureza do governo divino e o sentido da história. O trono, o livro e o Cordeiro constituem o eixo simbólico que une criação, redenção e consumação, mostrando que o drama cósmico se desenrola sob o signo da vitória já conquistada. Assim, o Apocalipse apresenta a soberania de Deus não como poder opressivo, mas como liturgia de amor, em que o domínio do universo pertence àquele que reina porque se entregou — o Leão que é Cordeiro e o Cordeiro que está no trono. Diversos outros **paralelos temáticos** poderiam ser identificados na relação entre os capítulos 4 e 5 de Apocalipse. Todavia, a presente seção concentrou-se naqueles considerados mais significativos para a compreensão da unidade teológica do texto. Ainda assim, os quatro paralelos analisados a seguir ilustram, de modo representativo, **outros eixos temáticos** que permeiam a perícope e reforçam sua coesão interna, demonstrando como o autor constrói uma teologia integrada da criação, do culto e da redenção.

Quadro 14 – Paralelismos temáticos/teológicos entre Apocalipse 4 e 5

Motivo / Elemento	Apocalipse 4	Apocalipse 5	Observação teológica
Trono	4,2: visão central do trono de Deus	5,1: do trono procede o livro selado	O trono é fonte da revelação e juízo, unindo criação e redenção (Prigent, 2020, pp. 223-260).
Vinte e quatro anciãos	4,4.10-11: sentados ao redor, lançam coroas	5,8-10: prostram-se com harpas e taças	Representam a comunidade redimida que louva ao Criador e ao Redentor (Stefanovic, 2013, pp. 187–188).
Quatro seres vivos	4,6-8: proclamam “Santo, Santo, Santo”	5,6.8.14: participam do cântico novo	Funcionam como corifeus litúrgicos, iniciando e sustentando o louvor (Thomas, 1992, p. 332).
Hinos/Doxologias	4,8-11: louvor ao Criador	5,9-14: cântico novo ao Cordeiro	Paralelismo entre criação e redenção como fundamentos da adoração (Mareano, 2020, p. 90).
Livro selado	— (preparação no trono)	5,1-7: introduzido e entregue ao Cordeiro	Simboliza a soberania de Deus transmitida a Cristo (Androsova, 2013, p. 72).
Louvor universal	4,11: “porque criaste todas as coisas”	5,13: toda criatura louva ao trono e ao Cordeiro	Culmina no reconhecimento cósmico da soberania compartilhada (Grajczyk, 2023, pp. 249-250).

Fonte: Autoria própria

3.4.5 Paralelismos Intertextuais

A leitura de Apocalipse 4–5 revela uma composição densamente tecida por alusões, ecos e recriações de textos do Antigo Testamento³⁷, que conferem profundidade simbólica e densidade teológica à narrativa. Esse fenômeno, que pode ser descrito como paralelismo intertextual³⁸, consiste na retomada criativa de tradições proféticas, cultuais e apocalípticas para fundamentar a teologia do trono e da entronização do Cordeiro. O autor do Apocalipse não apenas cita ou alude às Escrituras de Israel, mas as reinterpreta à luz da vitória do Cristo pascal, transformando a herança judaica em chave cristológica e escatológica.

De acordo com G. K. Beale (2013, pp. 336–337), a estrutura de Daniel 7 domina a arquitetura da visão, ainda que nela ressoem também ecos de Ezequiel 1–2 e Isaías 6. Essa combinação demonstra que o texto se organiza sobre uma matriz veterotestamentária que fornece o enquadramento teológico e narrativo da cena. Assim como Daniel contempla o trono

³⁷ Segundo Paulien (2012, p. 186–187), a “alusão” é uma referência intencional a um texto bíblico específico, enquanto o “eco” representa uma evocação mais vaga, não necessariamente consciente, da linguagem bíblica.

³⁸ G. K. Beale é muito conhecido por sua análise exaustiva de como João usa o AT no Apocalipse identificando alusões e reminiscências de textos veterotestamentários para entender o simbolismo apocalíptico, e desenvolver uma abordagem sistemática dos paralelismos intertextuais. Em sua obra, ele afirma que a estrutura de Daniel 7 está presente em Apocalipse 4-5, embora também se encontrem ecos de Ezequiel 1–2 e Isaías 6 (Beale, 2013, p. 113). Esse marco inaugura a análise intertextual como categoria estrutural. Autores posteriores — como Prigent (2020), Stefanovic (2009), Grajczyk (2023) e Baranek (2020) aprofundam ou detalham aspectos dessa intertextualidade.

do “Ancião de Dias” e vê a investidura do “Filho do Homem”, João presencia o trono de Deus e a exaltação do Cordeiro. O Apocalipse retoma, portanto, a forma e o conteúdo da visão daniélica, reinterpretando-os em perspectiva cristológica.

Na mesma linha, Prigent (2020, pp. 35–36; 41–42; 223) interpreta o culto celeste de Ap 4–5 como expressão litúrgica enraizada em Isaías 6 e nos hinos de Qumran, evidenciando a continuidade entre o culto judaico e sua ressignificação cristológica. O “Santo, Santo, Santo” entoado pelos seres vivos (Ap 4,8) reflete diretamente o cântico serafínico de Isaías, mas o contexto é transformado: a adoração não é apenas ao Deus criador e transcendente, mas também ao Cordeiro redentor, em quem a santidade divina se revela em plenitude.

De modo complementar, Ranko Stefanovic (2009, pp. 187–188) observa que o capítulo 4 espelha Ezequiel 1 e Isaías 6, enquanto o capítulo 5 ecoa Daniel 7 e Êxodo 19–20, articulando assim três grandes tradições bíblicas: a teofania profética, a visão apocalíptica e a revelação mosaica. Essa rede intertextual situa a entronização do Cordeiro no centro da economia da salvação: o Deus que se manifestou na criação, na aliança e no Sinai, agora se revela definitivamente na vitória do Redentor.

A partir de uma leitura litúrgica, Rafał Grajczyk (2023, p. 246) entende que a intertextualidade de Ap 4–5 derivam das tradições de Isaías e Ezequiel, mas reinterpretadas sob o signo do Cordeiro. O culto celeste não rompe com o culto judaico — ele o transfigura, inserindo a adoração antiga na nova economia pascal.

Por fim, em perspectiva cristológica, Baranek (2020, pp. 113–114) mostra como a bênção de Jacó em Gênesis 49,9 é retomada e ressignificada em Ap 5,5: a imagem do “Leão da tribo de Judá”, símbolo de força e conquista, é reinterpretada à luz da cruz e se cumpre paradoxalmente na figura do Cordeiro imolado. O poder do Leão se manifesta na fraqueza do sacrifício; a vitória se realiza pela entrega.

Dessa forma, os paralelismos intertextuais de Apocalipse 4–5 não se limitam a meras alusões literárias, mas configuram um processo hermenêutico complexo. O autor do Apocalipse não cita o Antigo Testamento como fonte, mas o reelabora como matriz teológica, estabelecendo continuidade com a tradição profética de Israel e, ao mesmo tempo, reinterpretando-a à luz da vitória e da dignidade do Cordeiro. A teologia do trono e da adoração celestial nasce, assim, de uma tradição herdada e transformada — um Antigo Testamento reinterpretado pela páscoa do Cristo. A seguir, apresenta-se um quadro-síntese com os principais exemplos de intertextualidade identificados nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse. O objetivo é evidenciar, de forma sistemática, como o autor joanino reelabora passagens e

imagens do Antigo Testamento, integrando-as à sua teologia do trono e da entronização do Cordeiro.

Quadro 15 – Paralelismos intertextuais em Apocalipse 4–5

Texto do Apocalipse	Texto do AT	Autor	Função teológica
Ap 4,2–3 – “Um trono estava posto no céu, e no trono alguém estava sentado...”	Ez 1,26–28 – visão do trono e da glória divina	Beale (2013, p. 336–337); Stefanovic (2009, p. 187)	A visão de João prolonga a teofania de Ezequiel, reforçando a majestade divina.
Ap 4,8 – “Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso”	Is 6,3 – Triságion dos serafins	Prigent (2020, p. 223); Grajczyk (2023, p. 246)	Destacar o caráter litúrgico da visão e sua continuidade com o culto judaico.
Ap 5,1–2 – “Um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos”	Dn 7,9–10 – livros abertos no tribunal celeste	Beale (2013, p. 336–337)	Mostrar que a cena segue a estrutura de Daniel 7.
Ap 5,5 – “O Leão da tribo de Judá venceu...”	Gn 49,9 – bênção de Jacó sobre Judá	Baranek (2020, pp. 113–114)	Ressignificar a promessa messiânica: o Leão de Judá cumpre-se paradoxalmente no Cordeiro.
Ap 5,9–10 – “Com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo...”	Êx 19,5–6 – Israel como reino de sacerdotes	Stefanovic (2009, p. 188)	Universalizar a eleição de Israel, aplicando-a à obra redentora do Cordeiro.

Fonte: Autoria própria

O estudo dos paralelismos intertextuais em Apocalipse 4–5 revela que a mensagem joanina se edifica sobre uma sólida base veterotestamentária, na qual o autor reelabora criativamente tradições proféticas, litúrgicas e messiânicas de Israel. A visão do trono e a entronização do Cordeiro não são eventos isolados, mas resultam de um processo hermenêutico complexo, no qual o Antigo Testamento é retomado e reinterpretado à luz da revelação cristológica.

Conforme demonstrou Beale (2013, pp. 336–337), Daniel 7 fornece o arcabouço estrutural dominante da visão, enquanto Ezequiel 1–2 e Isaías 6 compõem o pano de fundo teológico e imagético que sustenta a teofania do trono. Prigent (2020, p. 223) e Grajczyk (2023, p. 246) enfatizam a dimensão cultural e litúrgica dessas alusões, nas quais o culto de Isaías e os hinos de Qumran são transfigurados na adoração cristocêntrica do Cordeiro. Já Stefanovic (2009, pp. 187–188) evidencia a convergência de múltiplas teofanias veterotestamentárias — inclusive a do Sinai —, situando a vitória do Cordeiro dentro da tradição revelacional de Israel. Finalmente, Baranek (2020, pp. 113–114) demonstra que a bênção de Gênesis 49,9 é retomada e reinterpretada cristologicamente, de modo que a imagem do “Leão de Judá” se cumpre paradoxalmente no Cordeiro imolado.

Em síntese, os paralelismos intertextuais em Ap 4–5 constituem muito mais do que alusões literárias: formam a espinha dorsal teológica e simbólica desses capítulos. Neles, a tradição de Israel é reafirmada em sua autoridade e continuidade, mas simultaneamente ressignificada à luz da vitória do Cordeiro, conferindo à narrativa joanina tanto profundidade literária quanto originalidade teológica. Assim, o Apocalipse se apresenta como uma obra de hermenêutica inspirada, na qual o Antigo Testamento é visto, ouvido e cantado novamente — agora transfigurado pela glória do Cristo pascal, centro do trono e da história.

3.5 Considerações Finais

O estudo de Apocalipse 4–5 permitiu demonstrar que esses capítulos constituem o núcleo teológico e literário de todo o livro do Apocalipse. Longe de atuarem apenas como prelúdio às visões dos selos, eles formam um díptico hermenêutico no qual o domínio do Criador e a vitória do Redentor se iluminam reciprocamente. A análise dos diversos níveis de paralelismo — estrutural, litúrgico, simbólico, teológico e intertextual — revelou que a mensagem joanina foi construída de modo consciente, integrando forma e conteúdo em uma única teologia narrativa.

No nível estrutural, observou-se que o autor emprega recursos como o díptico, a recapitulação e o quiasmo para articular o texto em torno do centro cristológico da visão — o Cordeiro. Essa estrutura não é mera questão estética, mas instrumento teológico: ela organiza a revelação de forma simétrica e progressiva, conduzindo o leitor da contemplação do trono à entronização do Cordeiro, e mostrando que a criação e a redenção derivam da mesma soberania divina.

No nível litúrgico, os cânticos sucessivos evidenciam uma progressão coral que amplia gradualmente o círculo de adoração. Do louvor ao Criador (Ap 4,8–11) passa-se à exaltação do Redentor (Ap 5,9–14), num movimento que traduz a própria dinâmica da revelação: o Deus que cria é o mesmo que redime. Os hinos cumprem função narrativa e teológica, transformando o leitor em participante do culto celestial e mostrando que o Apocalipse é, antes de tudo, liturgia em forma de profecia.

No nível simbólico, o número sete revelou-se como princípio organizador e teológico da obra, estruturando a narrativa e exprimindo a plenitude do poder divino. Sua presença nas sete lâmpadas e nos sete chifres e olhos do Cordeiro demonstra que a plenitude do Espírito une o trono e o Redentor, estabelecendo entre ambos uma comunhão ontológica e funcional.

Os paralelismos temáticos e teológicos aprofundaram essa unidade, evidenciando que o trono e o Cordeiro compartilham a mesma autoridade e glória. O Apocalipse proclama, assim, uma cristologia de soberania compartilhada, na qual o Cristo exaltado é o centro da história, da adoração e do governo universal. A análise das cenas introdutórias vitoriosas mostrou ainda que o livro se estrutura a partir da vitória já consumada, e a tensão entre o Leão e o Cordeiro revelou o coração da teologia apocalíptica: o poder se manifesta na entrega, e a vitória se realiza no sacrifício.

Por fim, os paralelismos intertextuais confirmaram que a visão joanina é profundamente enraizada no Antigo Testamento. Ecos de Daniel 7, Ezequiel 1–2, Isaías 6 e Gênesis 49,9 são retomados e reinterpretados à luz da Páscoa de Cristo, conferindo ao texto continuidade e novidade. O Apocalipse não rompe com a tradição profética de Israel; ele a reinterpreta cristologicamente, fazendo dela o alicerce de uma nova teologia do trono e do culto.

Em síntese, Apocalipse 4–5 constituem uma teologia visual e sonora, em que o culto se torna revelação e a revelação se expressa em culto. O trono e o Cordeiro, o Criador e o Redentor, a liturgia e a história — tudo converge para o mesmo centro: a soberania de Deus manifestada na vitória do Cordeiro. O livro inteiro do Apocalipse se desdobra a partir dessa cena inaugural, que oferece não apenas um quadro celeste, mas uma chave hermenêutica da fé cristã: a história do mundo é governada a partir do altar da redenção.

4 ANÁLISE LINGUÍSTICA DE APOCALIPSE 4-5: A LINGUAGEM DO TRONO E DO CORDEIRO

A unidade literária de Apocalipse 4-5 constitui um dos trechos mais densos e liturgicamente sofisticados do Novo Testamento. Este capítulo tem como objetivo analisar tais textos a partir de uma perspectiva linguística, considerando tanto seus aspectos gramaticais e sintáticos quanto suas estruturas literárias e recursos estilísticos. Trata-se de uma seção cuidadosamente elaborada, cuja linguagem não apenas descreve uma visão, mas produz um efeito dramático, retórico e devocional de grande impacto.

Comentadores clássicos como Beale (2013) e Swete (1906) ressaltam a profundidade teológica dessa unidade, enquanto estudos estruturais, como os de Stefanovic (2009), destacam sua composição ordenada e intencional. No campo da gramática, Wallace (1996) contribui ao evidenciar como o grego koiné, em suas formas verbais e sintáticas, reforça a força comunicativa do texto. Já a teoria literária, representada por autores como Klaus Berger (1998) e James Moffatt (1910), amplia a compreensão da dimensão narrativa e simbólica da passagem.

Nesse contexto, a repetição de termos-chave como “trono”, “livro” e “Cordeiro” não pode ser entendida como recurso ornamental, mas como uma estratégia de reforço temático. Como observa Beckwith (1979, p. 263), essa técnica realça a centralidade do trono e da liturgia celeste, estabelecendo-os como eixo narrativo que sustenta a teologia e a espiritualidade do Apocalipse.

A análise gramatical oferece igualmente insights fundamentais. Swete (1906, p. 74) chama a atenção para o uso do particípio presente passivo na expressão “aquele que está sentado no trono”, cuja forma verbal transmite a ideia de domínio contínuo e inalterável.³⁹ Esse recurso linguístico confere ao trono um caráter eterno, consolidando a teologia da soberania divina e reforçando a unidade entre forma e conteúdo.

Essa dimensão gramatical se articula com a perspectiva litúrgica ressaltada por Morton (2007, p. 91), para quem Apocalipse 4-5 constitui o coração teológico do livro, no qual o trono e o Cordeiro compartilham a mesma adoração. Tal observação demonstra que a liturgia, além de elemento narrativo, desempenha papel hermenêutico, oferecendo a chave de leitura para a mensagem apocalíptica em sua totalidade.

Por fim, Gallusz (2013, p. 214) enfatiza o motivo do trono como eixo simbólico do Apocalipse, ressaltando que a entronização do Cordeiro em Ap. 5 é descrita em termos

³⁹ Thomas (1992, p. 332-333), observa que o particípio presente *de καθήμενος* em Ap 4:2 denota uma ação contínua e permanente, retratando a constância da autoridade divina sobre o trono.

essencialmente cúlticos. Essa leitura confirma a estreita relação entre liturgia e cristologia, mostrando que a análise linguística não apenas ilumina a estrutura do texto, mas também revela a profundidade de sua teologia e espiritualidade.

Assim, a presente seção propõe-se a investigar Apocalipse 4–5 como uma obra literária de elevada sofisticação, cuja gramática, estilo e simbolismo servem para articular a centralidade do trono, a figura do Cordeiro e a dimensão da adoração como núcleo hermenêutico da mensagem apocalíptica.

4.1 Análise literária de Apocalipse 4–5: léxico, gramática e estilo

Após a realização da crítica textual de Apocalipse 4–5, a investigação avança para o nível da análise literária, voltada à compreensão do funcionamento interno do texto em sua dimensão linguística e estrutural. Essa etapa tem início na sintaxe e percorre os campos do léxico, da classificação gramatical, da articulação frasal e dos recursos estilísticos.

O primeiro aspecto a ser explorado é o vocabulário. Trata-se de uma análise lexical que observa a frequência e a função dos termos no texto, valorizando tanto seu uso semântico quanto seu papel teológico. Em Apocalipse 4–5, palavras como *θρόνος* (trono), *καθήμενος* (assentado), *ζῶν* (ser vivente), *ἀρνίον* (cordeiro), *ἄξιος* (digno) e *φωνή* (voz) possuem significativa recorrência e estão diretamente relacionadas à temática da soberania e adoração divina. Como observa Beckwith (1979, p. 263), “[...] a repetição deliberada de termos-chave reforça a centralidade do trono e da liturgia celeste como eixo da narrativa apocalíptica”.

Em seguida, a análise avança para a identificação das classes gramaticais, distinguindo os elementos da oração quanto à sua morfologia e função. Os substantivos predominam na descrição estática do trono e dos seres celestiais, enquanto os participios verbais, como *καθήμενος*, indicam estados contínuos, revelando a natureza permanente da entronização divina. Swete (1906, p. 74) ressalta que a forma gramatical do participio presente passivo, usada para descrever aquele que ocupa o trono, confere a ideia de um domínio inalterável e eterno.

Na sequência, o foco recai sobre o encadeamento sintático. O uso intensivo de conjunções coordenativas, como *καὶ* (e), confere ao texto um ritmo litúrgico e cumulativo, especialmente nas doxologias e hinos. A repetição de fórmulas, como *ἅγιος, ἅγιος, ἅγιος* (santo, santo, santo – Ap 4,8) e *ἄξιος εἶ* (digno és – Ap 4,11; 5,9) estrutura o texto em blocos poéticos paralelos, reforçando a solenidade da cena.

Por fim, são destacados os recursos estilísticos empregados pelo autor. A linguagem de Apocalipse 4–5 é altamente simbólica e estilizada, fazendo uso de paralelismo, repetições enfáticas e imagens visuais (como pedras preciosas, relâmpagos, arco-íris) e alusões veterotestamentárias (cf. Is 6; Ez 1). Fee (2011, p. 117) aponta que “[...] a estrutura litúrgica do texto, intercalada com aclamações e visões, visa inserir o leitor na própria realidade do culto celestial”.

A análise literária, portanto, revela não apenas o conteúdo, mas também o modo como o texto foi deliberadamente estruturado para comunicar a majestade divina e a dignidade exclusiva do Cordeiro. Essa articulação entre forma e conteúdo é essencial para compreender a profundidade teológica de Apocalipse 4–5.

4.2 Análise lexicográfica – Apocalipse 4–5

A seguir, estão listados alguns dos principais termos gregos com tradução, número de ocorrências, morfologia e importância teológica/estrutural dentro da perícope.

Nos capítulos 4 e 5 do livro de Apocalipse, alguns termos gregos se destacam tanto por sua frequência quanto por sua carga teológica e simbólica. A narrativa se inicia com uma fórmula visionária típica da literatura apocalíptica – μετὰ ταῦτα εἶδον (Ap 4,1). Segundo Swete (1906, p. 71), isso “[...] serve para introduzir uma nova visão de especial importância”. Essa expressão aparece 4 vezes ao longo do Apocalipse (4,1; 7,1; 15,5; 18,1) e funciona como um marcador literário, não cronológico (Beckwith, 1979).

Entre os vocábulos mais recorrentes e significativos, θρόνος (thronos, “trono”) aparece 14 vezes apenas nesses dois capítulos (Ap 4,2–10; 5,1, 6–13). Trata-se do centro simbólico de todo o Capítulo 4. Para Lenski (1963, p. 154), o trono representa “[...] o avanço da revelação para o domínio e a soberania de Deus”.

O particípio καθήμενος (do verbo κάθημαι, “estar assentado”) é uma das expressões mais teologicamente carregadas em Apocalipse 4–5. Ele aparece seis vezes ao longo desses capítulos (Ap 4,2.3.9.10; 5,1.7), sempre se referindo ao Deus que está no trono, em forma de particípio presente, masculino, singular, passivo (pres. pass. ptc. masc. sg.). Sua função é descrever a postura permanente e solene de Deus como soberano do universo.

A forma gramatical do particípio presente passivo destaca uma ação contínua e estática, não transitória. Isso implica que Deus está continuamente entronizado, sem mudança ou alternância. Swete (1906, p. 74) aponta que essa construção gramatical apresenta o “[...] assento divino não como uma ação momentânea, mas como um estado ontológico e eterno”.

Segundo Beckwith (1979, p. 262), o uso repetido de καθήμενος nos capítulos 4–5, sempre em ligação com θρόνος (trono), “[...] sugere que a visão celestial gira em torno da estabilidade cósmica centrada na realeza divina”. Não há alteração de sujeito ou status: Deus é o que “está assentado” (ὁ καθήμενος ἐπὶ τοῦ θρόνου) e sua posição não é transitória, mas perene.

Essa terminologia encontra eco direto no Antigo Testamento. Em passagens como Isaías 6:1 – “vi o Senhor assentado sobre um trono alto e sublime” –, a forma hebraica יוֹשֵׁב (yōshēb, “assentado”) expressa a mesma ideia de permanência e majestade. Osborne (2014, p. 276) observa que João, ao empregar kathēmenos, está “[...] reinterpretando a teofania de Isaías à luz da cristologia apocalíptica, projetando o Deus soberano do Antigo Testamento no centro da adoração celestial”.

Além disso, o título “aquele que reina” funciona quase como um nome próprio em Apocalipse. Não se diz apenas que Deus “sentou-se”, mas que Ele é “Aquele entronizado” (ὁ καθήμενος), identificando-se por essa postura. Lenski (1963, p. 156) afirma que essa expressão equivale a “[...] uma designação reverente da pessoa divina em sua função de governante absoluto”.

Em termos simbólicos, o fato de Deus estar sentado em um trono implica autoridade suprema, estabilidade e julgamento. Em um contexto de perseguição e incerteza para os cristãos do século I, essa imagem transmite segurança escatológica. Para Fee (2011, p. 115), Aquele que ocupado o trono “[...] não é afetado pelos eventos terrenos, mas reina sobre eles com majestade tranquila”.

É também digno de nota que, nos cânticos celestes (Ap 4,9–10; 5,13), a adoração é dirigida explicitamente “ao que está assentado no trono e ao Cordeiro”. Isso coloca καθήμενος lado a lado com o ἀρνίον (Cordeiro), sugerindo uma teologia do trono compartilhado. Swete (1906, p. 73) enfatiza que “[...] o uso paralelo reforça a ideia de que o Cordeiro partilha a autoridade do Trono, sem divisão de soberania”.

Do ponto de vista literário, καθήμενος também cumpre função coesiva: ele reaparece ao longo das visões para manter a imagem de continuidade entre a soberania divina na terra e o domínio celestial, especialmente em oposição aos tronos terrenos. A contraposição é clara: enquanto os poderes terrenos surgem e caem (cf. Ap 13), o que está assentado no trono não se move.

Portanto, καθήμενος, embora à primeira vista pareça apenas uma descrição de postura, é um marcador teológico, ontológico e escatológico. Ele indica que o Deus revelado em

Apocalipse não apenas reina, mas reina de modo eterno, inabalável e digno de adoração, sendo sua majestade reconhecida por anjos, anciãos e toda a criação.

Outro termo essencial é ζῶον (zōon, “ser vivente”), que ocorre 7 vezes nos capítulos em estudo (Ap 4,6–9; 5,6.8.14). Conforme Osborne (2014), trata-se de figuras derivadas das visões de Ezequiel, reinterpretadas cristologicamente como seres celestiais que participam da liturgia e mediação da revelação.

O adjetivo ἄξιος (axios, “digno”) aparece 4 vezes (Ap 4,11; 5,2.9.12) e ocupa papel central nos hinos celestiais. ἄξιος aparece tanto para o Deus no trono (4,11) quanto para o Cordeiro (5,9.12) – uma transição sutil de autoridade. Ele é proclamado tanto ao Deus entronizado quanto ao Cordeiro, como em “ὁ ἄξιος ἀνοῖξαι τὸ βιβλίον” (Ap 5,9). Swete (1906, p. 80) observa que tal linguagem confere ao Cordeiro “[...] a mesma dignidade divina que a Deus Pai”. O termo se torna uma chave teológica que legitima a autoridade exclusiva de Cristo para revelar e julgar.

Já ἀρνίον (arnion, “cordeiro”) ocorre 4 vezes também (Ap 5,6.8.12.13) e é um diminutivo exclusivo do Apocalipse para referir-se a Cristo. ἀρνίον é central em Apocalipse 5: Cristo aparece como Cordeiro imolado, unindo sacrifício e realeza. Fee (2011, p. 113) destaca que “[...] o Cordeiro é o centro da segunda parte da visão, sendo descrito como morto, mas de pé e recebendo adoração universal”. O uso do diminutivo acentua a vulnerabilidade e ao mesmo tempo o triunfo da figura messiânica.

A palavra φωνή (phōnē, “voz”) ocorre 4 vezes (Ap 4,1; 5,2.11.12), marcando momentos de revelação e liturgia. Já o termo ἅγιος (hagios, “santo”) aparece 3 vezes seguidas em Ap 4,8 (“ἅγιος, ἅγιος, ἅγιος”), em uma fórmula que ecoa Isaías 6. A tripla repetição de ἅγιος (4,8) é um hebraísmo com força superlativa (Santíssimo) – reforçando a transcendência divina. Osborne (2014) interpreta essa repetição como superlativo hebraico que enfatiza a santidade absoluta de Deus.

πνεῦμα (pneuma, “espírito”) ocorre 3 vezes em Apocalipse 4–5, referindo-se aos “sete espíritos de Deus” (Ap 4,5; 5,6). Os sete Espíritos (πνεῦμα) ligados ao trono e ao Cordeiro mostram a atuação do Espírito na economia celeste. Krodel (1989) interpreta esses espíritos como uma representação da plenitude da ação do Espírito Santo e sua associação com o trono e o Cordeiro reforça sua centralidade trinitária.

βιβλίον (biblion, “livro/rolo”) aparece 2 vezes (Ap 5,1–2) e designa o rolo selado com sete selos. Trata-se de um documento celestial, que contém os desígnios divinos.

Por fim, σφραγίς (sphragis, “selo”) ocorre 2 vezes (Ap 5,1, 5), descrevendo os sete selos do livro. Osborne (2014) nota que eles representam restrição de acesso à revelação divina,

indicando que apenas uma figura com autoridade absoluta – o Cordeiro – pode desvelar o conteúdo do livro.

Assim, o vocabulário de Apocalipse 4–5 revela um universo cuidadosamente estruturado. A linguagem não é apenas decorativa, mas funcional: os termos descrevem a estrutura do culto celestial, revelam o caráter de Deus e do Cordeiro, indicam a autoridade e a progressão da revelação escatológica. O texto é altamente simbólico, mas enraizado numa teologia sólida e coerente com o restante das Escrituras.

4.3 Contagem e classificação gramatical de Apocalipse 4,1–5,14

A seção de Apocalipse 4,1 a 5,14, que forma uma unidade visionária centrada na entronização divina e na exaltação do Cordeiro, apresenta uma riqueza de estrutura morfossintática própria do estilo apocalíptico litúrgico. A partir do texto crítico grego da UBS5, a perícope se constitui de aproximadamente 369 palavras⁴⁰, distribuídas entre diversas categorias gramaticais que revelam não apenas a dinâmica narrativa, mas também a solidez poética e teológica da composição. Identificam-se cerca de 71 formas verbais, entre modos finitos, participiais e infinitivos, com predominância dos tempos aoristo e presente, evidenciando tanto ações pontuais quanto estados contínuos (Wallace, 1996). Além disso, há 70 substantivos comuns, que nomeiam personagens, elementos celestiais, litúrgicos e simbólicos (como *θρόνος*, *ζῶον*, *βιβλίον*, *σφραγίς*, *ἄρνιον*); além de 4 substantivos próprios, entre eles *Ἰούδα* e *Δαβίδ*, referindo-se ao Messias com raízes veterotestamentárias.

Em relação aos pronomes, a perícope apresenta aproximadamente 30 ocorrências, exercendo função anafórica, identitária e enfatizadora – em especial os relativos (*ὅς*, *ἦν*, *οὗ*) e pessoais (*ἐγώ*, *σοι*, *αὐτός*). Quanto aos modificadores, detectam-se 18 adjetivos, empregados para caracterizar com intensidade elementos descritivos do culto celestial (como *λευκοῖς*, *ἅγιος*, *σφραγίδιν*, *χρυσοῦς*), e 6 advérbios, que estabelecem tempo (*εὐθέως*, *πάλιν*), modo ou intensidade (*μεγάλη*). Identificam-se ainda 39 preposições, com destaque para *ἐν*, *ἐπί*, *ἐκ* e *μετά*, essenciais para expressar relações espaciais e funcionais dos agentes nas cenas litúrgicas (Blass; Debrunner; Funk, 1961, 220–227).

O estilo cumulativo e paralelístico é fortemente marcado pelo uso de 55 conjunções, majoritariamente a copulativa *καί*, que estabelece ritmo e continuidade, especialmente nos hinos e aclamações do capítulo 5 (Ap 5,12–13). Por fim, contabilizam-se aproximadamente 89

⁴⁰ Isso varia de acordo com a versão utilizada.

artigos definidos (ὁ, ἡ, τό), utilizados tanto com função determinativa quanto anafórica, reforçando a identificação dos sujeitos já mencionados ou destacados pelo contexto imediato (Wallace, 1996). Essa contagem gramatical revela o rigor formal e a intencionalidade teológica do autor do Apocalipse, cujo estilo funde tradição semítica, estrutura grega e simbolismo escatológico, numa construção discursiva destinada à adoração e à esperança escatológica.

4.4 Análise dos verbos em Apocalipse 4,1–5,14

O uso verbal em Apocalipse 4,1 a 5,14 revela a estrutura narrativa e litúrgica da cena celestial, refletindo uma alternância calculada entre descrição estática e ação progressiva. Com base na edição crítica do *Novum Testamentum Graece* (UBS5), identificam-se 71 formas verbais distintas, abrangendo tempos, modos e vozes que reforçam a solenidade e o dinamismo da visão. Os verbos no aoristo prevalecem nas narrações introdutórias das ações visionárias de João (εἶδον – “vi”, ἤκουσα – “ouvi”, ἔλαβεν – “tomou”), destacando eventos únicos com valor pontual (Wallace, 1996). Essa escolha verbal é coerente com a função de relatar revelações extáticas e movimentos divinos únicos.

Por outro lado, os verbos no presente aparecem em contextos de descrição estática, especialmente ligados aos seres celestiais e suas ações contínuas. Exemplo disso é o uso do particípio presente passivo καθήμενος (“assentado”), recorrente em Ap 4,2–10 e 5,1–7, sempre relacionado a Deus no trono, indicando estado permanente e ininterrupto (Swete, 1906). Essa forma verbal não expressa um início ou fim da ação, mas sua permanência no tempo, recurso comum na apocalíptica judaica para evocar eternidade (Trail, 2008).

Além dos verbos principais, destacam-se os particípios verbais, que desempenham papel fundamental na descrição de estados, atributos e sequências dependentes. O particípio λαλούσης (Ap 4,1), por exemplo, descreve a voz semelhante à de trombeta, como “falando”, qualificando a ação simultânea ao chamado. Já περιβεβλημένους e καθημένους (Ap 4,4) caracterizam os anciãos em suas posições e vestimentas, atuando como adjetivos descritivos derivados de verbos. Os particípios são especialmente importantes para a coesão narrativa do texto e sua densidade descritiva.

No que diz respeito à voz verbal, há predominância da ativa, no entanto, a voz média aparece para destacar a experiência subjetiva de João (ἐγενόμην, Ap 4,2) e a voz passiva é utilizada para referir-se às ações divinas ou celestiais recebidas por sujeitos humanos ou espirituais (ἠνεωγμένη, Ap 4,1; ἐσφραγισμένον, Ap 5,1). Além disso, a perícopa inclui formas

imperativas, como ἀνάβα (“sobe”, Ap 4,1), que exprime ordem divina com autoridade profética.

Do ponto de vista teológico, a distribuição verbal não é aleatória: os aoristos narram a revelação progressiva; os presentes sustentam o louvor incessante e o domínio eterno de Deus; os participios reforçam a majestade do trono e a posição redentora do Cordeiro. Assim, a conjugação verbal se torna, ainda, uma forma de expressar os contrastes entre tempo histórico e eternidade escatológica (Beale, 1999). Em suma, o sistema verbal de Ap 4–5 contribui para a construção de um espaço-tempo litúrgico que transita entre visão, culto e soberania divina.

4.41 Análise dos Tempos Verbais e do Aspecto

Beale (1999, pp. 323–328) chama atenção para o uso recorrente do aoristo passivo nos hinos de Apocalipse 5 (por exemplo, ἐσφάγης — “foste morto” — e ἡγόρασας — “compraste”). Para ele, o aoristo não apenas indica um evento passado, mas invoca uma ação histórica definitiva e irreversível no plano da redenção. Esse uso é intencionalmente contrastado com os presentes históricos e iterativos (como λέγουσιν, “dizem”), que expressam ações contínuas ou repetidas, como a adoração celestial.

Aune (1997) observa que essa tensão aspecto-temporal entre verbos narrativos e verbos cultuais confere densidade escatológica ao texto, sugerindo a convergência entre ação passada consumada e louvor perene. Essa justaposição entre a consumação histórica da obra do Cordeiro e o culto incessante das criaturas celestiais dá ao texto um caráter de simultaneidade escatológica, no qual passado, presente e eternidade se entrelaçam em liturgia.

O quadro abaixo organiza os principais verbos de Ap 4–5, indicando forma, tradução e função narrativa.

Quadro 16 – Formas verbais em Ap 4-5

Verbo grego	Forma	Tradução	Função narrativo-litúrgica
εἶδον	aor. at. ind. 1ª sg.	vi	introdução da visão
ἤκουσα	aor. at. ind. 1ª sg.	ouvi	percepção auditiva da revelação
καθήμενος	pres. pass. part. masc. sg.	assentado	descrição do trono divino
ἀνάβα	aor. at. imp. 2ª sg.	sobe	ordem divina
ἐγενόμην	aor. med. ind. 1ª sg.	fui	transição para o estado espiritual
λαλοῦσα	pres. at. part. fem. sg.	falando	descrição da voz como trombeta
ἔλαβεν	aor. at. ind. 3ª sg.	tomou	ação do Cordeiro
ἔπεσαν	aor. at. ind. 3ª pl.	prostraram-se	ato de adoração
λέγοντες	pres. at. part. masc. pl.	dizendo	introdução de louvor
λαβεῖν	aor. at. inf.	receber	propósito ou mérito
ἐσφάγης	aor. pass. ind. 2ª sg.	foste morto	ação redentora consumada
ἡγόρασας	aor. at. ind. 2ª sg.	compraste	redenção definitiva
λέγουσιν	pres. at. ind. 3ª pl.	dizem	louvor iterativo e contínuo

Fonte: Autoria própria.

Essa análise evidencia que a alternância entre aoristo e presente reforça a dinâmica entre narração visionária e culto contínuo.

4.5 Análise dos substantivos em Apocalipse 4,1–5,14

Os substantivos em Apocalipse 4,1–5,14 exercem papel central na construção da cena visionária e na representação teológica do trono celestial. Com base no texto grego UBS5, identificam-se cerca de 74 substantivos comuns e 4 substantivos próprios, destacando-se, em frequência e relevância, termos como θρόνος (trono), ζῶον (ser vivente), πρεσβύτερος (ancião), φωνή (voz), βιβλίον (livro), σφραγῖς (selo), ἀρνίον (cordeiro), πνεῦμα (espírito). O substantivo θρόνος, por exemplo, ocorre diversas vezes (Ap 4,2..3.5.6; 5,1.6.7.11.13), funcionando como eixo simbólico da soberania divina. Swete (1906, p. 65) observa que “[...] o trono é o ponto de convergência de toda a narrativa litúrgica, símbolo da autoridade imutável de Deus”.

Do ponto de vista morfológico, a maioria dos substantivos ocorre no caso nominativo (como sujeito ou predicativo), acusativo (como objeto direto ou circunstancial) e genitivo (para expressar posse, origem ou qualidade). Por exemplo, φωνῇ μεγάλῃ (voz grande) aparece em Ap 5,2 e 5,12 no dativo instrumental, expressando meio de proclamação. O substantivo ἀρνίον (cordeiro), em nominativo, aparece em Ap 5,6 como sujeito ativo da ação redentora e em Ap 5,12 como destinatário da adoração.

Muitos desses substantivos estão ligados a campos semânticos bem definidos:

1. Liturgia celestial: φωνή, δόξα, τιμή, εὐχαριστία, εὐλογία, λαμπάδες, θυμιαμάτων;
2. Cristologia: ἀρνίον, βιβλίον, σφραγῖδες, αἷμα, σφραγῖς;
3. Escatologia e criação: κτίσμα, γῆ, θάλασσα, αἰῶνες;

4. Autoridade divina: θρόνος, στέφανος, δυνάμεις, κράτος.

Em relação aos substantivos próprios, os nomes Ἰούδα (Judá) e Δαυίδ (Davi) aparecem em Ap 5,5 em construção genética, ligados à identidade messiânica de Jesus. Esses termos remetem diretamente às profecias veterotestamentárias sobre o Messias (cf. Gn 49,9–10; Is 11,1). Trata-se de elementos cruciais para a interpretação teológica do texto.

Os substantivos, portanto, são usados com precisão simbólica e teológica. Em Apocalipse 5,9–10, por exemplo, a sequência φυλῆς, γλώσσης, λαοῦ, ἔθνους (tribo, língua, povo, nação) descreve a abrangência da obra redentora do Cordeiro.

4.5.1 Substantivos e Carga Semântica Simbólica

A análise de substantivos como θρόνος (trono), βιβλίον (livro), σφραγῖς (selo), ἄρνιον (cordeiro) e φωνή (voz) pode ser enriquecida com os estudos de Koester (2014), que enfatiza a função simbólico-referencial desses termos. O θρόνος não representa apenas uma peça de mobiliário celestial, mas atua como “nó semântico” que ativa associações com poder, juízo, santidade e transcendência — sobretudo em conexão com Isaías 6 e Ezequiel 1.

Já βιβλίον é interpretado por Beale (1999, pp. 340–343) como símbolo da soberania de Deus sobre a história, mais do que um simples documento ou rolo contendo conteúdo. A polissemia desses termos — concreta, simbólica e teológica — é um traço distintivo do gênero apocalíptico e explica sua força retórica e teológica na cena visionária.

A seguir, apresenta-se um quadro com os principais substantivos de Ap 4–5, sua forma gramatical e função teológica.

Quadro 17 - Substantivos em Ap 4–5

Substantivo	Caso/Número/Gênero	Tradução	Função
θρόνος	Nominativo Sing. Masc.	trono	símbolo da soberania divina
φωνή	Nominativo Sing. Fem.	voz	meio de proclamação
ἄρνιον	Nominativo Sing. Neut.	cordeiro	símbolo do Cristo redentor
βιβλίον	Acusativo Sing. Neut.	livro	registro selado da vontade divina
σφραγῖς	Genitivo Pl. Fem.	selos	elementos de ocultamento/revelação
ζῶον	Nominativo Sing. Neut.	ser vivente	agente litúrgico celestial
πρεσβύτερος	Nominativo Sing. Masc.	ancião	representante do povo redimido
δόξα	Acusativo Sing. Fem.	glória	atributo atribuído a Deus e ao Cordeiro
αἷμα	Dativo Sing. Neut.	sangue	meio da redenção
στέφανος	Nominativo Sing. Masc.	coroa	símbolo de autoridade celestial

Fonte: Autoria própria.

A predominância de termos como θρόνος, ἄρνιον e βιβλίον confirma que a cena gira em torno da soberania, da mediação e da revelação.

4.6 Análise dos pronomes em Apocalipse 4,1–5,14

A perícope de Apocalipse 4,1 a 5,14 apresenta aproximadamente 30 pronomes, entre pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos, usados para sustentar a coesão textual e a economia de repetição, além de conferir ênfase teológica à ação dos sujeitos divinos e celestiais. Os pronomes pessoais aparecem frequentemente na primeira pessoa do singular (ἐγώ, μου, με), em referência ao próprio João, na segunda pessoa (σοι) e nos diálogos celestiais (Ap 4,1; 5,5). Essas formas destacam a dimensão subjetiva da visão e sua comunicação profética.

Os pronomes relativos (ὅς, ἦν, ὅτι, ὃ) são particularmente relevantes na descrição das ações e atributos do Cordeiro. Em Ap 5,9, por exemplo, o pronome relativo ὅτι introduz a cláusula que explica a dignidade do Cordeiro: ὅτι ἐσφάγης καὶ ἡγόρασας τῷ θεῷ... (“porque foste morto e com teu sangue compraste [...]”). Aqui, o pronome não apenas conecta frases, mas fundamenta teologicamente o ato de adoração.

Pronomes possessivos, como αὐτοῦ (dele) e αὐτῶν (deles) são amplamente utilizados, especialmente em relação ao livro selado (βιβλίον αὐτοῦ – Ap 5,2) e às coroas dos anciãos (τοὺς στεφάνους αὐτῶν – Ap 4,10), expressando posse e pertencimento litúrgico e escatológico. Essa estrutura reforça a autoridade do Cordeiro e a submissão dos redimidos diante dele.

Também se destacam pronomes demonstrativos, como οὗτος (este) e ἐκεῖνος (aquele), embora menos frequentes, que ajudam a localizar elementos da cena no espaço litúrgico descrito. Além disso, o pronome reflexivo ἑαυτῶν (de si mesmos), quando aparece, reforça a ação dos anciãos, prostrando-se ou entregando suas coroas (Ap 4,10), simbolizando adoração voluntária e autoentrega.

Em termos de função discursiva, os pronomes contribuem para: (I) identidade dos agentes (João, Deus, Cordeiro, anciãos); (II) ênfase teológica (por meio da repetição de possessivos ligados ao Cordeiro e ao trono); (III) fluidez narrativa (por substituição nominal em contextos de culto e ação celestial); e (IV) relação interpessoal (uso de 2ª pessoa nos convites divinos e nas revelações).

Assim, o uso dos pronomes em Ap 4–5 reflete não apenas uma estrutura linguística coesa, mas também uma arquitetura teológica que sustenta a centralidade de Deus e do Cordeiro na adoração cósmica, envolvendo os céus, a terra e os redimidos.

O quadro a seguir lista os pronomes de Ap 4–5, destacando seu papel na coesão do texto e na teologia da visão.

Quadro 18 – Pronomes em Ap 4-5

Pronome	Forma	Tipo	Tradução	Função Narrativa
ἐγώ	Nom. 1ª sg.	Pessoal	eu	fala do profeta João
σοι	Dat. 2ª sg.	Pessoal	a ti	destinatário de revelações divinas
με	Acus. 1ª sg.	Pessoal	me	objeto da ação divina
αὐτοῦ	Gen. 3ª sg. masc.	Possessivo	dele	posse do livro, trono ou selos
αὐτῶν	Gen. 3ª pl.	Possessivo	deles	coroas dos anciãos, orações dos santos
ὃς	Nom. sg.	Relativo	que	atribuição de ações ao Cordeiro
ἣν	Acus. sg. fem.	Relativo	que	retoma voz que João ouviu
οὗτος	Nom. sg. masc.	Demonstrativo	este	referência a pessoa específica
ἐαυτῶν	Gen. pl. masc./fem.	Reflexivo	de si mesmos	autoentrega dos anciãos
ὃ	Nom./Acus. sg. neut.	Relativo	o que	referência neutra a ações ou objetos

Fonte: Autoria própria.

A recorrência de pronomes possessivos e relativos evidencia a centralidade de Deus e do Cordeiro na relação com os redimidos e a criação.

4.7 Análise dos adjetivos em Apocalipse 4,1–5,14

A seção de Apocalipse 4–5 apresenta um uso expressivo e intencional de adjetivos qualificativos, empregados para intensificar o valor simbólico das cenas e dos personagens visionários. Com base na leitura do texto UBS5 e nos interlineares, identificam-se aproximadamente 18 adjetivos distintos, que aparecem em variadas formas de gênero, número e caso, sempre em estreita relação com substantivos de forte valor teológico e litúrgico.

Um exemplo notável ocorre em Apocalipse 4,3 com os adjetivos ὅμοιος (semelhante), usados na forma nominativa masculina singular para descrever ὁ καθήμενος (“aquele que está assentado”) como “semelhante à pedra de jaspé e sardônio” e mais adiante “semelhante à esmeralda”. Esses usos funcionam como aproximações visuais e reverenciais, evitando nomeações diretas de Deus, ao estilo do Antigo Testamento (cf. Ez 1,26–28). O adjetivo ἡνεωγμένη (aberta – Ap 4,1), forma de particípio adjetivado no perfeito passivo feminino singular, modifica θύρα (porta), destacando que a ação de abrir foi completada por um agente divino.

Em Apocalipse 5,9–12, há destaque para adjetivos relacionados à dignidade e atributos do Cordeiro, como Ἄξιος (“digno”) e os sete atributos cantados pelos anjos: δύναμις (força), πλοῦτος (riqueza), σοφία (sabedoria), τιμή (honra), δόξα (glória) e εὐλογία (louvor). Estes, embora sejam substantivos, têm uso adjetival por justaposição descritiva (Beale, 1999). Já o

adjetivo λευκοῖς (brancos – Ap 4,4) descreve as vestes dos anciãos, remetendo à pureza e à vitória, conforme o uso escatológico típico do Apocalipse.

Além disso, há adjetivos numéricos, como εἴκοσι τέσσαρες (vinte e quatro), ἑπτὰ (sete) e πρῶτος (primeiro); os quais, além de sua função quantitativa/literal, possuem valor simbólico, apontando para a totalidade do povo de Deus (24 anciãos), plenitude espiritual (sete Espíritos) e prioridade cronológica ou lógica (primeira voz). Esses adjetivos não apenas qualificam, mas teologizam os substantivos que acompanham.

Em termos de função sintática, os adjetivos ocorrem:

- a. Atributivamente: quando precedem ou seguem o substantivo com artigo (ex: τὰ ἑπτὰ πνεύματα, Ap 4:5);
- b. Predicativamente: com cópula implícita ou explícita (ex: ὁ καθήμενος ὅμοιος ὀράσει..., Ap 4,3);
- c. Substantivados: como em οἱ εἴκοσι τέσσαρες, em que os numerais funcionam como substantivos coletivos.

A escolha precisa de cada adjetivo intensifica o caráter reverente e simbólico da cena, funcionando como parte integrante da liturgia celestial descrita por João. Seu uso cumulativo e visual contribui para a estética apocalíptica e a teologia da soberania divina e da redenção cósmica centrada no Cordeiro.

O quadro a seguir apresenta os adjetivos utilizados em Ap 4–5, ressaltando seu valor simbólico.

Quadro 19 – Adjetivos em Ap 4–5

Adjetivo	Forma	Tipo	Tradução	Função
ὅμοιος	Nom. sg. masc.	Qualificativo	semelhante	Comparação reverente com pedras preciosas e arco-íris
ἡνεωγμένη	Perf. pass. part. fem. sg.	Qualificativo	aberta	ESTADO permanente da porta celestial
λευκοῖς	Dat. pl. neut.	Qualificativo	brancos	Pureza das vestes dos anciãos
ἅγιος	Nom. sg. masc.	Qualificativo	santo	Atributo essencial de Deus
πρῶτος	Nom. sg. masc.	Ordinal	primeiro	Prioridade de voz ou elemento
ἰσχυρὸς	Nom. sg. masc.	Qualificativo	forte	Atributo do anjo que proclama
νέος	Nom. sg. fem.	Qualificativo	novo	Qualifica o cântico dos redimidos
χρυσοῦς	Nom./Gen. sg. masc.	Qualificativo	de ouro	Característica das coroas
δίκαιος	Nom. sg. masc.	Qualificativo	justo	Atributo implícito da adoração ao Cordeiro
ἑπτὰ	Invariável	Numérico	sete	Plenitude espiritual, número simbólico

Fonte: Autoria própria.

O uso de adjetivos como ἅγιος, λευκοῖς e ἑπτὰ intensifica o caráter litúrgico e teológico da cena.

4.8 Análise dos advérbios em Apocalipse 4,1–5,14

Embora em menor número que os verbos, substantivos ou adjetivos, os advérbios presentes em Apocalipse 4,1 a 5,14 exercem papel importante na caracterização do ritmo narrativo, da intensidade das ações e da relação temporal entre os eventos visionários. São cerca de 6 advérbios distintos identificados nesta perícope, com funções ligadas ao tempo, modo, intensidade e ênfase litúrgica.

O advérbio εὐθέως (“imediatamente”, Ap 4,2) é um dos primeiros a aparecer e exerce função temporal enfática, marcando a transição de João ao estado espiritual. Está intimamente ligado ao verbo ἐγενόμην (“tornei-me”), indicando que o arrebatamento profético ocorre com súbita intervenção divina, sem mediação humana. Wallace (1996) aponta que esse uso do advérbio reflete o caráter abrupto e sobrenatural típico das transições visionárias do Apocalipse.

Outro exemplo é μετὰ ταῦτα (“depois destas coisas”, Ap 4,1-2), expressão composta por preposição e pronome demonstrativo, com valor temporal narrativo, usada como fórmula de transição escatológica. Essa fórmula é típica das visões apocalípticas (cf. Dn 7,7) e aparece no início de diversas seções do Apocalipse (Ap 7,1; 15,5).

Já ἄξιος (“digno”), embora tecnicamente seja um adjetivo, exerce função adverbial em contextos litúrgicos, como em Ἄξιόν ἐστιν (“É digno...”, Ap 5,12), introduzindo um caráter valorativo que intensifica a adoração. Em termos estilísticos, esse uso contribui para a elevação litúrgica e métrica dos cânticos apocalípticos.

Ainda em Ap 5,12, o uso de expressões em série, como φωνῇ μεγάλῃ (“em grande voz”), carrega um valor adverbial de intensidade e solenidade. A mesma estrutura aparece em Ap 5,2 e é usada para descrever a proclamação celestial em tom exaltado. Tais expressões revelam a estética sonora e retórica do livro.

Os advérbios, portanto, mesmo em número limitado, são utilizados de forma estratégica no texto, a fim de marcar transições visionárias, qualificar ações divinas e reforçar o caráter cúltico da narrativa. Sua função não é apenas sintática, mas litúrgica e teológica, ampliando o senso de urgência, autoridade e glória presentes na cena celestial.

A seguir, apresenta-se o quadro dos advérbios de Ap 4–5, com suas traduções e funções narrativas.

Quadro 20 – Advérbios em Ap 4–5

Advérbio	Forma	Tipo	Tradução	Função Narrativa-Teológica
εὐθέως	Advérbio	tempo	imediatamente	Marca a transição instantânea ao estado espiritual
μετὰ ταῦτα	Locução	adverbial de tempo	depois destas coisas	Introduz novas seções visionárias
ἄξιον	Adjetivo	uso adverbial litúrgico	dignamente / digno é	Enuncia valor e mérito litúrgico do Cordeiro
φωνῇ μεγάλῃ	Expressão	adverbial de modo/intensidade	em grande voz	Enfatiza proclamações e louvores celestiais
κύκλῳ	Advérbio	lugar	ao redor	Localiza os seres e anciãos em torno do trono
ἔσωθεν	Advérbio	lugar	por dentro	Descreve os seres viventes com olhos internos

Fonte: Autoria própria.

Esses advérbios reforçam a ênfase temporal, espacial e cúltica da visão, contribuindo para seu ritmo litúrgico.

4.9 Análise das conjunções em Apocalipse 4,1–5,14

O texto de Apocalipse 4–5 é marcado por um uso denso e repetitivo de conjunções, que desempenham papel estruturante na construção do discurso apocalíptico. Com base na leitura do texto grego UBS5, identificam-se cerca de 55 ocorrências de conjunções, a maioria com função coordenativa aditiva, indicando sequência de ações e pensamentos, além de algumas com valor subordinativo, introduzindo causa, consequência ou tempo.

A conjunção predominante é καί (“e”), que aparece com altíssima frequência (mais de 40 vezes), funcionando como elo básico entre cláusulas, sentenças e elementos litúrgicos. Essa recorrência é típica da parataxe semítica, herança do hebraico bíblico, em que a repetição de “e” cria ritmo, solenidade e elevação no estilo (Swete, 1906). Em Ap 5,12–13, por exemplo, a conjunção καί conecta sete atributos dirigidos ao Cordeiro, enfatizando a plenitude da adoração.

Além dela, destacam-se as conjunções:

ὅτι (“porque”) – usada para introduzir causa ou explicação, especialmente nos cânticos (Ap 5,9: ὅτι ἐσφάγης...), fundamentando o louvor na ação redentora do Cordeiro.

ὅταν (“quando”) – conjunção subordinativa temporal (Ap 4,9), utilizada para relacionar o louvor dos seres viventes com a adoração dos anciãos.

ἀλλά (“mas”) – conjunção adversativa, raramente usada nesta seção, mas pode aparecer contrastando expectativa e revelação.

καθώς (“assim como”) – com função comparativa, aproximando elementos teológicos ou visões paralelas (presente em outras seções do Apocalipse).

A presença constante de conjunções também estrutura a sequência de ações na sala do trono: a visão do trono, os seres vivos, os anciãos, o livro, o Cordeiro, a adoração. Cada elemento é ligado de maneira fluida e ritmada, sustentando a dinâmica litúrgica do texto. As conjunções, nesse sentido, são marcadores discursivos que criam continuidade temática, cadência estética e progressão escatológica.

4.9.1 Conjunções, Paralelismo e Coesão Textual

S. J. P. K. Riekert (2010), ao examinar o uso de casos gramaticais e partículas coordenativas em Ap 4–5, observa que a conjunção καί (“e”) não atua apenas como marcador de enumeração, mas como um vínculo retórico-litúrgico.

Especialmente em Ap 5,12–13, a sequência cumulativa — δύναμιν καὶ πλοῦτον καὶ σοφίαν καὶ ἰσχὴν καὶ τιμὴν καὶ δόξαν καὶ εὐλογίαν — opera como intensificação litúrgica, produzindo uma verdadeira “cascata” de atributos semânticos. Segundo Riekert, essa estratégia é típica da linguagem cultica do judaísmo do Segundo Templo, em que a repetição de conjunções reforça a reverência e a exaustividade do louvor.

Assim, a conjunção καί, longe de ser apenas uma partícula conjuntiva, adquire função teológica e litúrgica: sustenta a coesão do hino e amplifica a adoração, apresentando o Cordeiro como destinatário de uma plenitude de honras que só podem ser expressas por meio da multiplicação retórica.

Quadro 21 – Conjunções em Ap 4–5

Conjunção	Forma	Tipo	Tradução	Função Narrativa-Teológica
καί	Partícula	coordenativa aditiva	e	Coordenação aditiva; ritmo paratático; “cascata” litúrgica (Ap 5,12–13)
ὅτι	Partícula	subordinativa causal	porque	Explicação e fundamentação teológica do louvor
ὅταν	Partícula	subordinativa temporal	quando	Introdução de relação temporal no culto
ἀλλά	Partícula	adversativa	mas	Contraste e adversidade, ainda que pouco frequente
καθώς	Partícula	comparativa	assim como	Comparação teológica e paralelismo

Fonte: Autoria própria

Assim, cada conjunção contribui qualitativamente para a coesão narrativa e teológica do Apocalipse, reforçando tanto o ritmo do culto celestial quanto a densidade escatológica do texto

4.10 Irregularidades Morfológicas e Estilo Grego do Apocalipse

Moř (2020) e Aune (1997) apontam que o grego do Apocalipse contém traços morfológicos considerados “irregulares” em comparação com outros escritos do Novo Testamento. Verbos como κατεκάθισεν (Ap 4.9) e construções como ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου (Ap 5.6) refletem uma sintaxe que muitos gramáticos consideraram semítica ou artificial. No entanto, Müller (1994) e Beale (1999) argumentam que tais padrões não indicam ignorância do grego, mas uma estilização intencional, apropriada à solenidade profética e ao gênero apocalíptico. As irregularidades morfossintáticas, portanto, devem ser lidas como escolhas estilísticas e teológicas, e não como lapsos gramaticais.

A integração dessas contribuições acadêmicas confirma que Apocalipse 4 e 5 são marcados por uma gramática teológica deliberadamente construída. A escolha de tempos verbais, a variação pronominal, o uso de conjunções, os substantivos simbólicos e as estruturas sintáticas refletem não apenas uma preocupação estilística, mas um projeto narrativo e litúrgico que sustenta a cristologia do Cordeiro entronizado. Como conclui Yarbro Collins (1984), a linguagem apocalíptica opera simultaneamente em registro estético e teológico, sendo inseparável da mensagem que pretende comunicar.

Dito isso, é válido destacar que a análise linguística desenvolvida no capítulo anterior procurou identificar e interpretar os elementos lexicais, morfológicos e sintáticos mais relevantes de Apocalipse 4 e 5, com especial atenção à função dos verbos, substantivos simbólicos e expressões culturais que estruturam a cena visionária. Essa etapa revelou não apenas a densidade semântica dos termos empregados por João, mas também sua intenção teológica subjacente, perceptível na escolha vocabular e na organização gramatical do texto. A investigação linguística, articulada aos dados da crítica textual previamente tratados, permitiu consolidar os fundamentos exegéticos que sustentam a leitura teológica da perícopa. Com base nesses resultados, passa-se agora à etapa propriamente teológica da pesquisa, na qual os temas relativos ao trono, à criação, à mediação do Cordeiro e à adoração cósmica serão considerados em sua dimensão doutrinal e escatológica, à luz das Escrituras e da tradição apocalíptica.

5 CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS SOBRE APOCALIPSE 4-5

Os capítulos 4 e 5 do Apocalipse de João constituem uma unidade literária e teológica de altíssima densidade simbólica, que atua como eixo estruturante da revelação escatológica subsequente. Após a mensagem dirigida às igrejas (Ap 2-3), João é convidado a subir “ao céu” (Ap 4,1), dando início à seção propriamente visionária do livro. O que se segue é uma grande cena de entronização e liturgia, articulada em dois momentos interdependentes: a proclamação da soberania de Deus Criador (cap. 4) e a revelação da dignidade do Cordeiro como Redentor (cap. 5).

Essa unidade narrativa, fortemente marcada por elementos litúrgicos, cósmicos e apocalípticos, articula teologicamente os temas do trono, da criação, da mediação, da redenção e da missão universal. Conforme Stefanovic (2009, p. 189), Apocalipse 4 e 5 formam “uma única cena na sala do trono [...]”, cuja função é introduzir o restante do livro com um fundamento teológico e cósmico, no qual Deus e o Cordeiro aparecem como centro da realidade e da história.

Nesse sentido, a presente seção tem por objetivo refletir teologicamente sobre os principais temas emergentes desses capítulos, com atenção especial à estrutura progressiva da adoração e à relação entre soberania, mediação e missão. A análise será conduzida a partir de um diálogo entre a exegese bíblica, a tradição litúrgica judaico-cristã e os paralelos veterotestamentários que informam o texto joanino, com base nas leituras de diferentes autores, como Beale (1999), Aune (1997), Prigent (2020), Osborne (2014) e Stefanovic (2009).

Além disso, as reflexões aqui desenvolvidas estão integradas ao método pragmático-narrativo adotado na presente dissertação, em sintonia com os resultados da crítica textual aplicada aos versículos mais relevantes. Trata-se de uma leitura teológica que reconhece o Cordeiro como figura central da narrativa, mediador entre Deus e a criação, além de destinatário do louvor universal. A doxologia cósmica final (Ap 5,13) não apenas resume a unidade entre Deus e o Cordeiro, mas projeta a esperança escatológica da nova criação que o Apocalipse vislumbra.

5.1 A centralidade do trono e a soberania divina (Ap 4,1-3)

A visão inaugurada em Apocalipse 4 apresenta uma cena celestial dominada pela imagem de um trono, símbolo maior da soberania de Deus. O termo grego *θρόνος* (*thronos*) aparece 14 vezes apenas nesse capítulo, refletindo sua importância como centro teológico e

estrutural da narrativa. Conforme Stefanovic (2009, p. 192), “‘trono’ é a palavra-chave de Apocalipse 4; aparece catorze vezes no capítulo, e está no centro de tudo o que acontece [...]”⁴¹.

O trono não é apenas um símbolo estático, mas um marco teológico da autoridade ativa de Deus. Beale (1999, p. 313) observa que “a repetição do termo ‘trono’ revela a centralidade da autoridade de Deus em todo o livro. A visão do trono celeste é o ponto de partida da narrativa apocalíptica porque aponta para o controle absoluto de Deus sobre a história humana e cósmica [...]”.

A teofania é enfatizada por fenômenos visuais e sonoros: relâmpagos, vozes e trovões (Ap 4,5) que evocam o Sinai (Êx 19,16) e Ezequiel 1. Osborne (2014, p. 278) interpreta que esses elementos “se originam da obra do próprio Deus [...]” e se repetem em momentos decisivos, como os s do sétimo selo, da sétima trombeta e da sétima taça. O autor ainda destaca que “o Deus impressionante e temível é o fundamento tanto da adoração quanto do juízo [...]” (Osborne, 2014, p. 278).

A liturgia celeste, centrada na adoração ao Deus Criador (Ap 4,11), confirma que a soberania divina se fundamenta no seu ato criador. Conforme observa Prigent (2020, p. 230), a fórmula “pois tu criaste todas as coisas” exprime o motivo da ação de graças, pois Deus é bendito enquanto Criador, segundo o esquema tradicional das bênçãos no Antigo Testamento e no judaísmo posterior. Assim, a criação torna-se o fundamento ontológico da autoridade divina. Nessa mesma linha, Shea (1987, p. 9) acrescenta que “A aliança divina é o marco teológico que sustenta as cenas do trono e do Cordeiro.” (tradução nossa). A soberania de Deus, portanto, manifesta-se no contexto de sua aliança redentora, que conecta o trono do Criador ao Cordeiro redentor em Apocalipse 4–5.

Além disso, a figura do καθήμενος (aquele que está sentado no trono) não indica apenas postura, mas uma condição contínua de governo. Segundo a análise gramatical já desenvolvida nesta dissertação, esse particípio expressa uma ação permanente, estática e ontológica de Deus como soberano. Como sintetiza Stefanovic (2009, p. 192), “o trono simboliza o direito de reinar. A pessoa que está sentada no trono tem o poder real e a autoridade de reinar sobre o reino [...]”.

⁴¹ A descrição do trono celestial remete diretamente às teofanias do Antigo Testamento, especialmente às visões de Isaías 6 e Ezequiel 1. A centralidade do trono é reforçada pelas referências aos seus arredores: “ao redor”, “diante”, “do meio”, “do trono” - expressões que configuram a cena como a sala celestial do trono (Stefanovic, 2009). Barker (1999, p. 223) interpreta Apocalipse 4–5 como um “texto-templo”, em que a entronização do Cordeiro acontece no espaço cúltico celestial. Nesse sentido, tudo no capítulo gira em torno do Deus entronizado, cuja majestade é proclamada pelos seres celestiais.

A cena também possui uma dimensão sociopolítica. Em contraste com o trono de César, o trono de Deus no céu afirma que o verdadeiro domínio pertence somente ao Criador. Beale (1999, p. 316) reconhece que os paralelos com Isaías, Ezequiel e Daniel “visam confrontar as falsas pretensões dos poderes terrenos [...]”. Em meio à perseguição, o Apocalipse afirma que Deus já reina, e seu trono é o fundamento da justiça escatológica.

Em resumo, a centralidade do trono em Apocalipse 4 comunica a majestade de Deus, fundamenta a adoração cósmica e prepara o cenário para a revelação do Cordeiro. Trata-se de uma teologia do trono que integra criação, soberania e escatologia, apresentando o Deus entronizado como o Senhor da história e da eternidade.

5.2 Criação e louvor: implicações de Apocalipse 4,11

O versículo conclusivo de Apocalipse 4 resume o sentido teológico de toda a visão do trono: “Digno és, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas; e, por tua vontade, existiram e foram criadas” (Ap 4,11). Esse hino, entoado pelos vinte e quatro anciãos diante do trono, constitui uma doxologia à criação divina, apontando para a soberania de Deus como Criador e sustentador de todas as coisas.

A forma verbal empregada, ἔκτισας (ektisas), está no aoristo ativo, indicando o ato criacional passado e completo; já ἦσαν (êsan) e ἐκτίσθησαν (ektisthêsan), no imperfeito e aoristo passivo, respectivamente, indicam a permanência e a recepção da existência a partir da vontade divina. Conforme explicado por Osborne (2014, p. 281), “o próprio Deus é o sujeito enfático, e toda a criação é o objeto; a mensagem principal é a adoração ao Criador, que torna ‘todas as coisas’ possíveis [...]”.

Essa estrutura reforça uma verdade fundamental: tudo o que existe deriva sua existência da vontade soberana de Deus. Para Beale (1999, p. 319), “a ‘vontade’ de Deus é a base de cada aspecto da criação; ele é o Alfa e o Ômega da existência [...]”. O louvor dirigido ao Criador, portanto, é mais que um reconhecimento de seu poder originário; é também uma resposta ao seu contínuo sustento da realidade.

Essa perspectiva teológica tem implicações litúrgicas e políticas. Como já sublinhado na seção anterior, o Apocalipse apresenta uma contraposição à adoração imperial. Segundo Osborne (2014, p. 282), “somente Deus, e não César, é digno de receber glória e honra, porque somente ele criou [...]”. O hino de Apocalipse 4.11, nesse sentido, funciona como uma resistência teológica contra os cultos idolátricos do Império Romano, deslocando a fonte da autoridade da terra para o céu.

A afirmação “porque tu criaste todas as coisas” também expressa o reconhecimento de que a criação participa da lógica do louvor. Em outras palavras, a existência não é neutra ou mecânica, mas responde à vontade e ao propósito divino. Como sintetiza Prigent (2020, p. 29), “a criação e o culto andam juntos no Apocalipse; a adoração é o eco da existência dada por Deus [...]”. O texto bíblico não separa cosmologia de teologia: louvar é confessar que se depende do Criador.

O paralelismo entre Apocalipse 4,11 e 5,9 também é importante. Ambos os versículos terminam suas seções litúrgicas com doxologias motivadas: o primeiro fundamentado na criação; o segundo, na redenção. Essa estrutura paralela aponta para a unidade teológica do Apocalipse, conforme já desenvolvido por Doglio (2012, p. 66), que afirma que “o cântico de louvor (4,11) torna explícito o motivo teológico do primeiro painel: a criação e a realeza de Deus sobre ela [...]”.

Em suma, Apocalipse 4,11 estabelece que a base para a soberania de Deus é a criação, e a resposta adequada da criação é o louvor. O mundo não apenas existe, mas existe em referência a Deus. A teologia do Apocalipse é, portanto, profundamente doxológica, isto é, aquilo que Deus fez (criar) e quem Deus é (digno) se encontram na proclamação litúrgica do céu.

5.3 O Livro selado: autoridade e mistério (Ap 5,1)

A transição entre os capítulos 4 e 5 do Apocalipse se dá de forma contínua e coesa, centrada agora em um novo elemento da visão celestial: o livro selado com sete selos, que está na mão direita daquele que está ocupado o trono (Ap 5,1). Este objeto simbólico conecta diretamente a soberania de Deus apresentada no capítulo anterior com a missão redentora do Cordeiro. Segundo a leitura defendida nesta dissertação, o livro selado representa o plano divino da história, oculto até ser revelado por meio de Cristo.

Stefanovic (2009, p. 202) observa que o termo grego utilizado para “livro” (βιβλίον) se refere claramente a um rolo, e que “o detalhe de que está escrito por dentro e por fora é significativo [...]”, pois denota plenitude e autoridade, à semelhança do rolo de Ezequiel 2,9-10. Ele reforça ainda que “o número sete representa perfeição e completude, e os sete selos indicam que o conteúdo está totalmente fechado até que os selos sejam progressivamente rompidos [...]” (Stefanovic, 2009, p. 202).

Essa simbologia é aprofundada por Aune (1997), que associa o livro selado à tradição judaica dos “livros celestiais”, contendo os decretos e mistérios divinos. O autor afirma que “a

incapacidade de qualquer ser de abrir o livro reflete uma antiga tradição de 'livros selados' que contêm os mistérios divinos, como encontrado em 1 Enoque 81:1–2 [...]” (Aune, 1997, p. 339). Para Aune (1997, p. 339), o diferencial da narrativa de João está na “introdução de uma figura que é simultaneamente um leão e um cordeiro sacrificado, mesclando o poder e a redenção”.

Beale (1999) argumenta que esse rolo representa um documento jurídico-administrativo selado no estilo romano, semelhante a testamentos e contratos que exigiam múltiplos selos. Ele destaca que “os sete selos indicam que o rolo não pode ser lido até que todos sejam abertos, o que implica uma abertura sequencial. Trata-se de um documento fechado, contendo uma mensagem total de Deus, refletindo padrões legais do mundo romano [...]” (Beale, 1999, p. 342–348). Essa leitura destaca tanto o caráter sagrado quanto a função institucional do objeto, unindo tradição judaica e prática documental helenística.

Prigent (2020) também reconhece a importância do livro como símbolo de revelação e autoridade. Ele rejeita a identificação com testamentos romanos, preferindo associá-lo à tradição profética e apocalíptica do Antigo Testamento: “a imagem do livro selado é relativamente frequente no AT (Is 29,11; Dn 12,4) e no judaísmo (1 Hen 89,71) [...] geralmente ligada à ideia de garantia e sobretudo de segredo velado” (Prigent, 2020, p. 242). O fato de estar escrito por dentro e por fora (opistógrafo) sugere plenitude de conteúdo, um volume que transborda revelação.

Osborne (2014) concorda com essa leitura simbólica, mas enfatiza o papel da mão direita de Deus na cena. O autor observa que “a mão direita simboliza poder e autoridade” e que o livro, estando sobre a palma aberta de Deus, “retrata a disposição divina em entregar sua revelação àquele que for digno [...]” (Osborne, 2014, p. 282). Nesse sentido, a conexão com Ezequiel 2,9-10 é fundamental: “um rolo com palavras de 'lamentos, prantos e ais' escrito 'por dentro e por fora' é mostrado nas mãos de Deus e dado ao profeta [...]” (Osborne, 2014, p. 283).

A exegese interna do texto confirma essa leitura tradicional. O texto grego apresenta o livro como escrito “ἔσωθεν καὶ ὀπίσθεν” (por dentro e por fora) e “κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτὰ” (selado com sete selos). Não há variantes léxicas ou morfológicas significativas em Ap 5,1. A única questão crítica envolve a segmentação da sentença, cuja leitura preferencial — “escrito por dentro e por fora, selado com sete selos” — é amplamente atestada pelos principais manuscritos e edições críticas.

Em síntese, o livro selado de Apocalipse 5,1 simboliza o mistério da vontade divina sobre a história e sua revelação progressiva. Sua origem direta na mão de Deus e seu conteúdo vedado até a intervenção do Cordeiro revelam tanto a autoridade como o mistério do plano escatológico de salvação. A impossibilidade de abri-lo por qualquer criatura reforça que a

história da redenção depende exclusivamente daquele que é digno, o que prepara o caminho para a figura do Cordeiro nos versículos seguintes.

5.4 O Cordeiro em pé: Cristo ressuscitado como mediador (Ap 5,6)

Apocalipse 5,6 apresenta uma imagem que tensiona duas realidades aparentemente contraditórias: “um Cordeiro em pé, como que imolado”. A expressão grega ἀρνίον ἑστηκὸς ὡς ἐσφαγμένον condensa em si a teologia joanina da cruz e da exaltação. O verbo ἑστηκὸς (“em pé”) sugere a vitória e a ressurreição, enquanto ἐσφαγμένον (“imolado”) aponta para o sacrifício redentor. Essa tensão entre morte e vida é a base da mediação do Cordeiro no Apocalipse.

Segundo Osborne (2014, p. 278), “essa é uma das mais belas combinações de metáforas de toda a Bíblia. O leão (5.5) é o cordeiro! A direção da transformação é importante: no estágio final, é o cordeiro que aparece, não o leão [...]”. Para ele, a vitória do Cordeiro não se dá pela espada, mas pelo sacrifício: “o triunfo de Cristo ocorre na cruz [...]” (Osborne, 2014, p. 280).

Beale (1999, p. 347) reforça que essa imagem do Cordeiro em pé como morto “representa uma combinação paradoxal de vitória e sacrifício, revelando que o poder escatológico de Cristo não se manifesta por força militar, mas por meio da cruz [...]”. Ele interpreta o símbolo como uma reapropriação da tradição do Servo Sofredor de Isaías 53 em chave pascal, numa fusão entre o cordeiro do Êxodo e o servo imolado (Beale, 1999).

Prigent (2020, p. 246) observa que “o cordeiro imolado está em pé, bem vivo, apesar de seu ferimento mortal [...]”, o que evoca uma cristologia pascal na qual a morte é simultaneamente fonte de vitória e garantia de vida. O autor acrescenta que “o desígnio do Criador já tende na direção do acontecimento pascal [...]” (2001, p. 412), indicando que o plano divino da salvação em Cristo antecede a própria criação. A ressurreição foi compreendida pela igreja primitiva como entronização de Jesus” (HAYES, 1968, p. 215).

O Cordeiro não aparece isolado, mas no “meio do trono e dos quatro seres vivos e no meio dos anciãos” (Ap 5,6), sinalizando sua posição central na mediação entre Deus e a criação. Stefanovic (2009, p. 205) ressalta esse aspecto quando afirma que “o Cordeiro ocupa o centro da cena celestial, entre o trono e os seres vivos, indicando sua função intermediária e seu papel mediador [...]”. A disposição espacial da visão é teologicamente significativa: o Cordeiro ressuscitado é aquele que conecta o céu e a terra, o trono e as nações.

O número simbólico dos “sete chifres e sete olhos” reforça a plenitude de autoridade e onisciência atribuída ao Cordeiro. Conforme esclarecido por Osborne (2014), os sete chifres

são símbolo de poder completo, e os sete olhos representam a plenitude do Espírito, isto é, o Espírito de Deus enviado à terra. A associação com os “sete espíritos de Deus enviados por toda a terra” (Ap 5,6d) fortalece a imagem do Cristo glorificado como canal do Espírito e executor da missão divina na história (cf. Ap 1,4; 3,1; 4,5).

Do ponto de vista narrativo e teológico, essa imagem do Cordeiro em pé como morto estabelece o fundamento para a sua ação seguinte: tomar o livro da mão de Deus (Ap 5,7), iniciando a revelação escatológica. A mediação de Cristo ocorre entre o trono e o mundo, entre o plano divino e sua execução na história. Conforme resumido por Stefanovic (2009, p. 207), “o Cordeiro não apenas é digno de abrir os selos, mas sua morte e ressurreição são a própria base da revelação [...]”.

Essa mediação culmina na adoração universal ao Cordeiro, que recebe o mesmo louvor reservado a Deus (Ap 5,12-13), evidenciando a unidade entre o Pai e o Filho na economia da salvação. Osborne (2014, p. 285) destaca que “o capítulo 5 retrata a transferência de autoridade de Deus para o Cordeiro [...]”, configurando um cenário de entronização messiânica.

Com isso, João apresenta o Cordeiro como mediador absoluto, cuja morte e ressurreição fundamentam tanto a revelação quanto o destino escatológico da criação.

5.5 A redenção para Deus: interpretações de Apocalipse 5,9

Um dos momentos mais teologicamente ricos do capítulo é o cântico novo dos quatro seres e dos vinte e quatro anciãos: “[...] foste morto e com teu sangue compraste para Deus a nós [...]” (Ap 5,9). A variante textual mais debatida neste versículo está no pronome ἡμᾶς (nós), presente em manuscritos antigos, mas omissos ou substituído por αὐτούς (eles), em outros. O UBS5 opta por colocá-lo entre colchetes, sinalizando incerteza ({C}).

A leitura com “nós” sugere que os próprios seres celestiais se identificam com os redimidos — uma interpretação rica em implicações litúrgicas e eclesiológicas, conforme demonstrado em Metzger (1994, p. 749). Essa universalidade da redenção é reforçada pela repetição dos quatro grupos humanos: tribo, língua, povo e nação — abrangendo todas as identidades socioculturais.

O versículo de Apocalipse 5.9 apresenta o cântico novo entoado pelos seres celestiais diante do Cordeiro: “Tu foste imolado e com teu sangue redimiste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação [...]” (Ap 5,9). A expressão “redimiste para Deus” (ἡγόρασας τῷ θεῷ) concentra significados teológicos densos, tanto do ponto de vista da tradição veterotestamentária quanto da cristologia joanina. O verbo ἀγοράζω, empregado com o dativo

τῷ θεῷ (“para Deus”), evoca a ideia de aquisição por preço, remetendo diretamente à linguagem do mercado e da redenção cultural (Prigent, 2001).

A referência à compra “para Deus” com o sangue do Cordeiro faz clara alusão à Páscoa. Segundo Prigent (2020, p. 249), a redação desse versículo “[...] celebra a redenção pascal” e associa o sacrifício do Cordeiro de Apocalipse à libertação de Israel no Êxodo, em que o sangue do cordeiro marcou a salvação do povo. A linguagem é claramente soteriológica, mas também litúrgica: o cântico novo celebra o efeito salvífico do sangue derramado, que resgata os seres humanos da condição de servidão cósmica.

O contexto do versículo reafirma o caráter universal da salvação operada por Cristo: homens de “toda tribo, língua, povo e nação” são redimidos. A fórmula quádrupla ocorre repetidamente no Apocalipse (Ap 5,9; 7,9; 13,7; 14,6), enfatizando a abrangência escatológica da redenção e sua conexão com a missão do povo de Deus, conforme Osborne (2014). O autor destaca que a escolha do dativo “para Deus” (τῷ θεῷ) no versículo “[...] revela que o objetivo da redenção não é apenas o benefício dos redimidos, mas a recondução desses ao serviço divino” (Osborne, 2014, p. 285).

A perspectiva de Osborne (2014) se articula à de Stefanovic (2009), que vê em Apocalipse 5,9 um eco deliberado do evento do Êxodo. Segundo Stefanović (2009, p. 213; 447), a linguagem de Apocalipse 5,9–14 apresenta a redenção como uma libertação da condição de cativo, realizada pela morte vitoriosa do Cordeiro, que torna possível a salvação de pessoas de toda tribo, língua, povo e nação. O autor explica que a expressão “redimidos” funciona como metáfora para a libertação da escravidão, ressaltando assim o alcance universal e libertador do sacrifício de Cristo. O verbo ‘compraste’ (ἐγόρασας) com o sangue do Cordeiro reflete a teologia da redenção por meio do sacrifício, agora reinterpretada cristologicamente” (Stefanovic, 2009, pp. 206–207).

Beale (1999) complementa essa leitura ao apontar que o uso do termo remete ao vocabulário da Septuaginta, particularmente à linguagem da redenção de Israel como propriedade exclusiva de Deus (cf. Ex 19,5-6). Para o autor, “[...] os que são redimidos não pertencem mais ao mundo, mas foram transferidos para a esfera do domínio divino e missionário” (Beale, 1999, p. 358). Assim, a redenção não é apenas salvação, mas também consagração e incorporação a um novo povo sacerdotal.

Essa compreensão é reforçada por Aune (1997, p. 346), ao observar que “[...] a doxologia de Apocalipse 5,9–10 segue a lógica da liturgia sinagoga, na qual a redenção do passado é celebrada como garantia da salvação escatológica”. O Cordeiro imolado se torna,

nesse cântico, o novo agente da libertação pascal, aquele que realiza definitivamente o que o Êxodo apenas prenunciou.

A tradução preferencial do versículo, segundo a UBS5 — “redimiste para Deus” (τῷ θεῷ) — recebe apoio da crítica textual por se tratar da forma mais curta e mais difícil (*lectio brevior et difficilior*), considerada, portanto, original. As demais variantes (como ἡμᾶς — “a nós”) parecem tentativas de explicitação teológica ou de harmonização litúrgica, mas perdem a ênfase da redação mais concisa, que coloca Deus como o fim da redenção.

Portanto, Apocalipse 5,9 expressa, de modo concentrado e litúrgico, a essência da cristologia apocalíptica: o Cordeiro que foi morto redime para Deus um povo de todas as nações, mediante seu sangue, e os constitui para o serviço sacerdotal e régio. Stewart (2020, p. 98) destaca que o culto fiel, além de indicar quem será salvo, possui um caráter profundamente transformador, pois permite ao adorador perseverar ao proporcionar uma visão mais clara da realidade e ao reformular prioridades, valores e desejos segundo a perspectiva de Deus.. Trata-se de uma redenção que reconduz à comunhão com Deus e à participação ativa em sua missão no mundo.

5.6 Reino e sacerdócio: vocação dos redimidos (Ap 5,10)

A declaração teológica de Apocalipse 5,10 — “e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra” — ocupa um lugar central na antropologia teológica do livro. A doxologia dirigida ao Cordeiro não apenas reconhece seu ato redentor, mas celebra sua eficácia. Por meio do sangue derramado, homens e mulheres são transformados em agentes do governo e do culto divino.

De acordo com Osborne (2014), João retoma aqui Êxodo 19,6; em que Israel é chamado a ser “reino de sacerdotes”, mas o aplica agora à comunidade messiânica. O texto “torna explícito o que estava implícito em Ap 1.6: os redimidos não apenas pertencem ao Reino, mas também reinam com Cristo nesse Reino” (Osborne, 2014, p. 279). A linguagem sacerdotal reforça a vocação espiritual dos salvos, enquanto a linguagem régia afirma sua autoridade escatológica.

Beale (1999, p. 357) interpreta que, em Apocalipse 5,10, a linguagem sacerdotal aplicada aos redimidos indica não apenas o privilégio de acesso a Deus, mas também a responsabilidade de exercer uma função ativa de mediação e adoração diante d’Ele.

A conjugação entre “reino” (βασιλείαν) e “sacerdotes” (ιερεῖς) não é apenas simbólica, mas funcional. Para Prigent (2020, p. 257), “Deus, por intermédio de Cristo, libertou os

homens da servidão do mundo, tornou-os um povo santo, investido de uma missão sacerdotal como Cristo, cuja realeza é partilhada por eles [...]”. Essa designação de sacerdotes e reis refere-se, portanto, a uma vocação ativa, mediante a qual os redimidos servem como ponte entre Deus e o mundo.

Stefanovic (2009) também observa que o sacerdócio dos redimidos não é meramente cerimonial, mas vocacional. Essa dupla designação ecoa a teologia da nova aliança, em que cada crente tem acesso direto a Deus e compartilha da autoridade de Cristo.

Além disso, a vocação sacerdotal está ligada ao culto e à missão. Osborne (2014, p. 280) afirma que “[...] os santos servem a Deus por meio da adoração e do testemunho”, e que “esse serviço sacerdotal tem uma dimensão universal: é parte do chamado missionário de proclamar o evangelho às nações”.

A tensão entre presente e futuro está igualmente presente na expressão. Embora o reinado definitivo dos santos ainda aguarde consumação, a teologia joanina assume a forma de uma escatologia inaugurada: os redimidos já participam do reino e do culto divinos, antecipando a plenitude escatológica.

Portanto, Apocalipse 5,10 expressa não apenas uma identidade (quem são os redimidos), mas uma função (o que fazem) e uma esperança (o que receberão). Ao constituir o reino e sacerdotes, o Cordeiro não apenas os resgata, mas os transforma em agentes do culto e do governo de Deus, ou seja, Ap 5,10 afirma que os redimidos não apenas recebem identidade, mas também função e missão: participar do governo de Cristo e servir como sacerdotes no culto escatológico.

5.7 A Doxologia cósmica e a divindade do Cordeiro (Ap 5,13)

Apocalipse 5.13 culmina a grande liturgia celeste dos capítulos 4 e 5 com uma doxologia que envolve todas as criaturas da criação – celestiais, terrenas, subterrâneas e marinhas – em louvor conjunto àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro. Essa cena universal de adoração é uma das afirmações mais explícitas da divindade do Cordeiro em todo o Novo Testamento.

Osborne (2014, p. 286) observa que “[...] agora todo ser criado no universo se reúne às hostes angélicas para oferecer louvor ao Cordeiro”, e que essa aclamação cósmica “[...] conclui não apenas a adoração ao Cordeiro no capítulo 5, mas também a adoração a Deus e ao Cordeiro em toda a visão da sala do trono” (Osborne, 2014, p. 286). O conteúdo da doxologia repete

elementos do Antigo Testamento, como em 1Cr 29,11, em que louvor, honra, glória e poder são atribuídos exclusivamente a Deus, mas aqui são conferidos igualmente ao Cordeiro.

Prigent (2020, p. 259) ressalta que o verso 13 apresenta "[...] todo o Universo pronunciando em uníssono a doxologia", num movimento que "começa com o canto dirigido ao Deus criador para terminar no louvor do Deus redentor em Jesus Cristo". Essa transição da adoração ao Criador para a adoração ao Redentor revela uma cristologia elevada, na qual Jesus é integrado plenamente à esfera da divindade. Para Bauckham (1993, p. 61), a cristologia joanina do Apocalipse transforma a teologia do trono em teologia da cruz exaltada.

Aune (1997, p. 348) reforça esse aspecto ao destacar que "[...] a doxologia que reverbera em Apocalipse 5 é construída com base em cânticos do Antigo Testamento, como Salmos 96 e 98, que enfatizam a justiça divina e o poder salvador de Deus". Assim, o louvor ao Cordeiro não representa um acréscimo secundário à glória de Deus, mas a consumação da revelação de sua ação salvífica na história.

Beale (1999, p. 360) destaca que essa cena de Ap 5,13 é o ponto máximo da identificação do Cordeiro com Deus, pois ele "[...] compartilha com Deus a adoração universal, o que no monoteísmo bíblico implica igualdade ontológica". O autor observa que essa doxologia forma uma unidade com Ap 5,12, na qual os atributos divinos são primeiramente dirigidos ao Cordeiro e, em seguida, reiterados por toda a criação a Deus e ao Cordeiro juntos – encerrando assim a seção com uma teologia trinitária implícita.

A unidade do Pai e do Cordeiro é realçada também por Osborne, que afirma: “A adoração a Deus (4.8-11) leva à adoração ao Cordeiro (5.8-12), que resulta na adoração de toda a criação a Deus e ao Cordeiro (5.13). Fica claro que Deus e o Cordeiro são um” (Osborne, 2014, p. 285).

A expressão final da doxologia – “ao que está assentado no trono e ao Cordeiro, sejam o louvor, a honra, a glória e o poder pelos séculos dos séculos” – ecoa a linguagem cúltica veterotestamentária e sintetiza a teologia de toda a visão: Deus é adorado como Criador, o Cordeiro como Redentor, e ambos como participantes plenos da glória eterna.

Essa doxologia cósmica, portanto, não apenas consoma a adoração dos capítulos 4 e 5, mas legitima teologicamente a identidade divina do Cordeiro. Ao receber o mesmo louvor conferido ao Deus entronizado, o Cordeiro é apresentado como objeto de fé, esperança e culto da comunidade cristã. Em uma época marcada pela idolatria imperial, o Apocalipse proclama que o verdadeiro Senhor do universo é aquele que foi morto e vive, exaltado no centro do trono.

Dessa maneira, a doxologia cósmica encerra a cena do trono declarando a plena divindade de Cristo, confirmando que a adoração que cabe a Deus é igualmente dirigida ao Cordeiro.

5.8 Considerações finais da reflexão teológicas

Portanto, os capítulos 4 e 5 do Apocalipse de João apresentam-se como o pórtico teológico de toda a revelação escatológica subsequente. A análise dos temas centrais desses capítulos – o trono de Deus, a criação, o livro selado, a mediação do Cordeiro e a adoração cósmica – revela uma estrutura teológica progressiva que parte da soberania divina e culmina na glorificação do Cordeiro como co-recipiente da adoração universal.

A centralidade do trono, como símbolo da autoridade divina, é reiterada por sua posição no início da visão (Ap 4,2), pelos elementos teofânicos que o acompanham (Ap 4,5) e pela liturgia dirigida àquele que nele está entronizado (Ap 4,8–11). O trono funciona, assim, como eixo narrativo e teológico, remetendo às teofanias de Isaías e Ezequiel e contrapondo-se implicitamente ao trono imperial romano (Stefanovic, 2009, p. 191-192; Osborne, 2014, p. 270; Beale, 1999, p. 313).

A mediação do Cordeiro é o eixo da transição entre a soberania do Criador e a redenção escatológica. A figura do “Cordeiro em pé como imolado” (Ap 5,6) incorpora a lógica pascal da vitória pela cruz, revelando que o plano divino está centrado na ação redentora de Cristo (Beale, 1999, p. 347; Prigent, 2001, p. 240).

A culminância se dá na doxologia cósmica (Ap 5,13), em que toda a criação louva a Deus e ao Cordeiro com a mesma linguagem cultica, expressando, assim, a plena divindade do Redentor. Essa cena de adoração universal confirma a unidade entre Deus e o Cordeiro na economia da salvação e antecipa o escopo escatológico e da restauração (Aune, 1997, p. 348; Osborne, 2014, p. 286; Prigent, 2001, p. 259).

Por fim, ressalta-se que, do ponto de vista narrativo, os capítulos 4 e 5 estabelecem o pano de fundo da revelação: Deus reina, o livro da história está em suas mãos e somente o Cordeiro é digno de desvelar o plano divino. Do ponto de vista teológico, essa unidade é profundamente trinitária, doxológica e cristocêntrica, revelando uma escatologia orientada não pela catástrofe, mas pela adoração, pela missão e pela mediação.

6 CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo principal analisar, à luz da exegese e da teologia bíblica, a unidade literária e teológica formada pelos capítulos 4 e 5 do livro do Apocalipse, com ênfase na entronização de Cristo como Cordeiro redentor. Desde a introdução, destacou-se que tais capítulos ocupam uma posição estratégica na macroestrutura do Apocalipse, funcionando como transição entre as mensagens às igrejas da Ásia Menor (Ap 2–3) e a revelação dos juízos divinos (Ap 6ss). Trata-se de uma cena visionária central, que desloca o foco da realidade histórica terrestre para o trono celeste, onde o governo de Deus e a dignidade do Cordeiro são revelados por meio de símbolos, hinos e estruturas litúrgicas.

No primeiro capítulo, foi realizada a fundamentação exegética e a delimitação da perícope de Apocalipse 4–5 como uma unidade teológica. Ficou demonstrado, por meio da análise da continuidade temática, da presença dos mesmos personagens celestiais, da progressão dos hinos e da centralidade do trono, que os dois capítulos constituem um bloco coeso e interdependente. Identificou-se ainda a lógica cúltica da estrutura, que parte da adoração ao Deus Criador para culminar na entronização do Cordeiro. A definição da perícope foi cuidadosamente delimitada em relação aos capítulos anteriores e subsequentes, demonstrando que Ap 4–5 se destaca como uma introdução litúrgico-teológica à seção escatológica do livro.

O segundo capítulo desenvolveu uma crítica textual detalhada da perícope, com base na edição UBS5 do texto grego. Foram analisadas variantes relevantes que afetam diretamente a interpretação exegética e teológica de passagens como Ap 4,11; 5,9–10; 5,13, entre outras. Essa análise demonstrou que decisões filológicas podem implicar mudanças significativas na compreensão da soberania divina, da identidade dos redimidos e da natureza da mediação do Cordeiro. As escolhas da edição crítica foram avaliadas com base nos critérios clássicos da crítica textual (*lectio difficilior*, *lectio brevior*), contribuindo para uma leitura mais precisa e teologicamente fundamentada do texto.

O terceiro capítulo concentrou-se na estrutura retórico-literária dos capítulos, destacando os quatro movimentos principais da liturgia celestial: convocação profética, exaltação do Criador, entronização do Cordeiro e doxologia cósmica. Essa progressão foi explorada por meio de segmentações detalhadas, análise de expressões cúlticas e do uso de paralelismos simbólicos, litúrgicos e estruturais. Verificou-se que a forma literária da perícope sustenta sua mensagem teológica, e que o autor do Apocalipse emprega recursos retóricos

como repetição, quiasmo e crescendo litúrgico para intensificar a centralidade cristológica da visão.

O quarto capítulo aprofundou o estudo dos paralelismos entre Apocalipse 4 e 5. Destacaram-se elementos como a simetria entre o trono e o Cordeiro, o uso do número sete como princípio organizador, a progressão dos hinos e a correspondência entre criação e redenção. A visão do trono em Ap 4 prepara o cenário para a entronização do Cordeiro em Ap 5, revelando que a soberania divina não se manifesta apenas na criação, mas também na história redentora inaugurada pela morte e ressurreição de Cristo. O paralelismo entre Leão e Cordeiro, entre Trono e Livro, e entre Criação e Adoração Universal revela a coesão teológica da unidade estudada.

No quinto e último capítulo, as reflexões teológicas sistematizaram os principais eixos temáticos da perícope: a centralidade do trono como símbolo da soberania divina; a criação como fundamento da adoração; o livro selado como representação do plano divino oculto; o Cordeiro como figura do Cristo ressuscitado e mediador; e a adoração cósmica como resposta litúrgica da criação à revelação da divindade do Cordeiro. Essa seção demonstrou que Apocalipse 4–5 constitui não apenas uma introdução narrativa, mas o verdadeiro centro doutrinário do livro, onde convergem cristologia, escatologia e liturgia.

A partir dessa trajetória, pode-se afirmar que a entronização do Cordeiro representa o ponto culminante da revelação joanina: o Cristo imolado e ressuscitado é declarado digno de abrir o livro selado e de conduzir os desígnios de Deus sobre a história. O uso reiterado do termo “ἄξιος” (digno), os títulos messiânicos atribuídos ao Cordeiro, e a equiparação do louvor ao trono e ao Cordeiro evidenciam uma cristologia elevada, que afirma a divindade de Cristo e sua participação plena na soberania de Deus. A mediação do Cordeiro não é apenas soteriológica, mas escatológica e cósmica.

Além disso, a liturgia descrita em Ap 4–5 serve como chave hermenêutica para todo o livro: a adoração que parte do céu e alcança a criação inteira antecipa a escatologia da restauração. A cena do trono e do Cordeiro revela que a história humana não é regida pelo caos, mas orientada pelo governo do Cristo entronizado. A vitória do Leão que é Cordeiro subverte expectativas messiânicas e afirma que a salvação se dá por meio do sacrifício, não da força. O trono, o livro e o Cordeiro, unidos em um díptico teológico, organizam não apenas a narrativa do Apocalipse, mas a própria teologia da esperança cristã diante da perseguição e do sofrimento histórico.

Dessa forma, Apocalipse 4–5 não é apenas um prólogo escatológico, mas a matriz teológica da revelação apocalíptica. O trono, o livro e o Cordeiro formam o tríptico que

organiza a narrativa, estrutura a liturgia e revela o coração da fé cristã: o Cristo ressuscitado reina e governa com justiça e misericórdia. A Igreja é, portanto, chamada a reconhecer essa soberania e a unir-se à adoração que ecoa eternamente no céu. A perícopes estabelece o fundamento teológico da autoridade do Cordeiro para abrir os selos, desencadear os juízos e conduzir a criação à sua consumação escatológica.

Dessa forma, os resultados aqui apresentados não encerram o percurso exegético-teológico iniciado, mas antes o projetam para uma etapa posterior. A continuidade desta pesquisa, em nível de doutorado, buscará responder com maior amplitude à questão fundamental da influência das Escrituras judaicas na formação da cristologia e da liturgia apocalípticas. O estudo futuro aprofundará a relação entre trono, templo e Cordeiro à luz da tradição profética e cultural de Israel, consolidando, assim, a contribuição iniciada neste trabalho.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ALAND, K.; ALAND, B. **The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

ALAND, B. et al. **The Greek New Testament**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014. (UBS5).

ALLO, E. B. **L'Apocalypse de Saint Jean**. Paris: Gabalda, 1921.

ALTER, R. **The Art of Biblical Poetry**. New York: Basic Books, 1985.

ANDROSOVA, V. A. Книга, запечатанная семью печатями (Откр 5,1): три ярких святоотеческих толкования. **Вестник ПСТГУ. Богословие. Философия**, n. 1(45), pp. 71-90, 2013.

ARAÚJO, M. F.; SOUZA, C. B. O número sete em Apocalipse 4,1–11,19: simbologia e estrutura do texto. **Reflexus**, v. 17, n. 2, pp. 546-555, 2023.

AUNE, D. E. **Revelation 1–5**. v. 52A. Dallas: Word, Incorporated, 1997. E-book [Logos Bible Software].

AUNE, D. E. **Revelation 1–5**. (Word Biblical Commentary, v. 52A). Dallas: Word Books, 1998.

BARANEK, P. Lew z pokolenia Judy “Nomos” i “ho nomos” w Liście do Rzymian. Chrystocentryczna reinterpretacja Rdz 49,9 w Ap 5,5. **Nomos**, 2016.

BARANEK, W. Lew z pokolenia Judy: chrystocentryczna reinterpretacja Rdz 49,9 w Ap 5,5. **Verbum Vitae**, v. 38, pp. 3-5, 2020.

BARKER, M. Enthronement and Apotheosis: The Vision in Revelation 4–5. In: BARKER, M. (ed.). **The Great High Priest**. Leiden: Brill, 1999. pp. 221–234.

BARROS, A. T. **A macroestrutura do Apocalipse de São João: exposição histórica e análise comparativa**. Lima: Universidad Peruana Unión, 2019.

BARROS, C. E. S. **A estrutura literária do Apocalipse: uma análise do texto e de seus paralelismos internos**. São Paulo: Paulus, 2019.

BAUCKHAM, R. **The Theology of the Book of Revelation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação** / G. K. Beale; tradução de A. G. Mendes. - São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. **The book of Revelation: a commentary on the Greek text**, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999).

BECKWITH, I. T. **The Apocalypse of John**. Grand Rapids: Baker, 1979.

BERLIN, A. Poetry. In: FREEDMAN, D. N. (ed.). **Anchor Bible Dictionary**. v. 5. New York: Doubleday, 1992. pp. 155-162.

BÍBLIA SAGRADA. **Revista e ampliada**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BLACK, D. A. **New Testament Textual Criticism: A Concise Guide**. Grand Rapids: Baker, 1994.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. W. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BRATCHER, R. G.; HATTON, H. **A Handbook on the Revelation to John**. New York: United Bible Societies, 1993. (UBS Handbook Series).

COLLINS, A. Y. **Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse**. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

COLLINS, A. Y. **The Combat Myth in the Book of Revelation**. Missoula, MT: Scholars Press, 1976.

COLLINS, J. J. **A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (orgs.). **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005. p. 1227.

DAVIS, R. D. **The Heavenly Court Judgment of Revelation 4–5**. Lanham: University Press of America, 1992.

DOGLIO, C. **Apocalisse: introduzione, traduzione e commento**. Milano: Edizioni San Paolo, 2012.

DOGLIO, M.-L. **Apocalisse di Giovanni: una lettura esegetica e retorica**. Milano: Edizioni San Paolo, 2012.

DU RAND, J. A. The narratological function of the hymns in Revelation 4,1–5,15. **Neotestamentica**, v. 25, pp. 33-45, 1991.

EHRMAN, B. D. **The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament**. New York: Oxford University Press, 1993.

EPP, E. J. **Perspectives on New Testament Textual Criticism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

FEE, G. D. **Revelation**. Eugene: Cascade Books, 2011.

FIORENZA, E. S. **Revelation: Vision of a Just World**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1991.

GALLUSZ, L. Thrones in the Book of Revelation. Part 1: Throne of God. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 23, n. 2, pp. 30-33, 2012.

GALLUSZ, L. Thrones in the Book of Revelation: Part 1 – Throne of God. **Journal of the Adventist Theological Society**, Berrien Springs, v. 23, n. 2, pp. 30–71, 2012.

GRAJCZYK, R. Liturgia Apokalipsy jako wyraz wiary Kościoła w Jezusa Chrystusa na podstawie Ap 4–5. Analiza lingwistyczno-teologiczna. **Scriptura Sacra**, v. 27, 2023, p. 245-322.

HAYES, J. H. The Resurrection as Enthronement and the Earliest Church Christology. **Interpretation**, v. 22, n. 3, pp. 213–225, 1968.

KEMPSON, W. R. **Theology in the Revelation of John as a Possible Key to its Structure and Interpretation**. 1982. 182f. Tese (Doutorado) – Southern Baptist Theological Seminary, 1982.

KOWALSKI, B. The open door of heaven: reflections on the book of Revelation, chapters 4 and 5. **Studia Koszalińsko-Kołobrzeskie**, v. 23, pp. 89-92, 2016.

KOESTER, C. R. **Revelation and the End of All Things**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2018.

KRODEL, G. A. **Revelation**. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

LENSKI, R. C. H. **The Interpretation of St. John's Revelation**. Minneapolis: Augsburg, 1963.

LOENERTZ, R.-J. **The Apocalypse of Saint John**. New York: Sheed & Ward, 1947.

LOWTH, R. **De sacra poesi Hebraeorum**. Oxford: s.n., 1753.

LUND, N. W. **Chiasmus in the New Testament: A Study in Formgeschichte**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1992.

MAREANO, M. A. A. Da poesia ao mistério divino: o itinerário mistagógico dos hinos do Apocalipse. **Teoliterária**, v. 10, n. 22, pp. 89-103, 2020.

MAREANO, M. A. A. **Para uma abordagem dos hinos do Apocalipse: uma discussão metodológica**. **Fronteiras**, Recife, v. 3, n. 2, pp. 570–584, jul./dez. 2020.

METZGER, B. M. **The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1994.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORTON, R. S. **One upon the Throne and the Lamb: A Tradition-historical/Theological Analysis of Revelation 4–5**. New York: Peter Lang, 2007.

MOUNCE, R. H. **The Book of Revelation**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997. (The New International Commentary on the New Testament).

MOWINCKEL, S. **The Psalms in Israel's Worship**. v. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1962.

MOWRY, L. Revelation 4–5 and Early Christian Liturgical Usage. **Journal of Biblical Literature**, v. 71, n. 1, pp. 55–72, 1952.

MOT, L. F. **Morphological and Syntactical Irregularities in the Book of Revelation: A Greek Hypothesis**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/117563649>. Acesso em: 30 set. 2025.

MUILENBURG, James. Poetry. In: ROTH, Cecil; WIGODER, Geoffrey (eds.). **Encyclopaedia Judaica**. v. 13. Jerusalem: Keter Publishing House, 1972. cols. 671-681.

MÜLLER, E. **Microstructural Analysis of Revelation 4–11**. Berrien Springs: Andrews University, 1994.

MÜLLER, E. **Microstructural Analysis of Revelation 4–11**. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, 1998.

MÜLLER, E. Recapitulation in Revelation 4–11. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 9, n. 1-2, pp. 260-277, 1998.

MÜLLER, E. Recapitulation in Revelation 4–11. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 9, n. 1–2, pp. 260–277, 2000.

OMANSON, R. L.; METZGER, B. M. **A Textual Guide to the Greek New Testament: An Adaptation of Bruce M. Metzger's Textual Commentary for the Needs of Translators**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

OSBORNE, G. R. **Revelation**. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

OSBORNE, G. R. **Apocalipse: comentário exegético**. Trad. R. Malkomes; T. A. Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PAROSCHI, W. **Crítica textual do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999. Reimpr. 2010.

PAULIEN, J. O intérprete e o uso dos escritos de Ellen G. White. In: HOLBROOK, F. B. (org.). **Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012. v. 6, pp. 181–191. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas).

PRIGENT, Pierre. **O apocalipse de São João**. Tradução de Nicolás Campa. São Paulo: Edições Loyola, 2020. (Bíblica Loyola, 78).

SHEA, W. H. **Interpretação profética: volume 1**. Brasília, DF: Instituto Adventista de Ensino e Pesquisa – DARCOM, 2. ed., [2012].

SILVA, C. M. D. **Metodologia de exegese bíblica: versão 2.0**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022. (Coleção Ciências Bíblicas).

STEFANOVIC, R. **La Revelación de Jesucristo: comentario del libro del Apocalipsis**. 2. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2009.

STEWART, Alexander E. “‘Worthy is the Lamb!’: Transformative and Saving Worship in Revelation.” **Faithful Lives**, vol. 5, 2020, pp. 93–103.

STRAND, K. A. The “Victorious-Introduction” Scenes in the Visions in the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 25, n. 3, pp. 267-270, 1987.

SWETE, H. B. **The Apocalypse of St John: The Greek Text with Introduction, Notes and Indices**. 3. ed. London: Macmillan, 1906.

THOMAS, R. L. **Revelation 1–7: An Exegetical Commentary**. Chicago: Moody Press, 1992.

TRAIL, R. L. **An Exegetical Summary of Revelation 1–11**. Dallas: SIL International, 2008.

WALLACE, D. B. **Greek Grammar Beyond the Basics: An Exegetical Syntax of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

WEINRICH, W. C. **Latin Commentaries on Revelation: Victorinus of Petovium, Apringius of Beja, Caesarius of Arles, Bede the Venerable**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2011.

Referências Eletrônicas

GODOI, M.; SILVEIRA, L. S. O caráter litúrgico do Apocalipse. **Sapientia: estudos de teologia e espiritualidade**, Belém, v. 1, n. 2, pp. 23–36, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.fatebe.edu.br/index.php/sapientia/article/view/13>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MOT, L. F. **Morphological and Syntactical Irregularities in the Book of Revelation: A Greek Hypothesis**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/117563649>. Acesso em: 30 set. 2025.

RIEKERT, S. J. P. K. Grammatical case in the text of Revelation 4 and 5. **Acta Theologica**, v. 23, n. 2, pp. 255–273, 2010. Disponível em: https://scholar.ufs.ac.za/bitstream/handle/11660/7109/theolog_v23_n2_a12.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.